

4. A evidência arqueológica

4.1 O espaço dos vivos

4.1.1 As vias de comunicação

Todos os núcleos urbanos medievais estavam ligados por caminhos e estradas, podendo distinguir-se três tipos de vias: as de importância trans-regional, as de carácter regional e as de nível local. As primeiras são as mais fáceis de determinar, até porque muitos destes caminhos medievais principais percorriam os trilhos já definidos pelos romanos. Numa análise mais regional, como aquela que se pretende aqui efectuar, é ainda possível identificar alguns caminhos que ligavam as principais povoações dessa região. Contudo, ao nível dos caminhos locais, apenas uma documentação abundante e rica permitiria a um investigador vislumbrar alguns destes percursos, situação que não ocorre nesta área para a época a que este trabalho se reporta.

4.1.1.1 O nível trans-regional

Ao nível trans-regional a encosta Sudoeste da Serra da Estrela era percorrida por duas grandes vias: a *via Colimbriana* e a via romana *Emerita/Bracara-Augusta*, no troço que atravessava a serra. A primeira ligava Cidade Rodrigo a Coimbra passando por Castelo Bom, Linhares, Gouveia, Seia, Santa Ovaia, Coja, Arganil e Penacova (Mattoso, 1987, p. 11-12) e que corresponde à denominada *Estrada da Beira*, da qual haveria ligações para Viseu, Lamego e Covilhã (Coelho et al., 1996, p. 187). A antiguidade desta estrada é impossível de estabelecer, mas ela percorre um caminho natural de acesso do interior da península ao litoral atlântico, ligando a antiga via romana da Prata (que ligava Mérida, Salamanca e Astorga) a Coimbra e consequentemente à costa. Todas as povoações acasteladas, que se situam na faixa delimitada de um lado pela Serra da Estrela e do outro pelo Rio Mondego, estão documentadas desde o século XII (Mattoso, 1987, p. 11-12). Ainda que não existam na área de estudo indícios que permitam delinear com alguma precisão o seu percurso, não é inverosímil pensar que ela passaria junto a Celorico, e daí seguiria mais ou menos o percurso da actual EN17.

A segunda via principal atravessava transversalmente a área deste estudo, iniciando a travessia da Serra na encosta Sudeste, mais precisamente em Valhelhas e percorreria todo o planalto serrano, descendo a serra na área de Folgoso. O traçado desta via é igualmente difícil de estabelecer neste seu troço serrano, mas existem alguns indícios que permitiram propor algumas hipóteses para a reconstituição do seu percurso. Em 1993, Jorge de Alarcão publica na “Arqueologia da Serra da Estrela” um traçado hipotético para esta via: “vinda de Valhelhas e de Famalicão a estrada cortaria direita da Quinta da Taberna a Folgoso, ou tomaria o rumo de Videmonte e daqui viria a Folgoso. O percurso da Calçada dos Galhardos deixa supor uma ligação a Gouveia, talvez contornando pelo sul a serra de S. Tiago ou descendo em linha recta de Folgoso até àquela cidade” (Alarcão, 1993, p. 21). Daí a estrada seguirá para Abrunhosa-a-Velha, onde atravessaria o Mondego (Alarcão, 1993, p. 24).

O percurso entre os Castelinhos e os Galhardos é bastante dúbio. José Ruivo e Pedro Carvalho chegam a propor que a via pudesse bifurcar nos Castelinhos, seguindo uma das

vias o vale da Ribeira de Quêcere, Lajoeiras, Corredor dos Mouros, Quinta do Vale Direito e Assedace, onde transporia o rio (Ruivo e Carvalho, 1996, p. 82-85). Dos Galhardos seguiria então para Folgoso, onde estes autores pressupõem a existência de uma *mansio* (Ruivo e Carvalho, 1996, p. 82). Daqui ligaria ao Freixo, Melo, Nabais, S. Paio e Nespereira entroncando seguidamente com a via da Bobadela para depois passar o Mondego perto das *villae* do Risado e Aljão. Também a travessia do Mondego no sopé da montanha é discutível, já que quer Alarcão, quer Ruivo e Carvalho admitem a possibilidade do atravessamento perto da Quinta dos Padres, mas os dois últimos autores consideram igualmente a hipótese da via seguir mais a Oeste junto do Aljão ou do Risado (Ruivo e Carvalho, 1996, p. 85).

O percurso proposto por Ruivo e Carvalho, que pressupõe uma travessia em Assedace, é bastante longo e atravessa áreas muito declivosas, pelo que se poderá pensar numa travessia em Assedace para uma via medieval que então seguiria a direcção da Covilhã e não da Quinta da Taberna. Face à importância da Covilhã como núcleo populacional medieval justifica-se que houvesse uma ligação ao planalto da serra onde esta vila, juntamente com Gouveia, Linhares e Folgoso, disputava pastos (Pina, 1998, p. 50) e daí uma ligação que permitisse a passagem da serra para norte.

Assim, a via romana devia tomar um percurso mais directo entre a Quinta da Taberna e a Calçada dos Galhardos, não passando certamente longe do Casal das Pias¹¹ e do Reigoso¹². De Folgoso, a via deveria seguir por Freixo e Melo, seguindo a meia encosta até perto de Gouveia. A partir daqui, a via deveria descer em direcção ao rio por Nespereira e daí ao Arcozelo e Risado e efectuar efectivamente a travessia do Rio junto à Quinta dos Padres onde a passagem não se apresenta muito difícil. Em alternativa, a via poderia seguir de Nespereira a direcção do Aljão e passar entre esta *villa* e o Freixial/Safail, transpondo o rio na área da Ponte Palhez. A identificação de um pequeno troço calçado de grande dimensão na área do Safail poderá corroborar esta hipótese.

Seja qual for o percurso da via romana nesta área, julgo que estes dois percursos finais estariam em uso na Alta Idade Média: o troço que seguiria via Risado seria nesta época bem vigado pelo sítio fortificado do Castelo, enquanto o percurso via Aljão se encontra documentado nas Inquirições de 1258, onde é referido um reguengo junto da *viam algiam*¹³. Mas este percurso deveria ser anterior ao século XIII, já que os vestígios arqueológicos das suas imediações apontam para cronologias mais antigas.

4.1.1.2 O nível regional

Ao nível regional é possível delinear uma série de outras vias que ligavam os castelos, algumas destas vias medievais estiveram praticamente em uso até à época contemporânea, tendo em alguns casos sido abandonadas com a escolha de percursos alternativos ou sido “remodeladas” quando se começaram a alcatroar as principais estradas da zona. Alguns dos troços que eram calcetados chegaram aos dias de hoje, como foi o caso das calçadas de Linhares e da Lavandeira. Noutros casos foi possível identificar situações em que a própria calçada deu lugar a um caminho alcatroado, mas que seguiu *grosso modo* o traçado da antiga via, como foi o caso da via que ligava Linhares a Prados.

Gouveia estaria certamente ligada a Folgoso pela via romana, mas esta vila estaria ainda ligada a Linhares por uma outra via medieval que passaria por Figueiró da Serra e daí para Linhares, junto desta povoação ainda é possível observar troços preservados desta calçada. É possível, partindo do pressuposto que a via romana seguia de Folgoso para Freixo que aqui se unisse à via medieval que então seguiria para Linhares. De Linhares esta via seguiria a direcção de Salgueirais, onde se bifurcava: um trecho desceria a encosta em direcção a Vide-Entre-Vinhas, passando entre os topónimos da Pedra da Atalaia e da Corredoura,

ligando assim Linhares a Celorico; o outro seguira o planalto em direcção a Prados, seguindo um traçado similar àquele que a actual estrada leva. Em Prados a via seguia a direcção de Videmonte, entre estas duas povoações o traçado deveria ser diferente daquele que a estrada actual percorre, é mais plausível que o caminho seguisse a direcção do Vale da Estrada e em seguida inflectisse para sul em direcção à Pedra Sobreposta e daí para a Boiticela. Algures neste trajecto, a via deveria dividir-se e descer as vertentes íngremes da serra em direcção à Mizarela. No caminho que liga a Mizarela à Boiticela, é ainda possível identificar alguns troços bastante danificados deste caminho. Na Mizarela faria a travessia do Mondego seguindo a direcção da Guarda por Pero Soares. Na Boiticela a via deveria seguir em direcção ao Alto da Atalaia e daí para Videmonte. É igualmente plausível que de Videmonte um caminho ligasse à Quinta da Taberna onde entroncaria com a estrada romana.

De Celorico seguia uma calçada, desceria do castelo em direcção ao rio, que transporia na Lavandeira, seguindo talvez a direcção de Trancoso.



FIGS. 2 E 3 – Troços das calçadas de Linhares (no troço que liga esta vila a Figueiró) e da Lavandeira (que liga o castelo de Celorico ao rio Mondego).

4.1.1.3 O nível local

Este terceiro nível de análise dos caminhos é, no caso presente, uma mera especulação, pois não há indícios fiáveis para a sua existência na época a que nos reparamos, mas este exercício especulativo assenta no princípio de que os espaços habitacionais estariam necessariamente ligados entre si. Por isso, pode-se imaginar que a Mesquitela, e conseqüentemente os sítios da A-das-Pedras, Tapada das Pedras e Colícias estivessem ligados por um caminho que devia seguir a Ribeira de Linhares passando pela Quinta da Fidalga entroncando numa das vias calcetadas que vinha de Salgueirais ou de Figueiró. Assim como se pode imaginar

conhece das estruturas do primeiro encastelamento. Na sua maioria deveriam ser estruturas de uma arquitectura rudimentar “com muros incipientes, aproveitando sempre que possível as facilidades concedidas pela morfologia do terreno para a defesa” (Barroca, 1990-1991, p. 91). Terá sido a necessidade de defesa face às constantes incursões e razias que ter impelido as populações a construírem os primeiros castelos roqueiros.

Paralelamente aos primeiros castelos de iniciativa local, aparecem outros castelos de iniciativa condal, produto da reorganização militar e administrativa¹⁴ incrementada por Afonso III. M. Barroca, julga que esta iniciativa condal, não terá anulado o papel defensivo, e estruturador de um pequeno território, dos castelos roqueiros, provavelmente terá proporcionado um outro enquadramento administrativo e militar (1990-1991, p. 93). A coexistência destes dois tipos de estruturas defensivas parece estar presente no documento de 960 que se refere a uma doação que D. Flamula¹⁵ faz ao Mosteiro de Guimarães. Neste documento são mencionados individualmente vários *castellos*, *penellas* e *populaturas*¹⁶. Quanto aos primeiros, e porque são mencionados um a um, deveriam ter maior importância na organização administrativa e militar e seriam de posse e iniciativa condal. Um dos castelos mencionados é o de Trancoso, ainda que a estrutura actual seja a de um castelo românico, M Barroca identificou na sua torre de menagem uma estrutura mais antiga com uma porta de características moçárabes. Esta torre tronco-piramidal poderá ter sido o que restou deste primeiro castelo, transformado em torre de menagem no século XII (Barroca, 1990-1991, p. 96). Mas o castelo do documento de 960 seria apenas esta torre, ou estaria associada a mais estruturas defensivas? Com os dados disponíveis é impossível responder, contudo, a torre poderia ter sido apenas uma torre robusta¹⁷ que controlaria o território em redor.

As *penellas* parecem designar, estruturas em penedias, ou seja, castelos roqueiros ou outras estruturas de cariz defensivo situadas em pontos altos ou em penedos. Nesta categoria certamente que se integravam também os postos de atalaia, que nas áreas de serra não deveriam ter qualquer estrutura mais elaborada a completar a sua defensibilidade natural.

O documento refere ainda as *populaturas* e, tal como as *penellas*, não individualiza nenhuma. Para M. Barroca estas *populaturas* deveriam corresponder às povoações sem qualquer estrutura defensiva associada (Barroca, 2000, p. 217).

Com a reconquista cristã do século XI, o território situado entre o Douro e o Mondego, é palco de uma nova mudança no controle do território. Em simultâneo, assiste-se a alterações na arquitectura dos castelos, dando-se a introdução das novidades trazidas pelo castelo românico¹⁸ (Barroca, 2000, p. 220). Após a conquista de Coimbra, Fernando Magno dá o governo deste território, que incluía o espaço entre a Serra da Estrela e o Mondego, a Sesnando Davides, que irá promover algumas reformas em diversos castelos¹⁹. É possível que alguns dos castelos mencionados nas conquistas de Fernando Magno nesta região possam ter beneficiado destas reformas, nomeadamente o importante castelo de Seia²⁰.

A estas reformas está associada uma nova forma de organizar o território então reconquistado. A divisão administrativa baseada nos grandes territórios das *civitates* começa a ser substituída por uma outra organização, mais fragmentada e com uma base mais senhorial, as *terras*²¹. Estas eram unidades mais pequenas e cuja cabeça do território era um castelo, que muitas das vezes dava o próprio nome à terra, é o caso do *Territorio de Sena*, que é o único que se conhece para a região em estudo. É provável que o território, de Seia abrangesse parte da encosta noroeste da Serra da Estrela, incluindo alguns dos castelos como o de Gouveia e Folgoso. Para a área mais a Oriente, no extremo do território não há menções documentais a mais terras é provável que Trancoso, Celorico ou Linhares pudessem ter sido também cabeças de terra, que controlariam o território a Leste. Estas suposições são, porém, meras hipóteses de trabalho para tentar compreender a organização deste território nesta época de viragem.

...cabeça de
...do à deca-
...e processo
...à sua cons-
...991, p. 119).
...controlaria e
...cal. É provável
...dos seus bens.
...o directamente
...1, sendo possível
...as, mas também

...ensivas: 1 - Castelo de Gouveia, 2- Castelo de Folgosinho, 3- Castelo
...dos Mouros. © Pontos de vigia: 1- Monte Verão, 2- Pedra da Atalaia,

3- Alto da Atalaia

4.1.2.1 Castelo de Gouveia

Castelo de Gouveia (*Gouveia, Gouveia*) - É uma das estruturas defensivas da meia ncosta de que hoje não temos qualquer vestígio. As informações que chegaram aos dias de hoje relativas a esta estrutura são escassas e nulas quanto ao tipo de arquitectura que essa estrutura teria. Não seria certamente um castelo de grande dimensão se tivermos presente que D. Sancho I concede foral a esta terra com um intuito de reforçar o seu povoamento e consequentemente a defesa cristã portuguesa do território mais abrangente onde ela se encontrava incluída.

A ocupação de Gouveia anterior ao século XI é uma incógnita, os únicos dados disponíveis apontam uma ocupação proto-histórica onde se integraria a sepultura identificada na área da actual Cerca noticiada por Tavares Ferreira em 1951 (Ferreira, 1953) e para uma ocupação romana do qual é testemunho a ara ao deus Salqiu (?)²² (Garcia, 1991, p. 347). A ocupação deverá ter sido contínua já que a localização é propícia a uma boa defesa e ao controle de bons pastos e terras cultiváveis, mas nenhum dado alumia a Baixa Antiguidade e os inícios da Alta Idade Média neste local.

O *Parochiale* suevo menciona a paróquia de *Coleia* como pertencente à diocese de Viseu, que Almeida Fernandes sugeriu que se poderia fazer corresponder a Gouveia, julgando que a evolução fonética pudesse ser Coleia > Goleia > Gouveia. No entanto, Jorge de Alarcão sugere que Coleia poderá ser Almofala²³, já que corresponde a *civitas Cobelcorum*, onde na época visigótica se terá cunhado moeda (Alarcão, 2001, p. 168). Certamente integrada na diocese de Viseu, Gouveia poderá não ter sido uma das paróquias, é provável que pudesse estar integrada no espaço da paróquia sueva de *Suberbeno*, que se situaria algures na encosta ocidental da Serra da Estrela²⁴.

A partir de 1008 Gouveia terá, tal como todas as povoações desta região, gozado de alguma autonomia, devido ao enfraquecimento do poder muçulmano resultante da fragmentação do território califal nas diversas taifas. Toda a região da encosta Noroeste da Serra de Estrela ficou integrada no grande reino taifa de Badajoz, estabelecido em 1022. Mas as constantes quezílias com o reino de Sevilha e a distância de Badajoz deverá ter permitido uma certa liberdade, certamente negociada com base num tributo (Mattoso, 1987, p. 14).

É difícil perceber que relação teria tido Gouveia com Seia durante o período das primeiras taifas, mas após a sua conquista cristã em meados do Século XI, Gouveia deve ter pertencido ao território de que Seia seria cabeça-de-terra (Merea e Girão, 1944, p. 255-263). Integrava assim a importante rede de castelos que protegia a via colimbriana, rede essa que teve enorme peso na conquista da linha do Mondego e que preparou a conquista definitiva de Coimbra (Mattoso, 1987) em 1064, por Fernando Magno.

A conquista do castelo de Gouveia terá ocorrido em 1055 e deve ter resultado de um processo semelhante à conquista de Seia, tal com a descreve a Crónica D. Rodrigo de Toledo,



FIG. 4 – Área onde se localizaria o castelo de Gouveia.

dada a proximidade das duas povoações. Diz a crónica que o rei de Leão e Castela tomou Seia mediante um acordo efectuado com a povoação, estes permaneceriam no lugar, tornando-se súbditos de Fernando I em troca uma vez mais de um tributo (Mattoso, 1987, p. 14). Porém, a conquista cristã não terá sido tão pacífica, como se depreende da descrição de D. Rodrigo de Toledo, Borges Coelho refere a propósito da conquista de Seia e Viseu que Fernando Magno terá feito inúmeros cativos (Coelho²⁵, 1986, p. 31).

No século XII aparece na *Bula Officii Nostris* de Inocêncio II dirigida a D. Bernardo, Bispo de Coimbra uma referência ao *Castro de Gaudela*²⁶, que Maria Helena Cruz Coelho²⁷ interpretou como uma menção directa ao Castelo e julgo que não se poderá interpretar de outra forma.

Em 1186, Gouveia recebe carta de foral da mão de D. Sancho I. Mas no documento não há qualquer menção directa ao castelo. Este deve, após a estabilização das fronteiras quer a Sul quer a Este, ter entrado em decadência por não ter já qualquer utilidade militar. A última menção a esta estrutura defensiva ocorre em 1639, num documento municipal dado a conhecer a Tavares Ferreira (1954b). Nesse ano, houve a necessidade de o município destacar dois homens para cuidarem da iluminação da casa da Câmara e do Castelo aquando da visita de D. Catarina de Bragança²⁸.

A leitura da toponímia e da topografia fornecem, porém, outras pistas. A microtoponímia da cidade conserva ainda a referência ao Castelo — Bairro do Castelo e Largo do Castelo — nas áreas onde este parece ter sido implantado. Aliás, é esta zona que mais se destaca topograficamente. Coincidentes com a toponímia e com a excelente localização topográfica estão os poucos dados que conhecemos do subsolo da actual cidade. Ainda que indirectamente, as sepulturas descobertas em 1954, na área contígua ao Bairro do Castelo, pelas escavações realizadas no âmbito de obras públicas de melhoramento das estrutura viária (Ferreira, 1954a) contribuem para a corroboração da localização do castelo. São diversos os exemplos conhecidos que atestam a relação espacial directa entre as estruturas defensivas desta época e as necrópoles²⁹.



FIG. 5 – Folgosinho visto da plataforma do Mondego.

4.1.2.2 *Castelo de Folgoso*

Castelo de Folgoso (Folgosinho, Gouveia) - João de Almeida no seu Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses (Almeida, 1945, p. 244) menciona que no sítio do Outeiro em Folgoso existiria outrora um castro. Não obstante não ter sido possível comprovar a sua existência, Jorge de Alarcão (1993), considera viável que neste local tivesse existido um castro romanizado, já que para o local converge uma importante via romana que atravessa a serra, vinda de Valhelhas e Famalicão³⁰. Nenhum indício desse castro é visível, é provável que esta situação seja consequência da expansão urbana a que a aldeia esteve sujeita ao longo do tempo. No entanto, a localização destacada de Folgoso na paisagem serrana, cujo campo de visão alargado permite o controlo visual tanto de parte da meia encosta como do sopé da montanha, não parece deixar dúvidas quanto à antiguidade de ocupação deste monte destacado na encosta da serra.

Folgosinho teve igualmente um castelo medieval do qual não temos actualmente qualquer vestígio. Tal como em Gouveia, o tempo e a pouca utilidade dessa estrutura defensiva terão sido, a partir de uma certa altura, responsáveis pelo seu total desmantelamento. A sua localização exacta é mais difícil de estabelecer uma vez que não existem no casario actual quaisquer pistas. A documentação também não permite precisar que tipo de estrutura se trataria. Contudo, quer se localizasse no Outeiro quer na área da crista quartzítica que caracteriza um dos pontos mais elevados da actual povoação e ainda hoje denominada de Castelo, era possível avistá-lo da plataforma do Mondego, bem como dos Castelos de Celorico, Linhares e Gouveia.

O castelo de Folgoso terá tido um percurso histórico em tudo semelhante ao de Seia ou de Gouveia; é provável que tenha pago tributo a cristãos ou a muçulmanos conforme se iam desenrolando as conquistas e reconquistas do espaço entre Douro e Tejo. A sua posição destacada, controladora de todo o vale médio do Mondego e da grande via que atravessava a serra, terá contribuído para a importância desta fortificação. A dificuldade em aceder-lhe por outro caminho que não aquele traçado pela via romana, certamente bem guardado e pouco apelativo para ser trilhado por quem não queria ser visto, teria contribuído para a facilidade de defesa deste lugar. No entanto, o mutismo das fontes escritas anteriores a D. Afonso Henriques relativamente a este castelo e o pouco destaque que o castelo teve, relativamente a outros da região no processo de conquista e reconquista cristã, parecem indicar que a estrutura defensiva que aí existiria para complementar a defesa do monte não podia rivalizar com Seia ou Trancoso. Podemos imaginá-lo como uma pequena estrutura defensiva roqueira que protegeria a via e serviria de castelo atalaia na defesa do território e das suas vias de comunicação, integrando assim a rede mais vasta de castelos que Fernando Magno se apressou a conquistar³¹ antes da tomada de Lamego, de Viseu e de Coimbra³².

Poderia ter sido ainda um reduto final para a pouca população das suas imediações, mas este objectivo da fortificação deveria ser, porém, secundário já que a povoação é ainda hoje uma das portas de entrada do interior da serra. O grande planalto serrano protegido pela sequência de elevadas e, por vezes, abruptas, encostas constituiria, certamente, na época o grande reduto de defesa para as populações serranas e para os seus gados. Não é por isso de estranhar a existência de diversos vestígios habitacionais e sepulcrais desta época no grande planalto serrano, identificados durante as prospecções arqueológicas efectuadas no âmbito deste estudo.

Em 1169 Folgoso é mencionado directamente no foral de Linhares, quando se estipulam as fronteiras do termo de Linhares; volta a ser mencionado a propósito das fronteiras do termo de Gouveia na Carta de Foral desta povoação em 1186 e em 1187 Folgoso recebe a sua própria Carta de Foral. Esta integra-se na acção político-administrativa de D. Sancho I, que

compreendeu a necessidade de reforçar o povoamento e aumentar os seus súbditos ao longo do rio Mondego, ao longo dessa via que dava acesso directo às fronteiras Leste, por onde entravam incursões muçulmanas vindas da região de Badajoz (Mattoso, 1993, p. 93).

4.1.2.3 Castelo de Linhares

Castelo de Linhares (*Linhares, Celorico da Beira*) - Constituiria uma outra porta de entrada para o interior serrano e protegeria, integrado na rede mais vasta de castelos beirãos, o vale do Mondego e a via colimbriana. Localizado a uma altitude de 820 m de altitude, o castelo³³ tem comunicação visual directa com Folgoso e Celorico da Beira. Em dias mais límpidos é possível avistar-se ao longe Trancoso.

As origens desta povoação são desconhecidas. Adriano Vasco Rodrigues (1979) chegou a propor que Linhares pudesse ser Lenio ou Lenióbriga, sede de episcopado em época visigoda, mas esta correspondência não tem, segundo Jorge de Alarcão, qualquer fundamento (Alarcão, 1993, p. 27). Efectivamente não se conhecem quaisquer vestígios arqueológicos nesta localidade anteriores ao século XII. A fundação da povoação será naturalmente anterior mas desconhece-se quando é que Linhares ganha importância na defesa da linha do Mondego. Logo em 1169, D. Afonso Henriques reconhece a sua importância na defesa da região e outorga-lhe Carta de Foral, tal como faz com Celorico da Beira. Datará desta altura o início da construção do castelo que hoje conhecemos, mas antes deste outra estrutura castelar deve ter existido neste lugar, estando hoje seus traços ocultados pelas modificações que aí o tempo operou.

A este castelo conflui uma via medieval, de que ainda hoje é possível identificar troços³⁴. Esta viria talvez de Gouveia, seguindo por Melo e Figueiró. De Linhares seguiria a Videmonte, não sem antes passar por Prados. De Videmonte iria a Vila Soeiro atravessando o Mondego na Mizarela e seguiria então a direcção de Pero Soares e daí para a Guarda (Rodrigues, 1993, p. 28).

As origens do castelo e da povoação são difíceis de determinar com os dados existentes. No entanto, não é difícil imaginar que a povoação que aí vivesse entre os séculos VIII/IX tivesse erigido uma estrutura defensiva nas penedias graníticas, que permitisse controlar o território e servir



FIG. 6 – Implantação do actual castelo de Linhares da Beira, em segundo plano identifica-se Folgoso.

de reduto final a pessoas e bens. É igualmente verosímil que o local fosse desabitado, mas devido à sua posição estratégica tivesse sido escolhido para fundar uma estrutura defensiva aquando da implantação de uma rede mais abrangente de castelos que permitisse o controlo do território do vale do Mondego e da via que lhe seguia paralela até Coimbra. Fosse qual fosse a sua origem, o castelo de Linhares existia já em meados do século XI, pois terá sido um dos castelos que foi conquistado por Fernando Magno antes da conquista definitiva de Coimbra (Mattoso, 1986-1987, p. 11). É possível que as primeiras reformas românicas tenham atingido este castelo. O que é difícil de determinar é se se tratou efectivamente de uma reforma, ou se pelo contrário se teria dado uma “refundação” da estrutura aproveitando-se apenas a sua localização.

O actual castelo resulta de uma série de reformas e reconstruções mais ou menos fiéis ao original efectuadas desde o século XII até à presente centúria, sendo por isso difícil des-trinçar que tipo de estrutura existiria aí na época a que agora nos reportamos. Este castelo implantado num grande afloramento granítico, assenta directamente no granito de base para se erguer. Apresenta dois recintos fechados que comunicam entre si através da porta situada junto à torre de menagem. O recinto de maiores dimensões, de planta irregular, corresponderia à antiga cidadela³⁵ e tem vestígios do que seriam duas cisternas e outras construções que pertenceriam à alcaidaria. Para além da porta já referida, este recinto tem mais uma porta no flanco Oeste, que corresponde à porta da traição deste castelo. O outro recinto de planta trapezoidal apresenta para além da porta junto à torre de menagem, uma porta a sul, sensivelmente a meio do pano de muralha e uma outra do lado oposto no pano de muralha Norte. No lado Este localiza-se a segunda torre do castelo, de planta rectangular. Este segundo recinto certamente proporcionava a defesa da população e dos seus bens em caso de ataque.

4.1.2.4 Castelo de Celorico da Beira

Castelo de Celorico da Beira (*Celorico da Beira, Celorico da Beira*) - Celorico da Beira³⁶ está num ponto estratégico de controlo da travessia do rio Mondego. Localiza-se exactamente no início da depressão morfológica que permite ao rio inverter a sua direcção e passar a correr para Oeste. É aqui que se iniciam as terras mais férteis do médio vale do Mondego. O local é estratégico, não tanto pela sua posição de controlo visual do território, mas porque controla a passagem do rio e a área mais fértil do vale médio do Mondego. Não é por acaso que Celorico da Beira se encontra no vértice onde se tocavam as duas linhas defensivas da Beira, a Leste, constituída pelos castelos da fronteira Leste, que inclui entre outros o castelo de Trancoso, e a fronteira meridional que se desenvolve ao longo das faldas Noroeste da Serra da Estrela.

As suas origens são também difíceis de determinar. Porém, a existência de uma inscrição romana nos afloramentos onde se implanta o castelo, dedicada à divindade *Munis* (Curado, 1985) atesta a ocupação romana deste espaço. Durante a Baixa Antiguidade e os inícios da Idade Média, Celorico deverá ter sido ocupada, apesar de a documentação escrita e artefactual, ainda não o comprove. Apesar disso, a sua localização e a importância que Celorico assumiu no processo da conquista cristã, parece atestar a antiguidade e a importância da ocupação humana neste aglomerado populacional.

Uma estrutura defensiva já devia existir no século IX/X, quando a instabilidade da região impele à defesa das populações e haveres. Celorico é uma das primeiras terras a receber carta de foral pela mão de D. Afonso Henriques³⁷, que reconhece a necessidade de aí fixar uma população que empreendesse a defesa cristã destas terras de fronteira.

Num documento datado de 1177 integrado nos *Taraucae Monumenta Historica* encontra-se uma das primeiras referências directas ao castelo de Celorico, ao ser mencionado que Frei Pedro Serrano e sua mãe doam ao Mosteiro de Tarouca uma casa e de uma cuba existentes no castelo³⁸.

A acção defensiva de D. Afonso Henriques ao outorgar cartas de foral às vilas desta zona veio a comprovar-se, em 1189, uma medida eficaz. Nessa data, Celorico é o alvo de uma incursão de Leão, tendo a vila sido ajudada por vilas vizinhas, nomeadamente por Linhares (Gomes, 2001, p. 143), no combate aos leoneses. Este ataque comprova que, mesmo nos finais do século XII, esta vila encontrava-se, efectivamente, numa zona de fronteira, pelo que o seu castelo era essencial não só para a defesa da própria vila e seus habitantes, como também para a defesa portuguesa da região. A este facto não é alheio D. Sancho I, que continua a acção povoadora e defensiva de seu pai, outorgando mais cartas de foral a outras vilas da encosta serrana.

A vila de Celorico estaria ligada a Linhares por uma via que passaria por Salgueirais, onde ligaria à via que seguia a direcção de Prados. De Celorico partiria uma outra via que segue o rumo Norte e que faria a travessia do Mondego, no lugar da Lavandeira³⁹, passando junto à necrópole de S. Gens, já do outro lado do rio. Junto da vila passaria certamente a estrada da Beira, a penetrante via colimbriana, mas não é possível hoje visualizar o seu traçado exacto nesta época⁴⁰.

É verosímil julgar que o castelo deve ter sido alvo das reformas românicas dos séculos XI e XII. O castelo terá entrado em decadência a partir do momento em que a fronteira a Este se estabilizou e a fronteira com os mouros foi sendo cada vez mais meridional. Em 1817 o castelo estava em tal ruína que o corregedor da comarca solicitou ao Quartel-General que se demolisse o que restaria do castelo e se aproveitasse a cantaria para calçar a Praça da vila. A esta intenção o Marquês de Campo Maior respondeu que “O Castelo de Celorico é uma fortaleza no dia de hoje absolutamente nua, mas que eu considero uma peça de antiguidade, e por isso digna de conservar-se e que não se deve demolir sem uma precisão extrema ...” (*apud* Gomes, 2001, p. 117).



FIG. 7 – Actual castelo de Celorico da Beira.

A torre de menagem ainda existente está diminuída em altura (Gomes, 2001, p. 171), mas apresenta características de uma torre arcaica robusta de planta rectangular com a porta localizada a nível elevado, tal como a porta da torre de menagem do castelo de Linhares. A torre seria o último reduto, que estaria circundado pelo menos por um recinto que albergaria a alcaidaria e a guarnição. Para além deste recinto, o documento de 1177 (Fernandes, 1991,

p. 491), refere que haveria casas na área do castelo, pelo que é possível imaginar que houvesse uma cerca com maior perímetro que abarcaria a povoação ou pelo menos parte dela.

No âmbito de uma intervenção que visava a valorização do imóvel, promovida pelo IPPAR, foram, em 1997, realizados trabalhos de escavação dentro do castelo, da responsabilidade de Jorge de Alarcão e Isabel Ricardo. Estes trabalhos permitiram identificar dois poços medievais escavados na rocha, que deveriam constituir a reserva de água do reduto defensivo (Alarcão e Ricardo, 1997). Não obstante a realização de sondagens em pontos diversos no interior do castelo, nomeadamente no interior da torre, não foi possível identificar níveis estratigráficos bem desenvolvidos e conservados, foram maioritariamente escavados níveis de entulhos resultantes provavelmente das obras de conservação levadas a cabo pelos serviços dos Monumentos Nacionais realizados em 1924, 1939, 1947 e 1972⁴¹. Efectivamente, os resultados identificados no relatório da intervenção não permitem inferir qualquer data mais precisa para a fundação medieval do castelo. Contudo, foram identificadas, nos níveis de entulho, diversas cerâmicas de pasta cinzenta com decorações incisadas nas asas e com cordões digitados junto dos bordos, pela descrição, parecem integrar-se num horizonte alto-medieval.

4.1.2.5 *Penedo dos Mouros*

Penedo dos Mouros (*Arcozelo, Gouveia*) - O sítio dos Penedo dos Mouros⁴² (Tente e Martins, 1994; Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) localiza-se na actual freguesia do Arcozelo, concelho de Gouveia. A Noroeste domina o vale da Ribeira do Boco, afluente da Ribeira de Gouveia (por sua vez tributária da margem esquerda do Rio Mondego). Este sítio foi identificado na sequência do Levantamento Arqueológico do Concelho de Gouveia, iniciado no ano de 1993 e mereceu ainda uma referência no livro *Arqueologia da Serra da Estrela* de Jorge de Alarcão (1993). Em 1994 é publicado o estudo da sepultura escavada na rocha que se encontra no seu topo (Tente e Martins, 1994), que volta a merecer publicação integrada em estudos mais vastos em 1998 e 2000 (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Mais recentemente um artigo sobre a integração paisagística do Penedo dos Mouros foi publicado na *Revista Portuguesa de Arqueologia* (Angelucci, Tente e Martins, 2004).

Entre as diversas estruturas que constituem o sítio, destacam-se os degraus, os sulcos, os entalhes, as pias, e algumas gravuras como as “covichas”, os reticulados e uma linha ondulante de aspecto serpentiforme. A associação temporal entre as diversas gravuras e a estrutura de castelo é extremamente difícil; tentou-se cruzar o desenho dos reticulados com os desenhos de diversos tabuleiros de jogo, tão comuns em alguns castelos medievais portugueses, porém a comparação não permitiu confirmar ou infirmar esta hipótese⁴³.

Actualmente o único acesso ao topo dos afloramentos faz-se pelo lado Norte. A entrada é estreita e os penedos que a ladeiam têm esculpido sulcos e entalhes, dando ideia de ter suportado uma estrutura perecível, que poderia cobrir esta zona e vedar a entrada. Associada a esta cobertura/piso estaria uma outra que lhe é sobreposta dando a ideia de um espaço fechado intermédio (entre o nível do chão e o topo dos penedos). As estruturas estão divididas essencialmente por três grandes penedos. É verosímil que a passagem entre os diversos núcleos fosse efectuada por estruturas em madeira, uma vez que existem degraus e entalhes no rebordo dos penedos, à semelhança do que parece ter acontecido no Castelo do Mau Vizinho (Santos Júnior et al., 1982; Santos Júnior, 1989). A parte central do conjunto é constituída por dois blocos, num dos quais foi escavado um buraco de poste e no outro uma sepultura antropomórfica. Esta pode ter sido esculpida em época posterior às restantes estruturas, aproveitando uma plataforma no topo dos penedos virada a Sul, que dá acesso ao maior núcleo de degraus.



FIG. 8 – Vista do *tor* do Penedo dos Mouros e da plataforma contígua a partir do rebordo da Plataforma do Mondego, localizado imediatamente a montante do sítio (Fotografia de Diego Angelucci).



FIG. 9 – O Penedo dos Mouros a partir da plataforma contígua ao sítio (NO). O acesso ao topo do *tor* efectua-se pela fenda localizada na posição central, em frente da qual se situa a área escavada até 2002 (Fotografia de Diego Angelucci).

A peculiaridade do local e a dúvida quanto à sua integração crono-cultural foram motivos para que, em 1998, o sítio fosse alvo de um projecto de investigação integrado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos. As escavações arqueológicas iniciaram-se em 1999, com a abertura de uma sondagem na zona Norte, junto da entrada que dá acesso ao topo dos penedos. Esta área tem vindo a ser alargada, tendo no momento 32 m². Os trabalhos realizados permitiram a identificação de um grande derrube pétreo que ocupava praticamente toda a área da escavação. É entre este grande derrube que têm vindo a ser exumados materiais cerâmicos, escórias, fragmentos de ferro, um fragmento cilíndrico de bronze de pequena dimensão, uma conta de colar de vidro e alguns pregos.

O espólio, muito fragmentado, permitiu identificar diversos contentores cerâmicos com funções de armazenagem, de confecção e de contenção de alimentos no momento das refeições, muitos dos quais feitos manualmente. Detectou-se, igualmente, o uso da roda de oleiro. Porém quer as pastas utilizadas no seu fabrico quer as decorações são comuns aos contentores efectuados manualmente sem recurso ao torno. As temáticas decorativas repetem-se, estando fundamentalmente representados os cordões digitados, ungulados ou incisos, as linhas incisas onduladas ou direitas e os puncionamentos (estes em menor escala). As pastas friáveis são de cor castanha ou castanha acinzentada escura e apresentam muitos elementos não plásticos.

Quanto às formas, e tendo sempre em atenção o que actualmente conhecemos, podendo este não ser sequer representativo da realidade, o repertório é também monótono, dominando as formas fechadas tipo panela ou pote de colo estrangulado. Há ainda alguns

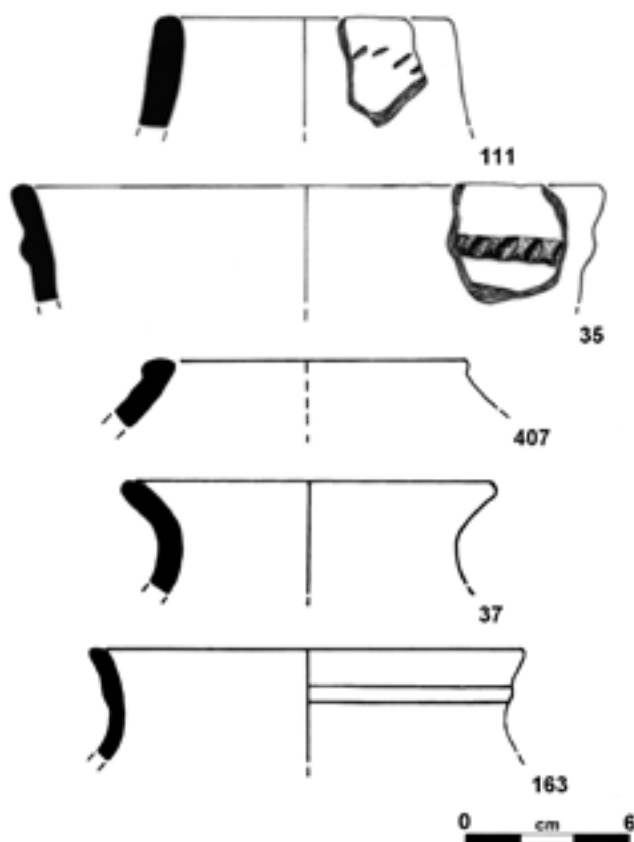


FIG. II – Algumas formas de recipientes cerâmicos identificados no Penedo dos Mouros (Desenho de Ana Rita Martins).

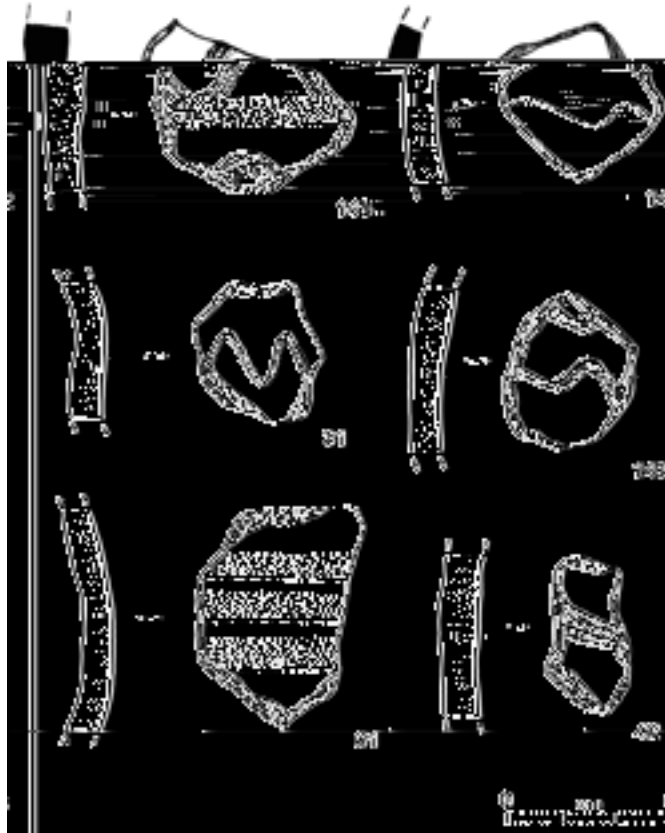


FIG. 12 – Alguns fragmentos decorados identificados no Penedo dos Mouros (Desenho de Ana Rita Martins).

fragmentos de talhas e um fragmento de jarra de bordo esvasado. Ressalva-se, porém, que a maioria dos fragmentos identificados não permitem recuperar a forma do recipiente a que pertenciam⁴⁴.

Durante a escavação que decorreu em 2000, identificou-se um nível, selado pelo derrube, que encostava à estrutura pétrea descoberta em 1999, onde foram exumados diversos restos carbonizados de matéria orgânica, nomeadamente sementes, carvões⁴⁵ e minúsculos fragmentos de ossos. Os resultados obtidos permitem interpretar esta unidade como correspondendo ao nível de destruição do sítio, que deverá ter sido motivado por um incêndio que terá feito ruir as estruturas de madeira⁴⁶. Após a destruição do local, não se assistiu a uma reconstrução das estruturas, tendo o mesmo sido abandonado. Em sequência, a peculiar muralha desarticula-se dando-se o derrube da estruturas sobre o nível de incêndio.

Da análise preliminar do contexto geomorfológico (Angelucci, Tente e Martins, 2004), verifica-se que a estação localiza-se em posição rebaixada em relação à plataforma do Mondego, ligeiramente a jusante do primeiro rebordo que delimita a plataforma e que faz a transição à incisão aluvial do Vale do Boco. Esta posição condiciona o seu campo de visão próximo do sítio, limitando-o apenas à faixa “transversal” entre as duas unidades fisiográficas principais (a incisão aluvial da Ribeira do Boco e a plataforma do Mondego) e à linha de cumeeada da vertente esquerda do Vale do Boco, estando a visibilidade do contexto paisagístico mais próximo restrita a um sector do território de poucos quilómetros quadrados, sem que se avistem a plataforma do Mondego, o sopé da vertente da serra e o Vale do Mondego. No que diz respeito ao campo de visão longínquo, ou seja, à linha de horizonte visível em segundo plano, a partir do sítio distingue-se a vertente NW da Serra da Estrela, a sua linha de cumeeada e a

crista da encosta direita hidrográfica do Vale do Mondego. São visíveis, parcial ou totalmente, os núcleos habitacionais de Folgosinho, Gouveia, Seia, Rio Torto (inclusive a plataforma do Aljão) e Arcozelo (Angelucci, Tente e Martins, 2004).

A falta de visibilidade do sítio está igualmente expressa na sua identificação a partir do exterior, sendo o sítio “invisível” a partir da plataforma do Mondego e do fundo do Vale do Boco, e apenas detectável da dita faixa “transversal” e da linha de cumeada ao outro lado do vale. É igualmente improvável que o Penedo dos Mouros fosse identificável a partir de uma localidade situada no horizonte longínquo deste local, a não ser quando iluminado à noite, já que não só não se destaca na paisagem como não possui dimensões consideráveis para que possa ser avistado à distância, e o “horizonte” onde se integram estas povoações é realmente significativo (entre 6 e 20 km).

Se, dos pontos de vista arquitectónico e arqueológico, o Penedo dos Mouros pode ser considerado como um castelo roqueiro, provavelmente de iniciativa local, por outro lado, em particular do ponto de vista paisagístico, é evidente que a finalidade última deste sítio não residia no controle visual do território envolvente ou de uma via de comunicação principal, ainda que uma das vias romanas não deveria passar muito longe do local⁴⁷. A posição do sítio não pode ser definida como “panorâmica” e é nesta falta de campo de visão (quer a partir do sítio, quer a partir do exterior) que parece residir a estratégia de localização deste castelo.

Com os dados actualmente disponíveis, apenas se pode conjecturar acerca da função deste local. É certo que se trata de uma estrutura defensiva, mas aparentemente sem um território para defender ou controlar. Provavelmente, este “castelo” terá sido erigido pela população local, talvez a que habitaria e cultivaria os vales das Ribeiras do Boco e de Gouveia, como estrutura que permitiria a defesa passiva das pessoas ou dos seus bens. Para o construir, aproveitaram um *tor* (Angelucci, Tente e Martins, 2004), ao qual associaram estruturas em madeira que obtiveram do abate de árvores existentes nas redondezas. Possi-

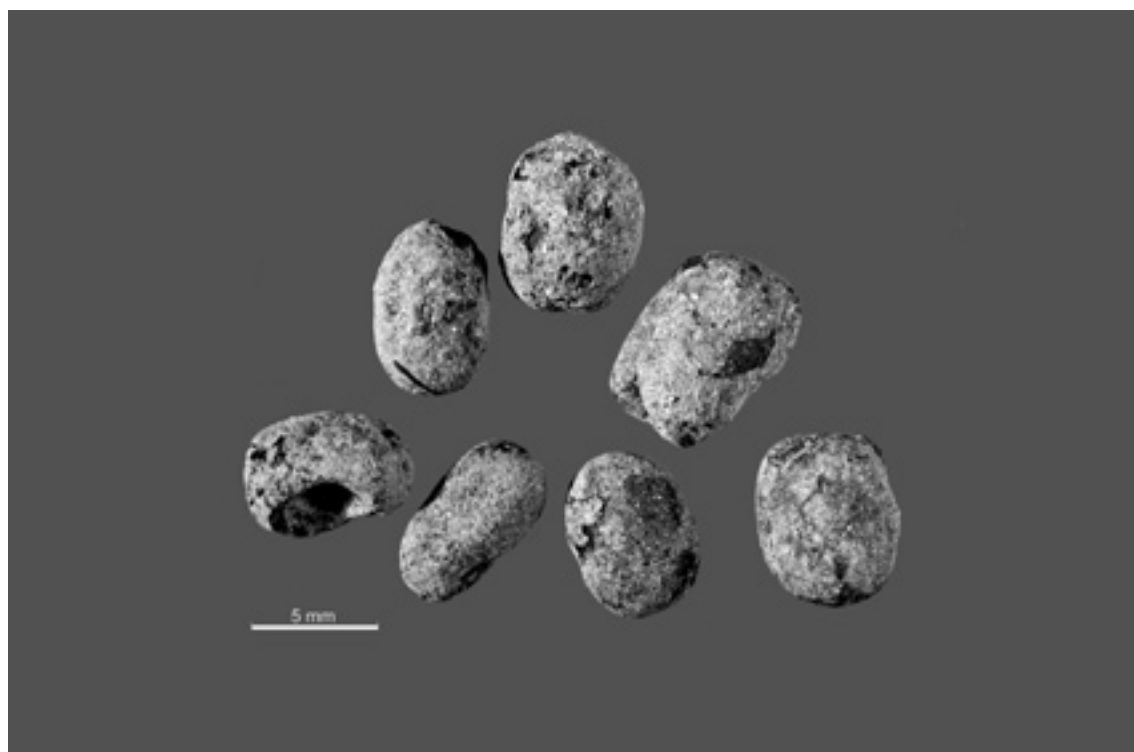


FIG. 14 – Sementes identificadas no Penedo dos Mouros em 2000 (Fotografia de José Paulo Ruas).

velmente o que hoje é possível identificar no Penedo dos Mouros é o que sobreviveu duma estrutura que funcionaria com último refúgio em situações de perigo, de ataques, razias e pilhagens. Para além da função de reduto, é verosímil, julgar que esta monumental estrutura pudesse proteger as reservas alimentares de uma comunidade e defender o seu gado. Esta hipótese parece ser, aliás, corroborada pela identificação das numerosas sementes recolhidas no local.

A destruição do sítio e o seu conseqüente abandono deve estar associado às campanhas e razias de que esta zona foi alvo no século X; as datações obtidas por radiocarbono de duas amostras de favas recolhidas apontam com maior probabilidade para esta centúria⁴⁸.

Pouco se tem estudado sobre estas estruturas castelares mais antigas, que terão sido erigidas pela iniciativa da população local; no entanto, elas deveriam ser vulgares nos espaços mais ruralizados e nas terras de fronteira, quando a ausência de um poder mais centralizado motivou a criação de espaços que garantissem a defesa da população local⁴⁹. Raras destas estruturas têm vindo a ser escavadas, mas destacam-se os castelos da Terra de Arouca (Silva e Ribeiro, 1999), alvo de diversas campanhas de escavação entre 1988 e 1997, e o Castelo de S. Julião de Bastuço, no actual concelho de Braga (Fontes e Regalo, 1997). Ao contrário do castelo da Terra de Arouca, que surge como um castelo de âmbito local que ascende a cabeça-de-terra sem, aparentemente, ter sofrido as alterações arquitectónicas que normalmente acompanham este processo, o Penedo dos Mouros terá sido abandonado na sequência de um incêndio sem que tenha sido novamente ocupado. A datação por ¹⁴C de favas recolhidas nesse contexto de incêndio de destruição insere, com grande probabilidade, o seu abandono no século X. Após o abandono, esta estrutura defensiva de cariz local não foi reocupada, não tendo despertado o interesse no âmbito da reorganização administrativa e militar de cunho mais senhorial que se começa a fazer sentir no século X.

4.1.2.6 Castelo

Castelo (*Arcozelo da Serra, Gouveia*) - O sítio fortificado do Castelo, assim denominado na microtoponímia, localiza-se na freguesia do Arcozelo, junto à confluência da Ribeira de Boco e da Ribeira de Gouveia, ambas afluentes do Mondego, onde desaguam a escassos quilómetros do sítio. O local apresenta vestígios de dois paramentos de muralha, que se desenvolvem entre os penedos, delimitando uma grande área mais ou menos aplanada polvilhada de inúmeros penedos e afloramentos graníticos. Entre os penedos pôde-se identificar, em 1993, diversos artefactos cerâmicos inseríveis na época proto-histórica e outros cuja inserção cronológica se afigurava mais difícil.

Em 1994⁵⁰ efectuou-se uma sondagem, que tinha como principal objectivo a identificação das cronologias dos materiais arqueológicos observados à superfície. Quando se iniciou a sondagem, num local afastado cerca de 20 m das sepulturas que foram escavadas num dos afloramentos⁵¹, identificaram-se diversos materiais de cronologias medievais, nomeadamente três moedas, cujo estado de corrosão não permitiu qualquer leitura. Devido ao pouco tempo e à pequena dimensão da sondagem efectuada, não foi possível escavar nenhuma estrutura, à excepção de um pequeno pano de muralha na área sul, cuja origem medieval não foi possível determinar. Pela leitura estratigráfica da posição do espólio recolhido, apenas se pode afirmar que as cerâmicas são medievais e que as três moedas recolhidas encontravam-se encostadas ao paramento interno da muralha.

Não obstante os escassos dados obtidos nesta pequena intervenção, é de destacar a notória posição estratégica deste sítio, que permite excelentes condições de defesa e de controlo directo de parte do vale do Mondego. Este local aparenta ser um sítio fortificado durante a proto-história, que deverá ter sido abandonado no espaço de tempo que medeia o início da

romanização e a Alta Idade Média, para ser novamente ocupado quando a instabilidade da zona impeliu a população a procurar locais com características mais defensivas.

4.1.2.7 Monte Verão

Monte Verão (*Vale de Azares, Celorico da Beira*) - Este local de elevada altitude controla todo o vale do Mondego⁵², desde que o rio sai das serrarias e entra no planalto até à depressão que lhe muda a direcção. É provável, tal como Alarcão refere (Alarcão, 1993, p. 29), que João de Almeida tenha denominado de Pedra Aguda o castro de Monte Verão, referenciado por Santos Rocha (1905), já que os dois topónimos distam cerca de 500 m um do outro.

Os indícios no local apontam para a existência de pelo menos uma linha de muralhas, mas são escassos os vestígios de espólio cerâmico na superfície do terreno. Foi apenas possível observar escassos fragmentos de cerâmica medieval de pasta castanho-escura ou cinzenta. É provável que este local tenha uma origem proto-histórica, tendo nessa época desempenhado funções de defesa e controle de território. Poderá ter sido abandonado durante o processo de romanização, mas a instabilidade sentida durante a Alta Idade Média e a sua posição estratégica terão ditado a sua reutilização como posto de controlo e vigia.

Ainda que na região em estudo esteja mal documentada, a reutilização de antigos povoados proto-históricos durante a Alta Idade Média é um fenómeno comum e está bem documentada em muitos castros do Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes. Porém, contrariamente ao que sucede em muitos dos castros reocupados na Alta Idade Média no Norte da Península, a reutilização ou reocupação alto medieval deste espaço altaneiro não parece corresponder a uma funcionalidade habitacional, em que as populações desprotegidas teriam recorrido a pontos mais elevados, com posições estratégicas de controlo do território e com características de defensibilidade e de inacessibilidade natural, para se protegerem da instabilidade sentida neste território.

Ainda que possa ter aproveitado uma estrutura de defesa mais antiga, a ocupação alto-medieval deste local parece restringir-se a uma função de vigia e de controlo do território. É possível avistar daqui todo o planalto beirão até terras da actual Espanha e todo o vale do Mondego até Celorico, e o contacto visual directo com o castelo de Trancoso é igualmente uma realidade. Só trabalhos de escavação neste povoado poderão confirmar ou infirmar esta hipótese.

4.1.2.8 Atalaias

Atalaias - A função de posto de vigia na serra não implica necessariamente a existência de estruturas defensivas, já que a serra e as fragas que a dominam proporcionavam excelentes pontos de controlo e vigia territorial. A utilização de locais serranos destacados para o controlo de determinado espaço parece ter ocorrido em alguns pontos do espaço estudado, nomeadamente com os topónimos Atalaia⁵³. Não obstante a observação no local não permitir a identificação de quaisquer indícios que permitam inferir a existência de uma antiga estrutura de atalaia, o topónimo não deixa qualquer dúvida quanto à utilização destes locais como pontos de vigia. Aliás, ambos os topónimos identificados correspondem a pontos destacados na serra, os mais altos da sua envolvência e ao qual está associado um *tor* granítico de grande dimensão. Nestes locais de difícil acesso, com um controle extraordinário da paisagem circundante, não seria necessário despendar energia para construir uma estrutura que em nada melhoraria as condições naturais de defesa que o local já apresentava.

Nos estudos que se têm vindo a desenvolver sobre a ocupação humana desta época, não se tem abordado este tipo de sítios, que não aparentam possuir qualquer estrutura artificial de defesa, mas que teriam cumprido um papel militar e por vezes administrativo. Gutiérrez González e Benítez González (1995) fazem uma breve referência a postos de vigia e de

portagem que puderam estudar nas montanhas de Leão. São sítios que possuem igualmente condições de defesa natural especiais, que tornam desnecessário a construção de qualquer outra estrutura, mas que desempenhavam um papel essencial no controle do território, particularmente junto da passagem de rios, vales ou portelas⁵⁴.

O topónimo da Pedra da Atalaia⁵⁵ denomina um alto destacado na paisagem que se localiza no topo da encosta que cai sobre a actual aldeia de Salgueirais. Deste local é possível dominar directamente dois espaços diferentes: o que se estende de Salgueirais a Celorico e o espaço mais meridional da plataforma que se desenvolve entre Salgueirais e Prados. Esta posição estratégica deixa antever que este local vigiaria duas das principais vias de comunicação do espaço Noroeste da serra: a via que ligava Linhares a Celorico que passaria por Salgueirais e a via que estabelecia a ligação entre Linhares e Prados e Videmonte. Esta última estrada, que estaria provavelmente em utilização no século XIX (Alarcão, 1993, p. 28) era ainda controlada por um outro ponto de vigia, a Penha de Prados⁵⁶.

Ainda que a toponímia não tenha cristalizado o topónimo de atalaia, este local está praticamente alinhado com a Pedra da Atalaia, situando-se no lado oposto da antiga estrada. Esta extraordinária fraga granítica destaca-se na paisagem serrana pela sua monumentalidade, peculiaridade de formas naturais e altitude. Todo percurso desta via na área da Póvoa estava bem guardado tanto a Sul como a Norte. Ainda que estes dois locais permitissem um controle da via sendo, talvez, essa a principal razão da sua ocupação como postos de vigia, eles permitiam um controle do território mais abrangente, já que se localizavam em locais com grande visibilidade, em pontos-chave do território.

O topónimo Alto da Atalaia⁵⁷ localiza-se num dos pontos mais altos do planalto serrano dominando para Sudeste o encaixado vale do Mondego, no espaço que antecede a sua inflexão para Sudoeste. Nas margens do vale passaria provavelmente a via medieval que atravessa o rio na Mizarela, ligando Linhares, e consequentemente Celorico, à área da Guarda. Também neste caso a localização de uma atalaia parece estar relacionada com o controle do sistema viário, ainda que, tal como no primeiro caso, este local pudesse ter uma função secundária de controlo do território mais abrangente, pois também aqui é possível avistar uma área bastante dilatada.

4.1.3 Aglomerados populacionais sem estruturas defensivas

A par das estruturas que organizavam a defesa e controle do território, o espaço da encosta noroeste da Serra da Estrela estava polvilhado de outro tipo de assentamentos humanos, alguns deles de fundação romana. Os sítios que se integram nesta categoria localizam-se predominantemente no sopé da montanha, no planalto que antecede o vale do Mondego, em locais em que há disponibilidade de recursos hídricos. Estão preferencialmente localizados em áreas com superfícies aplanadas, pouco rochosas e com linhas de água permanente no espaço circundante (caso do Freixial e Risado) ou interceptando a área ocupada pelos vestígios (casos do Carvoeiro e Tapada das Pedras). São estas as zonas, dentro do território entre a montanha e o rio Mondego, que melhor se adequam à prática da agricultura mais extensiva, e essa é certamente a razão para a fundação romana destes assentamentos e a sua pervivência no tempo ou o motivo que leva à sua reocupação algures durante a Alta Idade Média.

Nestes locais é possível identificar, para além dos óbvios materiais romanos, como cerâmicas comuns, tijolo tipo burro ou *tegulae*⁵⁸, raros fragmentos de colunas, espólio cerâmico

4.1.3.1 O Monte Aljão

O Monte Aljão denomina um espaço aplanado que se encontra circundado pelo rio Mondego a Norte, a aldeia de Arcozelo a Este, o Rio Torto a Oeste e a actual Estrada da Beira (EN17) a Sul. Aqui foram efectuadas sondagens arqueológicas de emergência para averiguar o grau de destruição dos vestígios postos a descoberto pela surribo efectuada para o plantio de uma vinha. A passagem da máquina teria posto a descoberto, para além de inúmeros fragmentos cerâmicos, muros e uma sepultura⁵⁹, que motivou a intervenção de uma equipa dos Serviços de Arqueologia da Zona Centro, coordenada por João Inês Vaz. Apesar de a área intervencionada⁶⁰ ter abarcado apenas cerca de 45 m², foram identificados cinco níveis de ocupação: o mais antigo corresponde à fundação de um edifício romano; um segundo, que foi unicamente detectado no sector Oeste da sondagem, corresponde a um alicerce de um muro, cuja cronologia não é referida no relatório; um terceiro, que se sobrepõe ao edifício romano e que corresponde ao nível da necrópole de inumação. Após o abandono da necrópole sobrepõe-se-lhe um outro edifício medieval de planta subquadrangular; finalmente um quinto nível foi identificado na área nordeste e traduz-se num alicerce de um muro que se sobrepõe ao derrube da estrutura correspondente ao terceiro nível de ocupação. O relatório da intervenção é mudo quanto aos artefactos e à funcionalidade dos edifícios aí identificados, pelo que pouco mais é possível inferir dos dados disponíveis.

Este local, aparentemente de origem romana, terá sido ocupado na Idade Média sem que seja claro, para já, se a ocupação foi contínua ou se houve um hiato, tendo a *villa* sido reactivada já em plena Idade Média. O que aqui é curioso é a existência de uma necrópole entalada entre dois níveis, aparentemente correspondentes a estruturas de *habitat*. Ou poder-se-á interpretar estes dados de outra forma? Uma outra hipótese assemelha-se também verosímil, face aos acontecimentos que esta área foi palco durante os séculos que mediaram o fim do Império Romano do Ocidente e o estabelecimento da linha de fronteira cristã no Mondego. Após uma ocupação romana, o sítio poderá ter sofrido uma regressão em termos do espaço habitado, tendo algumas das construções sido abandonadas. Consequentemente, parte do espaço é então ocupado por uma necrópole que se situaria nas imediações das casas pertencentes a esta *villa* medieval. A construção de um novo edifício que circunda algumas das sepulturas pode não significar o abandono da necrópole, mas antes a construção de um edifício religioso que as integra e dá a este espaço uma outra dimensão religiosa. A existência de uma capela dedicada à Senhora dos Verdes a escassos metros pode dar alguma consistência a esta hipótese, já que a actual capela se localiza longe de qualquer uma das povoações circundantes, mas junto da estrada que liga Mangualde (Azurara) a Gouveia.

O local é ainda identificado em dois documentos datados de 1140 e 1141? (Ventura e Faria, 1990, p. 184-186). O primeiro refere-se à venda da *villa de Aldiam* efectuada por D. Afonso Henriques a Garcia e a Paio Eneguiz. O documento é muito preciso quanto aos limites desta *villa*:

...Et modo poste a facio vobis cautum de illa quomodo sparte per illo lombo de Arcozelo, et de alia parte per illo flumen Mondeci et de alia parte per illa aqua de Cessada, et inde cum Castro do Lobo. Do vobis et cautocum suis terminis et locis antiquis ...

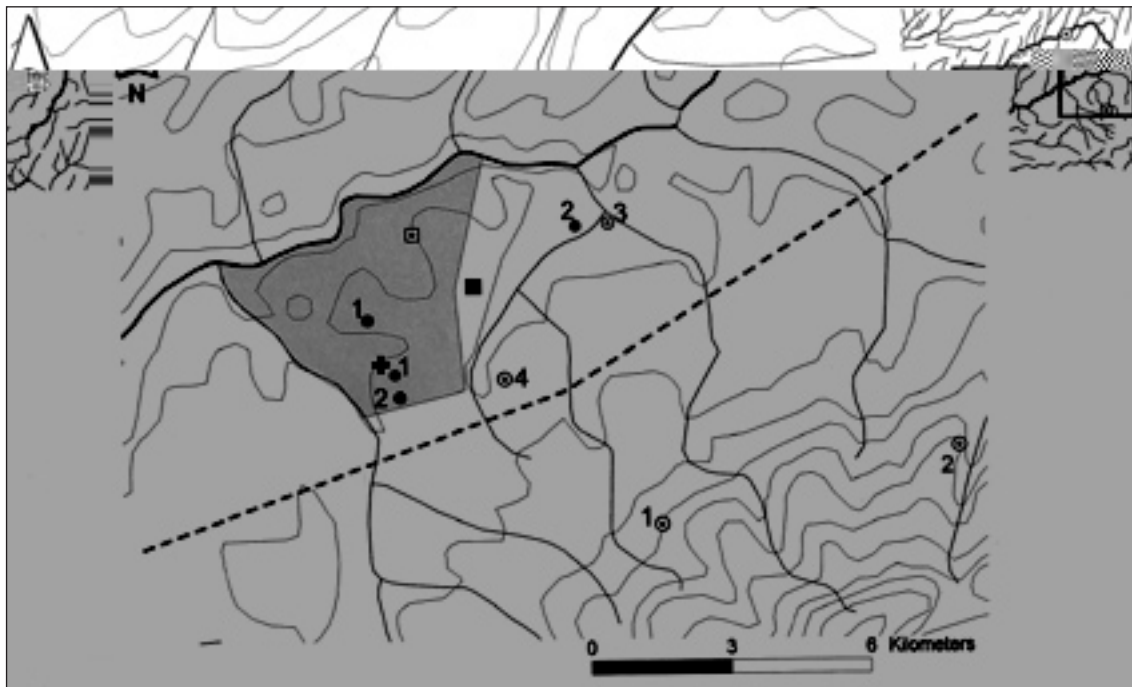
À excepção das referências ao *Castro do Lobo* e à *Cessada*, as demais menções são facilmente identificadas, correspondendo à aldeia do Arcozelo, ao rio Mondego e ao Rio Torto. Talvez o topónimo de *Castro do Lobo* possa corresponder ao castelo roqueiro do Penedo dos Mouros, mas para a *Cessada* não se nos afigura qualquer correspondência actual. Trata-se efectivamente do espaço que corresponde ainda hoje ao Aljão, aliás o nome de *Aldiam* tam-

bém não deixa qualquer dúvida quanto a esta correspondência. A propriedade é vendida pelo preço de dez morabitinos e um potro, sendo coutada na sequência desta venda.

O segundo documento diz respeito à doação de um oitavo da *villa de Aldiam* que Paio Eneguis e sua mulher fazem ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Este documento tem mais pormenores sobre os recursos desta propriedade:

...Damus et concedimus vobis canonicis Sancte Crucis ipsam villam nomine Aldiam sicut jam diximus cum suis domibus, vineis, terris cultis et incultis, montibus et fontibus, pascuis, molinis et sedibus molinarum et per ubi illa potueritis invenire...

A propriedade do Aljão deveria ser invejada nesta zona, pois tinha para além do casario, vinhas, campos de pasto, montes e fontes, terras cultivadas e incultas e moinhos, distinguindo o documento dois tipos: *molinis e sedibus molinarum*. É provável que o documento se possa referir a um conjunto de lagares escavados no granito que foram identificados no Aljão, mais precisamente no local das Lágeas. No espaço de cerca de 500 m² foi possível identificar quatro destes lagares, com tipologias bem diversas. É impossível determinar o porquê destas diferenças tipológicas, mas a presença de vinha na propriedade deixa antever que alguns desses lagares poderiam estar relacionados com a transformação da uva (Tente, no prelo b).



MAPA 4 – Área hipoteticamente ocupada pela propriedade do Aljão. ⊙ Estruturas defensivas: 1 - Castelo de Gouveia, 2- Castelo de Folgoso, 3 - Castelo, 4 - Penedo dos Mouros; ● Necrópoles: 1- Monte Aljão, 2- Risado; ● Sepulturas: 1- Monte Aljão, 2- Rascão; ■ Arcozelo; ▣ Lagares das Lágeas; + Actual capela da Senhora dos Verdes; ---- Estrada Real da Beira; ▭ Hipotética área da propriedade do Aljão.

4.1.3.2 Risado

Risado ou Arrasado - Muito próximo do Aljão situava-se o sítio do Risado. O topónimo actual indica que neste local algo terá sido arrasado, no pelo menos no local é possível identificar restos de antigo casario. A denominação dos sítios assenta na observação das caracte-

rísticas próprias de cada local e no caso do Risado a existência de inúmeros vestígios de cerâmicas, pedras, mós, restos de antigas telhas e tijolos é uma das características que distingue facilmente este local dos demais existentes no vale da Ribeira de Gouveia. O sítio do Risado localiza-se a cerca de 1500 m da aldeia do Arcozelo e dista cerca de 750 m do sítio do Castelo. O local não apresenta qualquer controlo da paisagem circundante, mas usufruiria da riqueza do vale bem desenvolvido da Ribeira de Gouveia, no espaço que medeia o desaguar da Ribeira de Boco e o *terminus* da Ribeira de Gouveia. Ainda hoje este vale proporciona o abastecimento de horticulturas dos mercados da região, atestando assim a sua riqueza.

No local identificou-se uma necrópole de sete sepulturas⁶¹ e muitos fragmentos de cerâmica comum romana, cerâmica medieval, tijolo tipo burro, *tegulae* e *imbrices*. Uma intervenção pseudo arqueológica⁶² efectuada pelo Gabinete Técnico Local, realizada sem qualquer critério científico, colocou a descoberto alguns muros que pelo se pode observar no local, desenhavam compartimentos quadrangulares. O espólio que foi retirado e que se encontrava abandonado na borda de cada pseudo-sondagem arqueológica era exclusivamente medieval, pelo que não será abusivo pensar que as estruturas que foram expostas por esta intervenção poderão integrar-se nesta cronologia.

A provável *villa* romana do Risado (Alarcão, 1993, p. 25) foi também ocupada durante a Alta Idade Média, mas qual a sua relação do Risado com o sítio do Castelo? O local do Castelo apresenta igualmente vestígios alto-medievos, mas tal como foi referido, é provável que este local tenha origem num povoado proto-histórico, que terá sido reocupado na Alta Idade Média. É pois legítimo imaginar que, após a romanização, a população possa ter abandonado o ventoso sítio do Castelo, tendo-se estabelecido em áreas mais abrigadas do vento e mais perto do vale fértil da Ribeira de Gouveia. É impossível afirmar que o sítio do Risado tenha tido uma ocupação contínua desde a sua fundação até ao abandono completo. Tendo havido ou não um hiato na sua ocupação, é um facto que no período alto-medieval este sítio estava ocupado, tendo, inclusive, sido construída uma necrópole que lhe era anexa. O sítio do Castelo poderá então ter sido novamente ocupado, agora com a preocupação de controlar parte do vale do Mondego ou mesmo do caminho que ligaria a Azurara a Gouveia e a Folgosinho, atravessando o Mondego na área da actual Quinta dos Padres⁶³.

Também próximo do Risado situa-se aldeia do Arcozelo. Apesar de não existirem actualmente dados arqueológicos que permitam confirmar uma ocupação alto-medieval, a povoação é já mencionada em meados do século XII, quando são estabelecidos os limites da propriedade do Aljão (Ventura e Faria, 1990, p. 184). Terão as gentes que ocupavam o Risado deslocado-se no século XI ou XII para o espaço ocupado pela actual aldeia? Ou a denominação do Arcozelo diz respeito ao casario do Risado, tendo a deslocação espacial ocorrido após a data deste documento?

Poderão ter sido efectivamente duas ocupações com carácter diferente que em determinado momento terão coexistido: uma de cariz familiar, que poderia ser uma espécie de granja ou quinta; a outra, um agrupamento supra familiar, talvez a origem da aldeia que se encontra bem estruturada na Baixa Idade Média.

A aldeia do Arcozelo está implantada na charneira de dois vales férteis: o da Ribeira de Gouveia e o da Ribeira de Boco, que por sua vez estaria controlado pelo castelo roqueiro do Penedo dos Mouros. Ora, não tendo este local, ao que tudo indica, anexado à estrutura defensiva qualquer espaço para a localização de habitações, é provável que ele fosse o último reduto das gentes e bens que habitariam as imediações. Com excepção do Aljão, o aglomerado populacional mais próximo seria a aldeia do Arcozelo, cujo castelo dominava visualmente⁶⁴. Considerando esta hipótese verosímil, então a povoação do Arcozelo existira já durante no século IX ou X, altura em que deve ter sido erguida a fortificação do Penedo dos Mouros.

4.1.3.3 Freixial

O Freixial localiza-se junto de um bairro recente de vivendas junto da estrada que liga Vila Nova de Tázem a Cativeiros. Foi possível aí identificar (Tente e Martins, 1994) uma necrópole constituída por sete sepulturas escavadas na rocha⁶⁵. Em redor destas e abrangendo um espaço relativamente dilatado, ainda que com maiores concentrações no espaço delimitado pelas diversas sepulturas, observam-se grandes quantidades de materiais cerâmicos fragmentados, entre os quais tijolo tipo burro, *tegulae* e *imbrices* e cerâmica comum. À parte da questão já abordada relativamente à integração cronológica das *tegulae*, foi possível identificar cerâmicas com características medievais, semelhantes aquelas que se descreveram para o sítio do Risado. Mas que tipo de sítio seria? E quando poderia ter sido fundado? O estabelecimento de uma fundação para este local apresenta-se uma tarefa complexa. Efectivamente, não se observaram materiais cuja integração romana seja clara a presença de *imbrices* e de *tegulae* não pode ser um critério inquestionável para atestar esta cronologia, já que se trata de materiais que devem ter sido usados durante um período muito dilatado. Contudo, não é de excluir a possibilidade da existência de um local romano cujo material de construção possa ter sido usado em épocas subsequentes.

Não obstante a questão da cronologia da fundação deste local, é possível destacar uma vez mais a coexistência espacial entre vestígios cerâmicos alto-medievais com sepulturas escavadas na rocha, tal como se detectou no sítio do Risado. Este local partilha com o Risado ainda outra característica: a sua dimensão e a abundante quantidade de vestígios observáveis à superfície. Ambos teriam de ser locais de razoáveis dimensões. Poderia ser o Freixial igualmente uma *villa*?

4.1.3.4 Safail

A menos de 1000 m de distância da área do Freixial identificou-se no sítio do Safail⁶⁶ uma outra área com uma concentração de cerâmicas semelhantes às identificadas no Freixial, ainda que ocupando uma área mais restrita, junto de duas sepulturas escavadas na rocha. A natureza da ligação destes dois sítios não é fácil de estabelecer, mas devem ter sido certamente contemporâneos.

O aparecimento no século XIX de uma pátera de bronze na área do Freixial/Safail lança mais dados para a interpretação da funcionalidade destes sítios. São desconhecidas as circunstâncias e local preciso do aparecimento desta peça. Também não é possível detectar o seu actual paradeiro, mas a publicação de algumas fotografias e um desenho (Cortez, 1950, p. 58-66) permitem ter uma ideia de que peça se trata. A pátera tem cerca de 0,22 m de diâmetro e possui uma profundidade máxima de 0,033 m e está partida numa parte do bordo onde aparentemente se fixaria a sua pega (Cortez, 1950, p. 62). No centro interior da pátera localizam-se dois círculos: um mais pequeno que envolve uma flor estilizada com quatro pétalas dispostas em cruz, e um segundo círculo que delimita o primeiro e uma inscrição (Cortez, 1950, p. 63). A interpretação da inscrição levantou muitas dúvidas e foram propostas várias leituras mais ou menos diversas por diferentes autores⁶⁷.

A cronologia é igualmente motivo de discórdia. Enquanto Russel Cortez julga que a pátera datará do século VI (Cortez, 1950, p. 65), Cordeiro de Sousa integra-a no século IX (Sousa, 1948, p. 132). Quer se integre no século VI ou IX ou em qualquer outro século entre estas duas balizas, a verdade é que a existência de uma pátera neste local permite julgar que o Freixial/Safail poderia corresponder a uma *villa* em que um dos seus proprietários estaria ligado de alguma forma ao poder religioso alto-medieval ou a uma antiga paróquia sueva. A localização da paróquia sueva de *Suberbeno* na área da Serra da Estrela, mais concretamente na zona de Seia (Alarcão, 2001, p. 170), abre esta última hipótese. Jorge de Alarcão considera

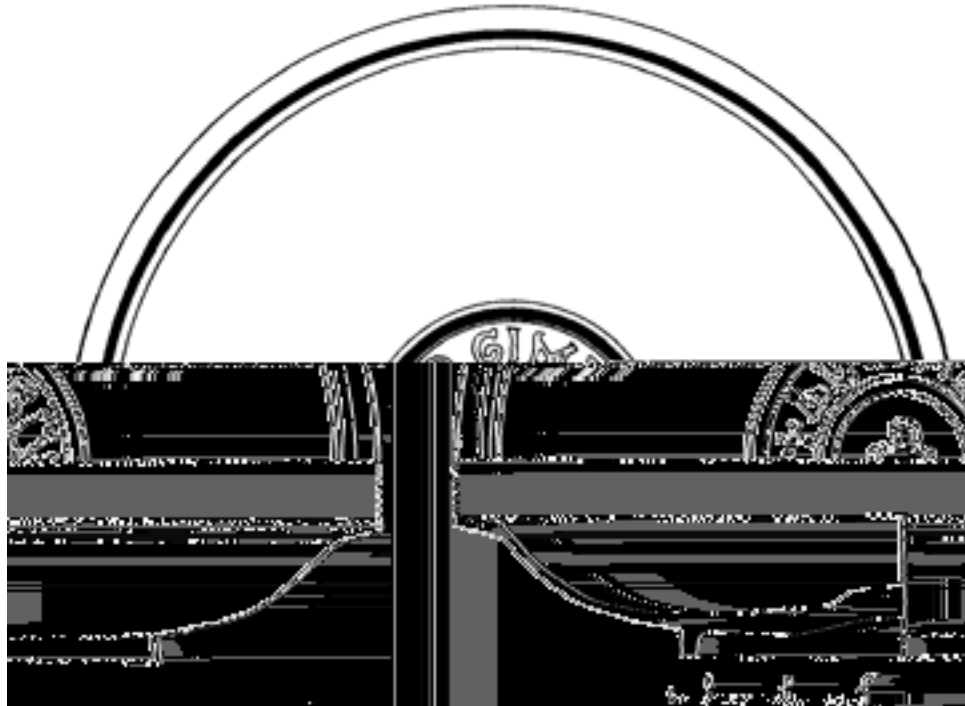


FIG. 15 – Desenho da pátera (Cortez, 1950, p. 64).

que esta paróquia se poderia localizar na Quinta da Nogueira, onde foram identificados vários vestígios romanos. Mas, com os dados actualmente disponíveis, nomeadamente a correspondência do Freixial/Safail com a paróquia de *Suberbeno* apresenta-se bem mais plausível do que a hipótese a sugerida por Alarcão.

4.1.3.5 Carvoeiro

A 4000 m para Sudoeste desta área identificaram-se, no sítio do Carvoeiro, vestígios cerâmicos coerentes com uma ocupação habitacional romana e alto-medieval, que coexistem espacialmente com sepulturas escavadas na rocha⁶⁸. Ainda que os vestígios cerâmicos se estendam por uma área claramente inferior aos vestígios do Freixial, é possível mesmo assim delimitar uma área de cerca de 4000 m².

Com os escassos indícios disponíveis a questão da cronologia da ocupação volta a colocar-se. Na realidade, é impossível precisar se o sítio do Carvoeiro se trata de um assentamento romano que poderá ter tido ocupação continuada até à Alta Idade Média ou se, pelo contrário, o sítio teria tido uma ocupação romana que teria sido interrompida durante um determinado período e voltando a ser ocupado durante Alta Idade Média. Mas, enquanto no Freixial/Safail, para além da dimensão da área de dispersão dos vestígios, foram identificadas nove sepulturas, no Carvoeiro foi possível identificar apenas três, o que leva a supor que não estamos perante o mesmo tipo de sítio, o Carvoeiro teria uma dimensão menor, talvez pudesse ter tido uma ocupação de cariz mais familiar, possivelmente o que se poderá denominar de uma quinta.

Distante deste núcleo mais povoado, que se situa entre a Ribeira de Gouveia e a Ribeira de Girabolhos, identificou-se um outro local que partilha as mesmas características que estes sítios.

APA
Estr

4.1.3.6 *Tapada das Pedras*

A Tapada das Pedras situa-se na margem direita da Ribeira de Linhares, numa zona ocupada hoje pela aldeia do Vale da Ribeira, distando cerca de 3500 m da aldeia da Mesquitela e do sítio de A-das-Pedras e cerca de 6250 m de Linhares, local com que estabelece uma ligação visual directa.

Numa área de cerca de 5000 m² foi possível identificar nove sepulturas escavadas na rocha⁶⁹ e no espaço que as circunda, inúmeros fragmentos de tijolo tipo burro, *imbrices*, uma base de coluna, com um lado sextavado, cerâmica comum a torno e manual com pastas vermelhas e castanhas acinzentadas. Os indícios voltam a apontar para um sítio com origem romana, que terá sido reocupado ou permanentemente ocupado até à Alta Idade Média e que se situava no caminho que ligaria a Mesquitela⁷⁰ ao castelo de Linhares. A dimensão da necrópole e a existência de uma outra necrópole com onze sepulturas a cerca de 500 m de distância, situada na margem esquerda da ribeira⁷¹, deixa pensar que estes são os vestígios de um pequeno núcleo habitacional de cariz plurifamiliar, talvez a origem da actual aldeia.

Algumas das actuais aldeias terão tido origem em agrupamentos habitacionais alto-medievais. Ainda que nestes casos seja mais difícil determinar a natureza e a função da ocupação alto-medieval, devido à utilização urbana continuada desse espaço, existem indícios claros desta ocupação.

4.1.3.7 *Arcozelo*

Um desses casos é o da aldeia do Arcozelo. Na escassa documentação existente para esta época, o Arcozelo é referido desde 1140/41 no documento de venda do Aljão mas, tal como demonstrado acima⁷², é provável que este local exista pelo menos desde os séculos IX/X, já que o castelo roqueiro do Penedo dos Mouros deveria proteger as gentes que habitariam este aglomerado urbano.

4.1.3.8 *Vila Ruiva*

Esta actual aldeia deverá ter sido igualmente um aglomerado habitacional alto-medieval. A proximidade da necrópole da Tapada do Anjo⁷³, aliada à dimensão da mesma, sugere que o aglomerado onde habitariam os indivíduos que foram sepultados nas sepulturas desta necrópole deveria localizar-se próximo do espaço actualmente ocupado pela aldeia — algumas das sepulturas desta necrópole localizam-se já dentro do perímetro urbano da aldeia. É equacionada a hipótese da necrópole poder estar associada a um antigo templo⁷⁴, que teria sido responsável pela agregação das sepulturas neste espaço. Porém, mesmo admitindo que as sepulturas estivessem associadas a um edifício de cariz religioso, é também provável que este estivesse associado a um aglomerado habitacional. Aliás, a presença de espólio cerâmico medieval na vasta área ocupada pela necrópole sugere esta mesma hipótese.

4.1.3.9 *A-das-Pedras*

Situação semelhante deveria ocorrer com as gentes que se faziam sepultar na necrópole de A-das-Pedras⁷⁵. A proximidade das sepulturas com a Mesquitela deixa pensar que o núcleo urbano estivesse na área da actual aldeia. Não longe deste núcleo deveria existir um outro na área que corresponde à actual aldeia de Vale da Ribeira, tal como já foi referido. A proximidade destes dois núcleos, a sua associação a três necrópoles e a presença do topónimo Mesquitela permite igualmente pensar que pudesse apenas existir um núcleo habitacional multifamiliar, mas que poderia estar ligado pela proximidade geográfica a um espaço com carácter religioso, provavelmente muçulmano, e daí a cristalização do topónimo. Porém, os dados disponíveis permitem apenas aventar hipóteses que pretendem compreender a organização

do espaço e propor uma interpretação para a invulgar proximidade destas três necrópoles e da sua associação a um topónimo de origem muçulmana.

4.1.3.10 *Nespereira*

Em Nespereira terá havido uma ocupação romana associada provavelmente a uma *villa*. Junto da capela de S. Pelágio e entre esta e o Outeiro têm vindo a ser descobertos fragmentos de dormentes manuais, fragmentos de coluna, cerâmica comum e *tegulae*. Próximo desta área e junto do *hemicyclium*⁷⁶ escavado na rocha, foram igualmente recolhidos por Castro Nunes quatro fragmentos de cerâmica pertencentes a quatro recipientes de *terra sigillata hispanica* tardia, integrável nos séculos IV/V (Diogo, 1982).

É provável que a ocupação humana neste local não tenha cessado. O facto de se encontrar junto a uma via que ligaria o Aljão a Gouveia poderá ter contribuído para a permanência da ocupação humana no período de desmembramento do Império Romano e os inícios da Alta Idade Média. Há algumas referências orais para a presença de sepulturas escavadas na rocha na zona do Outeiro mas, apesar de o local ter sido várias vezes prospectado, nunca foi possível identificá-las. Não longe, na margem esquerda da Ribeira de Gouveia, a cerca de 400 m de distância de *hemicyclium*, foram escavadas duas sepulturas antropomórficas⁷⁷.

4.1.3.11 *Vinhó*

No sítio da Tapada, perto da actual da aldeia de Vinhó, foram identificadas três sepulturas escavadas na rocha⁷⁸, em redor das quais se identificaram vestígios consentâneos com um local de habitação. Os vestígios não são abundantes e concentram-se numa área restrita de cerca de 300 m².

4.1.3.12 *Paços da Serra*

No sítio das Barreiras, junto de um lameiro, foram identificadas duas sepulturas⁷⁹ escavadas na rocha, em redor das quais é possível observar vestígios cerâmicos que apontam para a existência de uma área habitacional de reduzida dimensão.

4.1.3.13 *Aldeias*

Situação análoga poderá ter ocorrido com Aldeias, onde em meados do século XX foram identificadas mós, telhas e cerâmicas comuns na sequência de uma enxurrada ocorrida junto da igreja matriz da aldeia (Ferreira, 1950). Para Jorge de Alarcão “trata-se de uma estação romana, embora não seja possível, sem intervenção, definir a sua natureza pode ser uma *villa* ou apenas um modesto casal” (Alarcão, 1993, p. 18). Contudo a descoberta de uma sepultura escavada na rocha, a cerca de 200 m da área onde terão aparecido os vestígios descritos por Tavares Ferreira, poderá indiciar uma cronologia mais tardia para esses vestígios, ou permitir equacionar uma origem romana na ocupação deste local, que durante a Alta Idade Média terá igualmente sido utilizado.

4.1.2.14 *Vale de Azares*

Em Vale de Azares dentro do núcleo urbano, próximo da capela de S. Tiago, foi identificada uma sepultura escavada na rocha⁸⁰ (Valera e Martins, 1994, p. 279), atestando assim a ocupação humana deste local na Alta Idade Média. A presença de uma única sepultura sugere que nas imediações se encontraria uma unidade habitacional. Contudo, a presença na fachada lateral da capela da Fonte Arcada do fragmento de granito esculpido com três círculos com uma decoração vegetalista mais ou menos geometrizada⁸¹ permite equacionar a existência de um núcleo habitacional de maior importância. Este elemento de escultura ornamental foi pri-

meiramente identificado por A. Valera e A. Martins (1994) que o classificam como visigodo, mas uma análise mais atenta do fragmento e uma pesquisa de paralelos, permitiu encontrar semelhanças com outros elementos arquitectónicos como o apoio de cancela de S. Frutuoso (Real, 1995, p. 38), ou em Santo Andrés de Bedriñana, ou mesmo na Igreja de Santa Cristina de Lena e em San Miguel de Lillo (Castro Valdés, 1995), ainda que em qualquer destes casos a qualidade artística seja superior. Todos estes exemplos se integram cronologicamente entre os séculos VIII e X, pelo que é verosímil considerar que este fragmento arquitectónico não possui uma cronologia anterior ao século VIII.

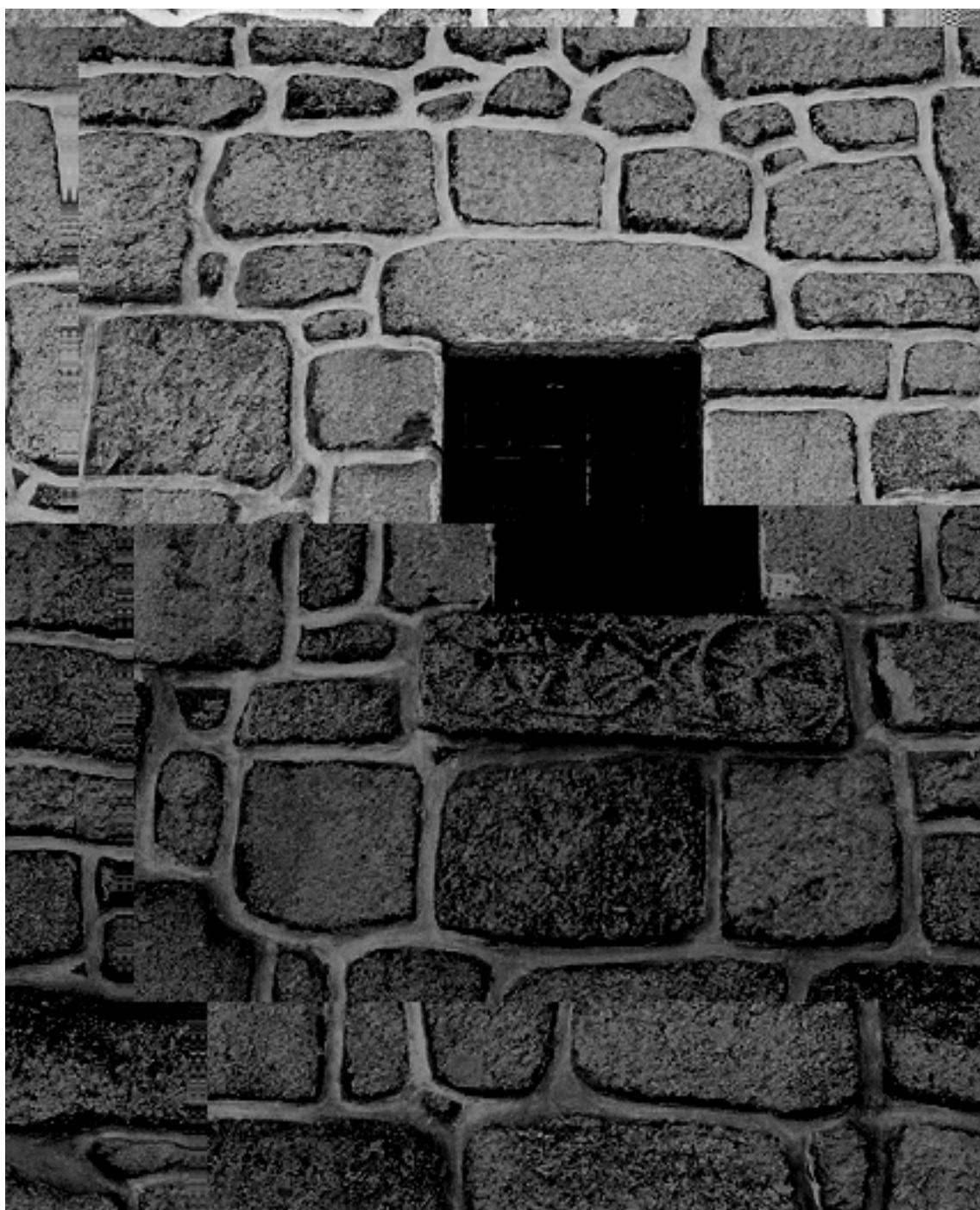


FIG. 16 – Fachada lateral da capela de Fonte Arcada com inclusão do silhar esculpido com os três círculos gomados.

Ainda que seja difícil interpretar a função original deste elemento arquitectónico, a sua presença sugere a existência de um edifício alto-medieval, muito provavelmente de cariz religioso, já que muitos dos paralelos que conhecemos para este tipo de elementos se encontram preferencialmente em edifícios religiosos. Poderia ser aqui uma das antigas paróquias alto-medievais? A hipótese é tentadora, mas são muito escassos os dados até agora obtidos, pelo que intervenções arqueológicas na área actualmente ocupada pela aldeia permitirão esclarecer a origem do elemento arquitectónico e consequentemente a fundação da aldeia.

Para além dos núcleos que seriam mais ou menos alargados e que estão hoje integrados ou próximos de actuais aldeias, existiriam espalhados pelo território, outros aglomerados habitacionais de menores dimensões⁸². São locais com núcleos de sepulturas, junto das quais se identificaram alguns fragmentos de cerâmica comum medieval e cerâmica de construção. A área de dispersão destes vestígios é reduzida, não excedendo os 300/500 m²; os vestígios de *habitat* podem estar dispersos entre as sepulturas, em redor destas ou ligeiramente deslocados do núcleo sepulcral, na ordem dos 50 a 300 m.

4.1.2.15 *Quinta da Fidalga*

Neste sítio, situado na encosta do monte onde se localiza o castelo de Linhares, junto da Ribeira de Linhares, foram identificadas duas sepulturas⁸³, localizadas nas margens da ribeira, distando entre si cerca de 250 m. A cerca de 300 m da sepultura que se situa na margem esquerda da ribeira, foram identificadas cerâmicas de construção e comuns, cuja integração cronológica é difícil, já que nenhum dos fragmentos observados apresentava qualquer tipo de decoração. Contudo, o tipo de pasta escura e a presença de alguns fragmentos de cerâmica manual, característica destes contextos medievos, leva a supor que às sepulturas estaria associado um pequeno núcleo habitacional, que exploraria a riqueza das pequenas rechãs que se desenvolvem nas margens da ribeira de Linhares. A relativa proximidade do castelo e o domínio visual que detêm para essa estrutura reforçam da integração alto-medieval deste espaço.

4.1.3.16 *Póvoa*

Localizado junto do caminho que ligaria Linhares a Videmonte, em contacto visual directo com a atalaia da Penha de Prados, estaria um outro núcleo habitacional de reduzida dimensão, ao qual estavam associadas três sepulturas escavadas na rocha⁸⁴. As sepulturas foram escavadas em afloramentos graníticos que delineiam um pequeno alto em redor do qual se desenvolvem solos mais ou menos profundos aptos para a agricultura. Foi nestas terras que se identificaram os vestígios que apontam para a existência de um *habitat* provavelmente contemporâneo das sepulturas. A quantidade dos vestígios é bastante reduzida, tal como é reduzida a mancha da sua dispersão, não atingindo os 300 m².

4.1.3.17 *Tapada do Bufo*

Este local está situado na meia encosta do monte onde se localiza o Monte Verão, ainda que não tenha qualquer ligação visual com esse ponto fundamental do controle do território da encosta noroeste da Serra da Estrela. As sepulturas que constituem esta pequena necrópole⁸⁵ encontram-se bastante dispersas, podendo individualizarem-se quatro núcleos que distam cerca de 100/200 m entre si. Entre estes núcleos identificaram-se diversos fragmentos de cerâmica de construção e cerâmica comum medieval. Apesar de se tratar de uma encosta, a área da Tapada do Bufo tem diversos lameiros que são alimentados por diversas pequenas linhas de água.

4.1.2.18 *Tapada da Serra*

A cerca de 1060 m de altitude, localizam-se duas sepulturas⁸⁶ escavadas num afloramento granítico, perto das quais se identificaram igualmente vestígios cerâmicos de construção e algumas cerâmicas comuns de pasta cinzenta escura acastanhadas de produção manual. Este sítio localizado na alta encosta serrana tem contacto visual directo com o castelo de Linhares.

4.1.2.19 *Quinta da Moira*

Na alta encosta serrana situam-se igualmente as sepulturas da Quinta da Moira⁸⁷. A cerca de 100 m das sepulturas e perto das ruínas do antigo casal agrícola ali existente foram identificados alguns fragmentos de cerâmica consentâneos com a cronologia a que este trabalho se reporta.

4.1.2.20 *Menoita 1*

No alto planalto serrano e junto do caminho que ligaria Videmonte à Quinta da Taberna, foram identificadas duas sepulturas⁸⁸ num afloramento xistoso aí existente, junto do qual foi possível observar, nas terras recém lavradas, pequenos fragmentos de cerâmica manual de pasta castanho-cinzentado escuro, tendo um deles uma pequena linha incisa ondulada.

4.1.2.21 *Casal de S. Pedro*

Ainda no planalto serrano, num monte destacado por dois pequenos vales bem desenvolvidos de duas linhas de água não permanente, subsidiárias do alto Mondego, foram identificados quatro fragmentos de cerâmica alto-medieval. A proximidade geográfica com as sepulturas do Casal de S. Pedro⁸⁹, das quais distam cerca de 200 m, leva a supor uma relação directa entre estes dois vestígios.

4.1.2.22 *Casal das Pias/Reigoso*

No alto planalto da montanha localizam-se dois casais agrícolas⁹⁰ vizinhos, nos quais onde foram identificadas uma necrópole⁹¹ e uma estrutura circular, junto da qual teria sido recolhida, segundo Martins Sarmiento, uma meada de ouro (Sarmiento, 1883, p. 9). Não obstante a notícia da identificação de uma meada de ouro abrir a possibilidade deste sítio ser proto-histórico, não foi possível identificar aí qualquer vestígio cerâmico ou outro que confirme ou infirme essa hipótese. Aliás, a ausência total de qualquer espólio deixa dúvidas se efectivamente se trata de um povoado fortificado de pequenas dimensões. A ausência de vestígios cerâmicos característicos de uma ocupação habitacional permite pensar no local como um redil de gado construído em pedra⁹², cuja cronologia não é possível determinar. Contudo, a curta distância de cerca de 300 m, que separa este local da necrópole do Casal das Pias e dos vestígios habitacionais que a ela estão relacionados, abre a hipótese de poderem ter tido uma ocupação contemporânea.

Durante os trabalhos de prospecção foi ainda possível identificar dois sítios com vestígios superficiais de cerâmicas alto-medievais, mas que não se encontram associados a sepulturas escavadas na rocha.

4.1.2.23 *Quinta do Seixal*

Manuel Ramos de Oliveira mencionou na sua monografia do concelho de Celorico de Beira (Oliveira, 1997) a existência de vestígios romanos no sítio do Seixal⁹³, que se localiza entre as actuais aldeias de Salgueirais e de Cortiço da Serra. O local caracteriza-se por uma

encosta suave sulcada por uma linha de água que permitiu o desenvolvimento de áreas de lameiro, propícias ao cultivo de horticulturas e de pasto. Aí foi possível identificar alguns fragmentos de cerâmica de construção incaracterística e raros fragmentos de cerâmica comum de tecnologia manual e roda de cor castanha escura, tendo um deles vestígios de uma incisão ondulada. Não obstante, a integração cronológica indicada por Oliveira, deixa em aberto a hipótese deste núcleo habitacional medieval poder ter uma origem romana.

4.1.2.24 Boiticela

O sítio da Boiticela⁹⁴ localiza-se no alto planalto serrano e tem uma impressionante ligação visual directa com a cidade da Guarda, permitida pela curta distância em linha recta existente entre estes dois sítios, que se situam mais ou menos à mesma altitude. Não obstante esta ligação directa, o espaço que as separa é, substancialmente superior àquele que a ligação visual faz supor, já que se encontram divididos pelo encaixado vale do rio Mondego na área da Mizarela. Foi o topónimo de Boiticela que levou a que se visitasse o local em busca de vestígios arqueológicos, pois segundo Almeida Fernandes o topónimo Botecela é característico da ocupação do século XII (Fernandes, 1999, p. 105). Efectivamente junto do actual Casal da Boiticela foram observados fragmentos de cerâmicas alto-medievais semelhantes aos identificados em outros locais acima descritos. O núcleo habitacional da Boiticela não estaria longe da via que ligaria Videmonte à Guarda, ou pelo menos à estrada que atravessa o rio Mondego na Mizarela.

4.2 O espaço dos mortos

A história dos estudos das sepulturas escavadas na rocha em Portugal remonta à década de 30, com publicações pontuais em revistas como *O Archeólogo Português*, *Portugália* e *Revista Guimarães*, desenvolvidos por Leite Vasconcelos, Santos Rocha, Martins Sarmiento, Félix Alves Pereira e Virgílio Correia. Tanto Simões Rodrigues Ferreira como Santos Rocha defenderam uma cronologia romana para este tipo de vestígios, alegando a sua associação a materiais tipicamente romanos como é o caso das *tegulae*. Porém Alves Pereira discordou desta periodização, afirmando que as *tegulae* tiveram uma longa diacronia de utilização. Para este autor a “implantação de sepulturas em sítios isolados resulta (...) em primeiro lugar da fundação de basílicas particulares, referida no II Concílio de Braga realizado no ano de 572, com respectivo cemitério onde os seus proprietários desejavam ser sepultados e, em segundo lugar, da inexistência de um cemitério onde todos os cristãos deveriam ser enterrados” (*apud* Marques, 1995, p. 11). Já Amorim Girão e Alberto Correia consideraram que as sepulturas teriam uma cronologia proto-histórica. António Cruz, na década de 40, e Ferreira de Almeida, nos anos 70, atribuíram uma periodização medieval, tendo Cruz chegado a defender a utilização das sepulturas deste tipo pelo menos até ao século XV.

Uma segunda fase dos estudos na Península Ibérica foi inaugurada com os trabalhos de Alberto del Castillo, que, durante as décadas de 60 e 70, escavou algumas necrópoles na área de Burgos, Sória e Longronho. Em 1968, Del Castillo apresentou uma comunicação ao XI Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Mérida, na qual estabeleceu uma tabela cronológica e tipológica que relacionava as sepulturas com a “reconquista” e o povoamento. Em termos tipológicos, Del Castillo considerava que havia uma clara evolução, sendo as sepulturas não-antropomórficas ou ovaladas as mais antigas, com uma origem por volta do século VII. A partir daqui, ter-se-ia evoluído para um delineamento do contorno do ombro esquerdo, o que teria ocorrido por volta do século IX.

No período da “reconquista cristã”, o antropomorfismo estaria já claramente bem definido, podendo apresentar rebordos para os encaixes das tampas. Del Castillo defendeu também que na zona da Catalunha eram maioritárias as cabeceiras de sepultura trapezoidal, enquanto em Aragão e Castela predominavam as de arco ultrapassado. A sua teoria sobre o evolucionismo nas tipologias das sepulturas entra, porém, em contradição com as ilações que retirou dos resultados da escavação de Revenga e Cuyacabras, onde definiu panteões familiares correspondentes a um pequeno agregado, sendo a sepultura do elemento masculino antropomórfica e a da mulher e dos filhos não-antropomórfica/ovalada.

Os seus estudos, que ainda hoje servem de referência, foram largamente criticados a nível da cronologia e regionalismo das tipologias por autores como María Asunción Bielsa e, posteriormente por Katja Kliemann. A primeira, mediante os resultados da necrópole aragonesa de Uncastillo, considerou que os dois tipos de cabeceiras (trapezoidal e arco ultrapassado) não representavam escolhas regionais contemporâneas, tendo defendido que as sepulturas com cabeceira trapezoidal ou angulosa eram anteriores às sepulturas que apresentavam cabeceiras em arco ultrapassado. Por outro lado, constatou que estes dois tipos podiam coexistir na mesma necrópole. Já Kliemann provou através dos seus estudos na área da Catalunha, que havia uma grande diversidade tipológica e que as sepulturas com cabeceiras trapezoidais ou angulosas não eram sequer a maioria na área da Catalunha. Para esta autora, a diversidade tipológica poder-se-ia dever à existência de um povoamento disperso. Defendeu ainda que as sepulturas escavadas na rocha não eram exclusivas da Península Ibérica e considerou que as sepulturas antropomórficas teriam uma diacronia alargada situando-as entre os séculos VIII e XIII.

Já em 1982, Bolós e Pages retomam as teorias de Alberto del Castillo, actualizando-as. Propõem, assim, uma nova cronologia para as sepulturas, atribuindo uma maior antiguidade às sepulturas não-antropomórficas (entre estas, as trapezoidais ou rectangulares seriam anteriores às ovaladas), que teriam surgido por volta do século VII. Durante o período da “reconquista” as sepulturas antropomórficas surgiriam, tendo-se generalizado sobretudo durante os séculos IX e X.

Mais recentemente, Carlos de la Casa Martínez (1992) apresentou um estudo sistematizado das necrópoles de Sória, onde defende uma grande variedade tipológica. Considera, tal como Del Castillo, que nas sepulturas em que existe um correlacionamento espacial directo se poderá inferir um enterramento entre indivíduos da mesma família. No que concerne à cronologia, De la Casa Martínez julga que a maioria das necrópoles que estudou situar-se-iam entre os séculos X e XI.

Relativamente ao nosso país, a viragem para uma fase mais intensa dos estudos das sepulturas foi marcada pelos trabalhos de Mário Barroca, que publicou em 1983, conjuntamente com Cardoso Morais, os resultados da escavação de Aguiar da Pena (Barroca e Morais, 1983). Nesse artigo, fazem a descrição morfológica e a análise espacial das sepulturas, inserindo-as numa cronologia que se estende desde o século VII ao XI.

Em 1987, Barroca apresentou à Faculdade de Letras do Porto um trabalho intitulado “Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)” (Barroca, 1987), no qual constatou que as sepulturas estariam mais relacionadas com uma realidade de povoamento disperso, existindo, na região que estudou, um número reduzido de sepulturas em cada núcleo, estando estas na maior parte das vezes isoladas, contrariamente às grandes necrópoles do território espanhol. Foram, porém, os resultados da escavação das necrópoles da Claustro do Convento de Santa Marinha da Costa⁹⁵ (Guimarães) que lhe permitiram estabelecer uma cronologia para as sepulturas escavadas na rocha. Segundo este autor, as sepulturas mais antigas identificadas situam-se no período que medeia a destruição do edifício

religioso suevo-visigótico e a construção de um outro, galaico-asturiano. Durante a utilização do templo galaico-asturiano, a necrópole ostenta sepulcros onde o antropomorfismo é ainda tímido e em que se delinearão rebordos para os encaixes das tampas. As sepulturas mais tardias, nomeadamente as que ostentam profundos encaixes para as tampas, relacionam-se com o edifício românico (Barroca, 1987, p. 138). Barroca defende assim uma cronologia evolucionista, que parte do não-antropomorfismo para o antropomorfismo a partir do século XI, tendo as sepulturas antropomórficas perdurado até pelo menos meados do século XIII, apresentando nos modelos mais tardios profundos rebordos para facilitar o encaixe das tampas (Barroca, 1987, p. 140).

Durante a década de 90, as publicações e teses sobre o tema multiplicaram-se. Em 1996 Jorge Adolfo Marques apresenta à Faculdade de Letras do Porto uma dissertação de mestrado intitulada “Sepulturas escavadas na rocha da região de Viseu”. Deste trabalho destacam-se duas ideias principais. Primeiro, o autor relaciona a geografia das sepulturas estudadas por si com um povoamento disperso em pequenas unidades de cariz familiar; por outro lado, constata uma correlação entre as sepulturas e os locais onde aparecem vestígios de ocupação habitacional, normalmente relacionados com o aparecimento de *tegulae* (Marques, 1996).

Ainda em 1996, Ricardo Teixeira apresenta igualmente à Faculdade de Letras do Porto um estudo sobre povoamento entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média na região de Chaves, onde identifica e inventaria um número considerável de sepulturas escavadas na rocha. As sepulturas estudadas por Teixeira são maioritariamente antropomórficas e localizavam-se em penedos ou afloramentos destacados ou junto a locais com vestígios de ocupação habitacional, que se podem relacionar com a época romana ou medieval.

Destacam-se ainda os diversos artigos publicados sobre o tema. Não querendo nem pretendendo ser exaustiva, destaco os trabalhos na área da Meda do Grupo de Estudo de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, coordenado por Brochado de Almeida; os de Cristina Calais, sobre a necrópole do Senhor da Boa Morte (Vila Franca de Xira); os de António Valera, acerca das sepulturas da região de Fornos de Algodres; os de Gisela Encarnação e Cidália Duarte sobre a necrópole do casal de S. Brás (Amadora); os de Ivone Pedro sobre as sepulturas na região de Viseu; os do Campo arqueológico de Mértola sobre a Necrópole da Achada; os de Catarina Tente e Sandra Lourenço sobre as sepulturas de Carregal do Sal, de Gouveia e do distrito de Évora. Todos estes trabalhos adiantaram novos dados relativos a outras regiões do país, evidenciando que este tipo de vestígios não é exclusivo da área a Norte do Douro. Efectivamente, têm sido numerosos os estudos de impacte ambiental realizados no âmbito da prevenção ambiental de obras públicas, como a do Alqueva, que têm também contribuído para o conhecimento das sepulturas escavadas na rocha um pouco por todo o país⁹⁶.

Já no ano 2000, Marina Afonso Vieira apresenta à Faculdade de Letras de Coimbra uma dissertação sobre o povoamento no Alto Paiva utilizando as sepulturas como elemento identificador de ocupação alto-medieval. No seu estudo identificou um grande número de sepulturas isoladas ou em agrupadas em pequenos núcleos, sendo raras as necrópoles, principalmente aquelas que se encontram associadas a templos (Vieira, 2004). A maioria dos sepulcros que Marina Vieira estudou era, contrariamente às analisadas por Ricardo Teixeira na área de Chaves, não-antropomórficas. Das 84 sepulturas que inventariou, apenas 8 apresentavam um antropomorfismo pleno (Vieira, 2004).

Em 2002 Isabel Alexandra Lopes defende a dissertação intitulada “Contextos materiais da morte durante a Idade Média: as necrópoles rupestres do Vale do Douro Superior” na Faculdade de Letras do Porto. Neste trabalho, a autora faz um inventário exaustivo das necrópoles relacionando-as, sempre que possível, com a rede viária, com os vestígios de povoamento ou com edifícios de carácter religioso (Lopes, 2002).

A temática das sepulturas escavadas na rocha teve no nosso país um despertar tardio, mas os últimos anos têm sido marcados pelo prosperar de artigos e trabalhos de fundo que têm contribuído não só para a discussão acerca das tipologias e cronologias deste tipo de vestígios medievais como também para o conhecimento dos pressupostos mentais do culto dos mortos, das formas de povoamento e das condições sociais e económicas da sociedade medieval.

4.2.1 Sepulturas isoladas

4.2.1.1 Cama da Moura

Esta sepultura antropomórfica (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) localiza-se numa encosta situada dentro da actual povoação de Aldeias. A sepultura está orientada a SE e encontra-se fracturada transversalmente.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	C1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	2	SE	B		4	o	o	o	o	30	30	164	19	30	27			5	3	o	o	1	4

4.2.1.2 Castelo 1

Esta sepultura (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) localiza-se junto ao Castelo, na freguesia do Arcozelo da Serra. No penedo foi esboçado um antropomorfismo, mas a sepultura não foi terminada. Encontra-se orientada a O, sendo o seu comprimento máximo de 1,46 m. Este vestígio está localizado junto a um povoado fortificado que tem ocupação proto-histórica, romana e provavelmente medieval. O estudo do local ainda se encontra no início, daí a falta de mais informações.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	3	N	B		6	7	o	o	o	40	38	146	10	10	18			3	3	o	o	5	3

4.2.1.3 Penedo dos Mouros

Localizada entre as povoações de Arcozelo e Nespereira, freguesia de Arcozelo da Serra a uma altitude de 436 m e junto a um caminho isolado por onde apenas passam os poucos pastores ainda existentes na região. Esta sepultura (Tente e Martins, 1994; Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) está escavada num penedo com cerca de 7 m de altura, que domina visualmente o vale da Ribeira de Rio Torto. A sepultura é antropomórfica e tem como comprimento máximo 2,05 m. Está orientada a NE e encontra-se bem preservada, ainda que sem tampa. Foram recolhidas informações orais sobre tampa da sepultura, tendo sido apurado junto da memória colectiva que esta seria monolítica e teria algum tipo de decoração.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	C1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	NE	B		1	8	o	o	o	71	71	205	31	19	29	1	2	1	1	o	o	o	5

4.2.1.4 Chão do Pinto

Sepultura antropomórfica (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) de 2,56 m de comprimento e largura máxima respectivamente. Orientada a SE e situada numa vertente virada a Sul, na actual freguesia de Figueiró da Serra.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	SE	b		1	4	o	o	o	56	56	200	25	18	33			3	1	o	o	1	7

4.2.1.5 Quinxozo

Localizada próximo da sepultura anterior, esta sepultura (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) é tipologicamente antropomórfica. Porém possui a particularidade de a cabeceira ser definida por dois cantos arqueados. Está orientada a NO e tem uma largura máxima de 42 cm e um comprimento de 2,01 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	NO	B		3	9	o	o	o	42	36	201	21	22	15			5	1	o	o	1	7

4.2.1.6 Casal de S. Pedro

Trata-se de uma sepultura (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000) escavada em xisto de tipologia antropomórfica e com uma orientação NO. Localiza-se no esporão do Casal de S. Pedro, actual freguesia de Folgoso. O casal pastoril onde se encontra, à semelhança do que acontece para a necrópole do Casal das Pias, está situado num planalto de grande altitude onde o povoamento é disperso, talvez similar ao tipo de povoamento que a dispersão das sepulturas parece reflectir.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	NO	B		4	3	1	o	1	50	50	162	21	21	22			5	2	1	o	3	9

4.2.1.7 Vinha Grande

Localizada no sítio da Passarela, freguesia de Lagarinhos, esta sepultura antropomórfica está orientada a O e o seu comprimento máximo é de 1,72 m (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	O	B		5	5	o	o	o	41	41	172	42	22	20			3	2	o	o	5	10

4.2.1.8 Tapada/Rascão

Sepultura não-antropomórfica situada na freguesia de Rio Torto, orientada a NE e com um comprimento máximo de 1,89 m (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	NE	A	2			o	o	o	72	72	189	23					2	2	o	o	1	10

4.2.1.9 Quinta do Dr. Mário Figueira

Trata-se de uma sepultura antropomórfica cujo comprimento máximo é de 1,97 m e que se encontra virada a SE (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Localiza-se junto a um caminho, cuja origem não foi possível determinar, na actual freguesia de Vila Franca da Serra.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	SE	B		3	5	o	o	o	42	39	197	22		o	o	o	5	1	o	o	4	10

4.2.1.10 Moita do Cume

Esta sepultura antropomórfica, que foi orientada a S, tem a particularidade de possuir um estreitamento da zona dos pés com um rebaixamento de forma rectangular, que interpretamos como sendo para posicionar os calcanhares (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Encontra-se num local isolado, na freguesia de Vila Nova de Tázem.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	S	B		3	5	1	1	2	52	52	179	28	18	38			2	3	o	o	5	10

4.2.1.11 Fonte de S. João

Trata-se de um sarcófago de tipologia antropomórfica que foi colocado junto da Fonte de S. João, nas imediações da povoação de Tázem - freguesia de Vila Nova de Tázem. A deslocação do seu lugar original teve o propósito de fazer de pia para dar de beber aos animais; para tal, abona o facto de ter sido feito um orifício no lado direito. É possível que este sarcófago possa ser originário da área da actual capela de S. João, já que existem informações orais que dão conta do aparecimento de sepulturas escavadas na rocha aquando das obras de restauro da actual capela, que dista da Fonte cerca de 300 m (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	C1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1		B		o	8	o	o		53	49	181	26	25	27			2	3	o	3	4	2

4.2.1.12 A-do-Braga

Sepultura antropomórfica (Valera e Martins, 1994) isolada, localizada actualmente junto a um caminho de terra batida que dá acesso ao Rio Mondego.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	NO	B		4	7	o	o		60	60	186	32	9	24			1	3	o	o	4	8

4.2.1.13 Quintã

Sepultura antropomórfica (Valera e Martins, 1994) localizada a cerca de 150 m da actual capela de S.Tiago. Encontra-se orientada a 140° N e possui um comprimento máximo de 1,86 m e uma largura máxima de 0,60 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	SO	B		4	7	o	o	o	54	47	186	26	25	26			1	4	o	o	o	2

4.2.1.14 Monte Aljão 2

Localizada no planalto do Aljão a cerca de 400 m das sepulturas identificadas durante a escavação do Monte do Aljão, esta sepultura antropomórfica apresenta um estrangulamento na parte inferior, assemelhando-se a uma curvatura de estrangulamento da área das pernas. Está orientada sensivelmente a N e possui um comprimento máximo de 1,77 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	o	1	NE	B		9	8	1	o	o	44	40	177	30	20	30			2	1	o	o	4	10

4.2.2 Conjuntos de 2/3 sepulturas

4.2.2.1 Castelo 2

Dentro do perímetro do povoado fortificado do Castelo, freguesia de Arcozelo da Serra, encontram-se três sepulturas não-antropomórficas, duas das quais foram escavadas no mesmo afloramento e posteriormente transformadas em lagares. A terceira é uma sepultura infantil, orientada a O, que, devido às suas reduzidas dimensões (0,74 x 0,30 m), foi destinada a um bebé. A orientação das duas primeiras é N, o seu comprimento total não tendo sido possível determinar o seu comprimento total devido ao facto de a transformação em lagares ter danificado a parte inferior (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	2	N	A	o			o	o	o	61	55	?	16					5	2	o	o	3	3
2	1	2	N	A	o			o	o	o	47	47	?	10					5	3	o	o	3	3
3	1	1	O	A	3			o	o	o	30	30	74	10					3	1	o	o	3	3

4.2.2.2 *Quinta da Moira*

dos até agora recolhidos apontam para uma cronologia romana, não sendo, porém, possível determinar se o local foi habitado em época medieval.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	SE	B		4	3	1	o	o	48	48	179	21	22	27			3	1	o	o	o	10
2	1	1	NE	B		4	7	o	o	o	50	46	173	19	20	27			2	1	o	o	o	10
3	1	1	N	B		3	7	o	1	o	48	46	182	18	12	35			2	1	o	o	o	10

4.2.2.6 Parigueira

Estas sepulturas antropomórficas localizam-se num planalto actualmente ermo situado na freguesia de Vila Nova de Tázem. Foram escavadas em afloramentos rochosos diferentes, tendo a primeira sido orientada a O e a segunda a NO (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Encontram-se num estado de boa conservação, apesar de não haver quaisquer vestígios das suas coberturas.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	O	B		8	3	o	o	o	52	52	168	23	19	29			3	2	o	o	4	10
2	1	1	NO	B		4	5	1	o	o	50	50	166	22	12	29			3	2	o	o	4	10

4.2.2.7 Ribeiro de Almeida

São duas sepulturas antropomórficas escavadas no mesmo afloramento granítico (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000), mas desniveladas. Foram orientadas a S e localizam-se relativamente perto do conjunto anterior, na actual freguesia de Vila Nova de Tázem.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	S	B		3	5	o	o	o	48	44	178	25	26	25			3	1	o	o	5	10
2	1	1	S	B		1	6	1	o	o	50	46	198	28	20	30	1	2	1	1	o	o	5	10

4.2.2.8 Safail

Este conjunto de três sepulturas antropomórficas localiza-se nas imediações de uma calçada romana, actualmente inserida na freguesia de Vila Nova de Tázem. As sepulturas foram escavadas em afloramentos diversos, possuindo cada uma orientação diferente: a sepultura 1 está direccionada para SE, a sepultura 2 para E e a última para N (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Os comprimentos máximos são próximos e as duas primeiras possuem rebordos totais elevados.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	SE	B		7	4	o	o	o	57	50	188	18	20	36	o	1	3	1	o	o	4	6
2	1	1	E	B		4	7	o	o	o	48	48	186	15	20	23	o	1	5	1	o	o	4	6
3	1	1	N	B		3	4	o	o	o	51	45	188	30	27	30			3	3	o	o	4	6

4.2.2.9 Regada Grande

Localizado na freguesia de Vila Cortês, este conjunto possui três sepulturas antropomórficas escavadas em afloramentos diferentes sendo a orientação completamente divergente (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). As duas primeiras têm um comprimento máximo de 1,90 m e 1,94 m respectivamente, enquanto a última possui 1,7 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	C1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ct'	ct''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	SE	B		1	0	0	0	0	50	50	190	14	34	47			5	3	0	0	5	10
2	1	1	N	B		7	2	0	0	0	50	50	194	29	24	30			2	1	0	0	5	10
3	1	1	E	B		4	7	0	0	0	45	45	171	20	20	27			3	1	0	0	5	10

4.2.2.10 Tapada

Trata-se de um conjunto com três sepulturas antropomórficas escavadas em afloramentos diferentes, situados na freguesia de Vinhó. As sepulturas 1 e 2 estão orientadas a E e a terceira foi dirigida para SE. Os seus comprimentos máximos estão entre o 1,70 e 1,76 m (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Neste local, foram identificados fragmentos de materiais de construção e, dentro da sepultura 2 (que se encontrava entulhada com terra), foi recolhido um fragmento cerâmico identificado como um pé de copo romano; é de notar que Alarcão faz referência a uma estação romana (Alarcão, 1993) para este local.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ct'	ct''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	E	B		1	3	0	0	0	50	50	176	20	22	23			3	1	0	0	4	9
2	1	1	E	B		4	4	0	0	0	49	49	172	22	28	28			0	3	0	0	4	9
3	1	1	SE	B		3	5	0	0	0	49	47	170	30	20	25			3	1	0	0	4	9

4.2.2.11 Tapada da Serra

Estas duas sepulturas inéditas escavadas no granito localizam-se na encosta da serra a 1060 m de altitude. As sepulturas estão genericamente orientadas a Norte e a Sul. No entanto, existem algumas dúvidas quanto à orientação de uma delas, uma vez que parece ter havido uma indefinição na orientação desta sepultura, sendo difícil a determinação das áreas dos pés e da cabeça. As sepulturas foram escavadas a cerca de 300 m da casa de um casal que se encontra em ruínas há mais de 30 anos. A identificação de cerâmicas datáveis de época medieval permite pensar que o actual casal poderá ter sido precedido de um outro contemporâneo das sepulturas.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ct'	ct''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	N	B		4	1	0	0	0	48	44	172	20	25	18			5	3	0	0	1	9
2	1	1	S	B		4	1	0	1	0	42	42	169	21	15 ²	15 ²			5	3	0	0	1	9

4.2.2.12 Quinta da Fidalga

As três sepulturas antropomórficas da Quinta da Fidalga ficam situadas nos arredores da povoação de Linhares, numa área muito rica em água e com abundância de terrenos férteis.

Duas delas haviam sido identificadas no âmbito de trabalhos de prospecção que A. Valera e A. Martins levaram a cabo em 1993 no concelho de Celorico da Beira (Valera e Martins, 1993, p. 276). As sepulturas 1 e 3 estão localizadas junto à margem esquerda do pequeno curso de água afluente da Ribeira de Linhares, distando entre si cerca de 300 m, enquanto a sepultura 2 se situa na margem direita desta linha de água. Junto desta sepultura foi igualmente escavado um lagar no granito.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	NE	B		1	1	0	0	0	48	47	186	28	20	20	0	3	3	1	0	0	0	9
2	1	1	SE	B		4	1	0	0	0	53	53	174	24	16	26			3	3	0	0	0	9

4.2.2.13 Quinta da Menoita 1

O conjunto de duas sepulturas antropomórficas da Quinta da Menoita localiza-se no maciço central da Serra da Estrela, junto da actual habitação do Casal da Menoita. Estas foram escavadas num grande afloramento granítico a cerca de 20 m uma da outra. Estas sepulturas encontravam-se referenciadas na base de dados da Câmara Municipal da Guarda.

A sepultura 2 não foi terminada e parece ter havido um problema de cálculo na sua feitura, uma vez que há um desacerto entre a cabeceira e o corpo da sepultura. Enquanto a cabeceira da sepultura se encontra orientada a 115° N, a parte correspondente ao corpo foi orientada a 110° N. A área a escavar encontra-se definida, mas não foi terminado o seu “esvaziamento”. A escavação apenas delineou a dimensão da sepultura em termos do seu comprimento e da sua largura, tendo sido também determinada a área da cabeça e o início dos ombros.

Nos campos lavrados junto das sepulturas foram identificados fragmentos de cerâmica comum e de cerâmica de construção, datável da época medieval.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	2	SE	B		1	9	0	0	0	41	39	156	28	25	20	0	0	1	3	0	0	4	9
2	1	3	SE	B									176	9							0	0	4	9

4.2.2.14 Vale Capitão

Estas duas sepulturas estão localizadas no planalto central da Serra⁹⁷ da Estrela e distam entre si cerca de 100 m. A sepultura 1 é não-antropomórfica e possui um rebordo parcial na parte superior, enquanto a sepultura 2 é antropomórfica e encontra-se fracturada na parte inferior. Ambas têm um comprimento reduzido, podendo considerar-se a sepultura 2 como sendo uma sepultura infantil; já a sepultura 1 poderá ter pertencido a um jovem ou a uma mulher.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	SE	A	4			0	0	0	53	50	160	29			1	1	5	2	1	0	4	10
2	1	1	E	B		1	5	0	0	0	39	39	150	34	12	20			3	2	1	0	4	10

4.2.2.15 Póvoa

A cerca de 150 m da calçada medieval que ligava Linhares à Guarda, num planalto em frente à Penha de Prados, localizam-se estas três sepulturas escavadas no granito. Este conjunto inédito é constituído por duas sepulturas não-antropomórficas e uma antropomórfica, com destaque da área dos pés, medindo respectivamente 1,70 m, 1,66 m e 1,80 m.

A particularidade deste sítio é que se encontra a cerca de 50 m da antiga calçada medieval que ligava o Castelo de Linhares a Celorico e à Guarda pelo interior da serra. No lado oposto da calçada, é possível ver a Penha de Prados, que deve ter servido de posto-atalaia para garantir a segurança de circulação nesta via⁹⁸.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	ci	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	SE	B		1	8	o	1	o	54	54	189	25	19	36			5	3	o	o	4	7
2	1	1	E	A	2			o	o	o	57	57	170	28					2	2	o	o	4	7
3	1	1	S	A	2			o	o	o	48	48	166	21					1	2	o	o	4	7

4.2.3 Necrópoles

4.2.3.1 Risado

Situada na freguesia de Arcozelo da Serra, a cerca de 2 km da povoação e a uma altitude de 398 m. Esta necrópole é constituída por sete sepulturas, sendo duas delas não-antropomórficas e as restantes antropomórficas. A sepultura 5 é a única que possui ainda a tampa, sendo esta monolítica, com rebaixamento para o encaixe na sepultura (Tente e Martins, 1994; Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000).

A necrópole é atravessada por um caminho actualmente utilizado por pastores e agricultores que trabalham as terras das redondezas. Junto às sepulturas 3 e 4 aparecem estruturas escavadas na rocha. Uma delas é constituída por dois buracos redondos de 36 e 43 cm de diâmetro, com cerca de 30 cm de profundidade, reportando-se a outra a um penedo, no qual foram escavados degraus em que no topo se encontra um orifício de cerca de 10 cm de diâmetro. As primeiras podem ser interpretadas como pias, que serviriam para o banho ritual do cadáver, tal como aquelas que Del Castillo identificou na necrópole de Revenga. Uma hipótese interpretativa para a segunda estrutura pode residir na visualização e sinalização do local de enterramento.

Na área da necrópole, é possível observar abundantes fragmentos de cerâmicas comuns e de construção, como tijolo tipo burro, *tegulae* e imbrices. Esta estação encontrava-se referenciada por J. Alarcão, que a considerou uma estação de época romana, uma vez que aí havia sido identificada uma *terra sigillata* hispânica (Alarcão, 1993, p. 25). No entanto, em 2001, na sequência de buracos aleatórios efectuados pelo gabinete de desenvolvimento local na estação arqueológica, foi possível verificar a existência de diversos muros; nas terras que foram retiradas desta destruição parcial da estação, identificaram-se unicamente fragmentos de cerâmicas datadas da Alta Idade Média. É possível que este local tenha sido ocupado durante o período romano, o que é impossível saber, face aos escassos dados até agora obtidos, é se essa ocupação foi contínua até à Alta Idade Média, ou se ela teve interregnos.

A grande área por onde se dispersam os vestígios da ocupação permite-nos pensar num local com alguma dimensão, talvez herdeiro do que teria sido uma antiga *villa* romana, sendo provável que a necrópole estivesse relacionada com uma área de habitação.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	ci	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	o	2	N	7	B		4	7	o	o		46	42	154	16	22	23			5	3	o	1	9
2	2	o	2	S	5	B		3	8	o	o	o	56	54	192	30	32	30	1	2	3	1	o	1	9
3	2	o	2	S	2	B		3	8	o	o	o	52	48	186	21	34	30			1	1	o	1	9
4	2	o	2	S	2	B		4	2	o	o	o	53	46	140	32	30	28			1	1	o	1	9
5	2	o	2	O	7	B		4	o	o	o	o	55	54	188	30	24	25			1	1	o	1	9
6	2	o	2	E	2	A	3			o	o	o	51	49	180	25					3	3	o	1	9
7	2	o	2	E	2	A	2			o	o	o	54	90	196	20					1	1	o	1	9

4.2.3.2 Casal das Pias

Esta necrópole localiza-se a 1098 m de altitude, na área central da serra, junto às actuais construções do Casal das Pias. Aliás, o próprio topónimo deste Casal remete para a existência das cinco sepulturas aí escavadas (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). Da quinta sepultura apenas existem pequenos indícios materiais, não sendo por isso possível o seu registo integral.

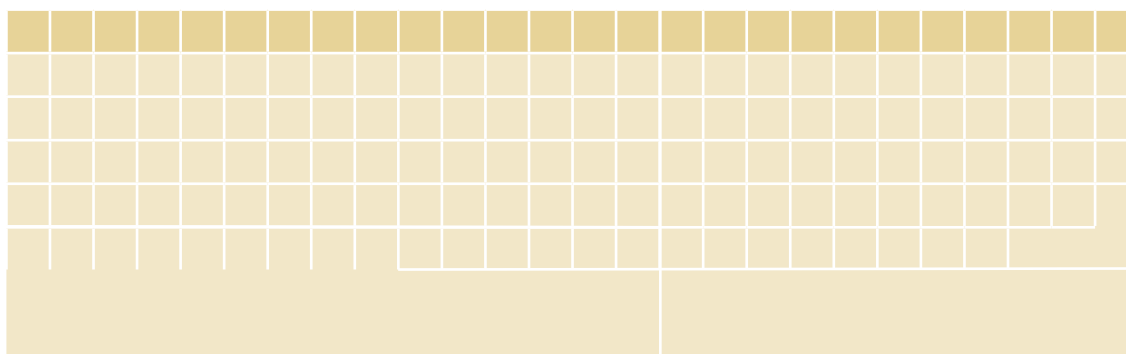
As sepulturas antropomórficas que constituem esta necrópole têm a particularidade de, à excepção da sepultura 3, terem rebordos totais elevados. As cabeceiras das sepulturas 1 e 4 são definidas por cantos paralelepípedicos e arqueados, respectivamente. À excepção da terceira, que está orientada a S, todas as outras estão orientadas a SE e os seus comprimentos máximos variam entre 1,80 m e 1,86 m.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	ci	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	1	1	SE	B		3	10	o	o	o	54	49	180	20	21	21	o	1	2	1	o	o	4	9
2	2	1	2	S	B		3	1	o	o	o	56	50	186	34	28	28	o	1	2	1	o	o	4	9
3	2	o	1	SE	B		3	10	o	o	o	51	51	181	29	31	20			2	3	o	o	4	9
4	2	o	2	SE	B		3	10	1	o	o	58	52	185	42	14	26	o	1	3	3	o	o	4	9
5	2	o	4	?	?																	o		?	9

4.2.3.3 Freixial

Esta necrópole de sete sepulturas antropomórficas localiza-se na freguesia de Vila Nova de Tázem. As sepulturas 4 e 5 foram escavadas no mesmo afloramento, assim como as 6 e 7, constituindo desta forma dois pares em conexão directa dentro da necrópole (Tente e Lourenço, 1998; Tente, 2000). As sepulturas foram orientadas quer a Norte, quer a Este e Sudeste. Pelas dimensões máximas registadas nesta necrópole, que variam entre o 1,68 m e o 1,98 m de comprimento e o,86 m e o,42 m de largura, não se pode inferir a existência de sepulturas infantis. Também não foram identificadas quaisquer sepulturas inacabadas.

Junto das sepulturas foram identificados igualmente fragmentos de *tegulae* e de tijolo tipo “burro” numa área relativamente extensa.



N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	PF	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	o	1	S	B		3	8	o	o	o	48	42	187	31	19	20			3	1	o	o	4	10
2	2	o	1	S	B		3	7	o	o	o	58	55	182	32	18	34			3	1	o	o	4	10
3	2	1	2	NE	?				o	o	o	?	50	?	40					1	3	o	o	4	10
4	2	1	2	NE	B		4	o	o	o	o	54	54	?	28	22	30			2	3	o	o	4	10
5	2	1	1	SE	B		3	4	o	o	o	48	42	189	19	18	28			3	1	o	o	4	10
6	2	1	1	SE	B		3	8	o	o	o	44	38	172	28	12	30			1	3	o	o	4	10
7	2	o	1	NO	A	2			o	o	o	43	42	166	29					5	3	o	o	4	10
8	2	o	2	NO	A	2			o	o	o	64	?	210	18			1	1	3	3	o	o	4	10

4.2.3.5 Quinta da Menoita 2

Esta necrópole inédita localiza-se nos planaltos centrais da Serra da Estrela a 1010 m de altitude. As seis sepulturas que constituem esta necrópole foram escavadas em afloramentos de xisto. Não são comuns as sepulturas escavadas no xisto; num universo de cerca de 158 sepulturas, apenas 29 tiveram como rocha de base o xisto. Esta situação ocorre porque na área em estudo o xisto ocorre exclusivamente em algumas das áreas do maciço central.

Quatro das sepulturas desta pequena necrópole estão agrupadas espacialmente, tendo três delas sido escavadas no mesmo afloramento. A quinta e sexta sepulturas encontram-se afastadas cerca de 90 m das restantes. A necrópole possui quatro sepulturas antropomórficas e duas não-antropomórficas. Apesar de uma certa variação tipológica, é curioso observar que existe uma constância nas dimensões do comprimento das sepulturas. Esta situação não é comum nas necrópoles estudadas; o vulgar é registar-se uma grande variação no comprimen-

to das sepulturas. Uma vez que as dimensões permitem estimar a estatura dos inumados, é expectável a variedade e não o contrário, tal como ocorre nesta necrópole.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	1	1	S	A	4			o	o	o	56	52	169	25					2	3	1	o	4	10
2	2	1	1	S	A	4			o	o	o	42	42	168	44					2	3	1	o	4	10
3	2	1	1	SE	B		2	9	o	o	o	61	54	169	38	14	36			3	3	1	o	4	10
4	2	o	1	S	B		1	10	o	o	o	52	47	171	21	20	35			3	3	1	o	4	10
5	2	o	2	E	B		4	9	o	o	o	50	48	170	26	26	27			3	3	1	o	4	10
6	2	o	1	SE	B		4	10	o	o	o	51	44	160	30	21	26			1	2	1	o	4	10

4.2.3.6 Prazo

Pequena necrópole constituída por cinco sepulturas, localizada numa área de bom controlo visual da plataforma onde se localiza a aldeia de Prados, dominando a Sul uma plataforma com abundância de água, onde ainda hoje se cultiva centeio e aveia. Quatro das cinco sepulturas são não-antropomórficas. As duas sepulturas antropomórficas têm destacamento da área dos pés e a cabeceira delimitada por cantos arqueados. Na sepultura 1 evidencia-se igualmente uma delimitação da área dos braços. As suas dimensões variam entre o 1,73 m da sepultura 2 e 1,86 m da sepultura 3.

Apesar de as sepulturas terem sido escavadas num mesmo afloramento, denota-se uma ligação directa entre as sepulturas 1 e 2 e as sepulturas 3 e 4. Estes agrupamentos não partilham apenas a proximidade mas também algumas características, nomeadamente os rebordos parciais elevados, o antropomorfismo, a orientação e, no caso do grupo das sepulturas 1 e 2, o tipo de cabeceira, que apresenta cantos arqueados. Efectivamente, a sepultura 5 destaca-se das restantes no espaço, mas também por não ser antropomórfica, não possuir qualquer rebordo e possuir uma orientação claramente a Este. Detém ainda uma característica única no universo estudado: um rebaixamento circular na área na cabeceira.

Estaremos perante cronologias diferentes, gostos diferentes ou pedreiros diferentes?

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	1	1	NO	B		8	10	o	1	o	68	56	184	34	20	41	1	1	3	2	o	o	1	3
2	2	1	1	NE	B		3	10	o	1	o	55	48	173	30	18	39	1	1	3	5	o	o	1	3
3	2	1	2	NE	B		4	4	o	o	o	51	46	186	30	14	38	1	1	3	6	o	o	1	3
4	2	1	2	NE	B		1	7	o	o	o	46	46	?	5	8	22			5	3	o	o	1	3
5	2	o	1	E	A	3			o	o	o	57	57	174	29					1	1	o	o	1	3

4.2.3.7 Tapada do Bufo

A necrópole é constituída por cinco sepulturas antropomórficas e três não-antropomórficas, oscilando a tipologia destas últimas entre as ovaladas e a rectangular. Duas das sepulturas antropomórficas encontram-se em conexão directa, sendo uma delas atribuível a um adulto e a outra a uma criança. Nas sepulturas 2 e 9, o antropomorfismo foi definido através da escavação de cantos laterais na cabeceira.

A. Valera e A. Martins (1994, p. 276) publicam cinco das sepulturas, mas no local foi possível identificar as outras três.

Esta necrópole localiza-se numa área de terrenos bastante férteis e com abundância de água; aliás, existem ainda vestígios de muitas casas e quintas como seus poços e levadas, atestando o aproveitamento agrícola dos terrenos onde se encontra implantada esta pequena necrópole.

A sepultura 5, publicada por Valera e Martins (1994) como sepultura 6, encontrava-se praticamente destruída, pelo que não foi possível efectuar o seu registo integral. Socorrem-nos assim do desenho publicado por esses autores. Refira-se que, já nessa altura, a avaliar pelo registo gráfico publicado, a sepultura se encontrava fracturada.

É provável, que após perder-se a memória do local como espaço relacionado com a morte, a sepultura 2 tenha sido reaproveitada ou como pia ou como pequena lagareta, uma vez que foi escavado um orifício na parte inferior da sepultura, o que permitia escoar líquidos para uma outra área do afloramento que foi intencionalmente aplanada. Esta situação não é invulgar e nesta necrópole foi também possível identificar a coexistência espacial directa entre a sepultura 1 e um lagar escavado na rocha. Porém, neste último caso, não se compreende se a sepultura é ou não anterior ao lagar ou, se pelo contrário, este seria mais antigo que a sepultura. Efectivamente as diferentes funcionalidades destas estruturas não permitem equacionar qualquer coexistência temporal na sua utilização, mas não deixa de ser estranho que um lagar possa ser escavado imediatamente junto de uma sepultura, ainda que a mesma já não exerça a sua função original, da mesma forma que é igualmente peculiar o reaproveitamento de uma sepultura como pia ou mesmo como lagar. Contudo, ainda que muitos habitantes locais identifiquem as sepulturas rupestres como locais de enterramento de “pessoas antigas” é possível, ainda hoje, verificar a utilização de algumas sepulturas como pias para dar de beber aos animais, como é o caso da sepultura da Fonte de S. João.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	PF	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	0	1	NO	B		0	8	0	1	0	48	48	179	29	24	27			3	3	0	0	1	9
2	2	0	1	NO	B		1	10	0	1	0	49	47	175	23	16	36			3	3	0	0	1	9
3	2	1	1	E	B		4	1	0	0	0	43	43	172	30	20	18			2	1	0	0	1	9
4	2	1	1	SE	B		4	8	0	1	0	32	32	99	25	19	15			3	0	0	0	1	9
5	2	0	4	SE	A	0			0	0	0		46	187	31					5	3	0	0	1	9
6	2	1	1	NE	B		3	9	0	0	0	50	50	178	30	25	21			1	1	0	0	1	9
7	2	1	1	E	A	2			0	0	0	53	52	174	30					5	3	0	0	1	9
8	2	1	1	NE	A	2			0	0	0	59	59	179	33					3	1	0	0	1	9

4.2.3.8 Necrópole do Monte Aljão

Em 1985 foi efectuada, pelos Serviços de Arqueologia da Zona Centro, uma escavação de emergência no Aljão, numa área relativamente perto da actual capela da Nossa Senhora dos Verdes, efectuada. Os resultados nunca foram publicados, pelo que a informação presente é a disponibilizada no relatório dos trabalhos entregue aos antigos Serviços de Arqueologia da Zona Centro e constante no actual processo de sítio do arquivo do IPA.

Os trabalhos, que tiveram como objectivos principais a averiguação do grau de destruição e da importância dos vestígios postos a descoberto, foram coordenados por João Inês Vaz. Esta situação de emergência foi motivada pela surribo para plantio de uma vinha, que colocou a descoberto um dos muros e uma sepultura.

Esta escavação de emergência permitiu identificar diversas ocupações. À primeira, de época romana, sobrepôs-se uma ocupação medieval que corresponde ao nível da necrópole de inumação. Após o abandono desta, foi construída outra estrutura por cima da necrópole, também ela de cronologia medieva.

Foi possível identificar sete sepulturas, sendo cinco destas escavadas no granito alterado. A sepultura 6 encontrava-se integrada no muro norte do edifício romano, enquanto a sepultura 7 aproveitou o paramento externo do mesmo muro, tendo a parte esquerda da sepultura sido construída com pedras de diferentes dimensões e sem qualquer tipo de aparelhamento. Todas as sepulturas tinham cobertura pétreia, que era constituída por pedra miúda não aparelhada, excepto a cobertura da sepultura 1, que consistia em duas lajes de granito afeiçãoadas ao formato do sepulcro. Em nenhuma foi exumado espólio arqueológico associado às inumações e apenas na sepultura 7 foi possível identificar restos osteológicos⁹⁹.

Todas as sepulturas se encontram orientadas de Este para Oeste. É provável que façam parte de uma necrópole de maiores dimensões, tendo a escavação apenas identificado parte dela. Das sete sepulturas identificadas, pelo menos cinco apresentam dimensões consentâneas com enterramentos infantis (sepulturas 2, 4, 5, 6 e 7, com 1,05 m, 0,86 m, 1,40 m, 1 m e 1,14 m respectivamente). É provável que a sepultura 6 possa ter sido, igualmente, pertencente a uma criança ou jovem. No entanto, como não foi escavada na íntegra, não é possível saber as suas dimensões totais. Também a sepultura 1 apresenta uma dimensão reduzida para um adulto, mas neste caso a atribuição a um jovem, baseada apenas no comprimento e largura da sepultura, é mais difícil. Não obstante, é curioso observar que é esta a sepultura que se encontra mais afastada do núcleo principal identificado. Estaremos perante um núcleo de enterramentos infantis dentro de uma necrópole de maiores dimensões? Ou poderá ser apenas uma pequena necrópole quase exclusiva de crianças e jovens? Face aos dados disponíveis, não podemos confirmar ou infirmar qualquer uma das hipóteses. Porém, é de salientar que a cerca de 500 m foi identificada uma outra sepultura escavada na rocha (a sepultura de Tapada/Rascão), localizada no mesmo planalto desta necrópole. Só mais dados de escavação permitirão compreender melhor a dimensão da necrópole e a sua organização.

As sepulturas são maioritariamente antropomórficas, não sendo possível identificar a tipologia da sepultura 3, uma vez que a cabeceira não foi escavada. A sepultura 6 apresenta um esboço de antropomorfismo do lado direito, mas a não-concretização de um antropomorfismo pleno poderá estar relacionado com as condições em que a sepultura foi construída. Não se trata de uma sepultura escavada na rocha; a abertura da sepultura consistiu no esvaziamento de um muro romano tal como já foi supramencionado.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	ct	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ct'	ct''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	o	o	O	B		1	5				40	34	157								o	o	4	9
2	2	1	o	O	B		o	3						105								o	o	4	9
3	2	1	o	O	?		3	7				31										o	o	4	9
4	2	1	o	O	B		3	8				25	24	86								o	o	4	9
5	2	1	o	O	B							37	54	140								o	o	4	9
6	2	1	o	O	B							20	20	100								3	o	4	9
7	2	1	o	O	B							34	28	114								3	o	4	9

4.2.3.9 Colícias

Necrópole inédita constituída por 9 sepulturas não-antropomórficas e 1 antropomórfica. Localiza-se na margem esquerda da Ribeira de Linhares, junto da actual povoação de Vale da Ribeira. Quase todas as sepulturas foram escavadas num mesmo afloramento de xisto e encontram-se relativamente concentradas, há excepção das sepulturas 9 e 10. Grande parte das sepulturas estão fracturadas e registam-se dois casos em que as sepulturas estão praticamente destruídas, não tendo sido possível recolher todas as medidas ou efectuar a caracterização tipológica.

Dentro desta necrópole, destaca-se ainda a sepultura 5, que se encontra inacabada. Tinha sido delineado o seu contorno e iniciado o seu esvaziamento de forma gradual mas abrangendo todo o corpo da sepultura, quando o trabalho da sua feitura foi abandonado.

Junto das sepulturas 6 e 7 foi ainda possível identificar parte de uma tampa monolítica com encaixe bem marcado para o rebordo, funcionado como uma tampa-rolha com rebordo exterior¹⁰⁰.

Estão ausentes desta necrópole as sepulturas infantis e as sepulturas acabadas, para as quais é possível registar o seu comprimento máximo; apresentam uma grande regularidade nas dimensões do comprimento, variando apenas 1,63 e 1,74 m. Esta não é, aliás, uma situação muito comum nas necrópoles estudadas, já que na maioria dos casos regista-se a presença de sepulturas infantis, bem como uma grande variedade nas dimensões das sepulturas.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	PF	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	1	1	E	A	4		o	o	o	44	40	163	22					3	2	1	o	o	8	
2	2	1	1	E	B		1	7	o	o	o	50	50	172	32	12	22			3	2	1	o	o	8
3	2	1	2	SO	A	2		o	o	o	?	?	173	18					5	5	1	o	o	8	
4	2	1	4	?	?	?					44	37	?	?								1	o	o	8
5	2	1	3	NE	A	4		?	o	?	46?	?	160?	16?					5	3	1	o	o	8	
6	2	1	1	NE	A	4		o	o	o	51	44	167	26					2	2	1	o	o	8	
7	2	1	4	?	A	?					?	?	?	?								1	o	o	8
8	2	1	1	NO	A	2		o	o	o	52	47	174	28					1	5	1	o	o	8	
9	2	o	2	NO	A	2		o	o	o	47	?	163	30					3	2	1	o	o	8	
10	2	o	2	NO	A	4		o	o	o	47	47	172	31					3	5	1	o	o	8	

4.2.3.10 Tapada das Pedras

Necrópole inédita constituída por 9 sepulturas escavadas no granito, localizada na margem direita da Ribeira de Linhares, a cerca de 500 m da necrópole de Colícias.

As sepulturas são predominantemente de tipologia não-antropomórfica, tal como acontece na necrópole de Colícias, destacando-se apenas uma sepultura com esboço de antropomorfismo, ou seja com um delineamento do ombro esquerdo. Trata-se de um delineamento suave, pelo que se poderá questionar se esta forma final da sepultura foi intencional, ou se é antes o resultado de algum acidente durante o trabalho de escavação da mesma.

A média do comprimento das sepulturas é de 1,77 m, registando-se comprimentos que oscilam entre os 1,53 e 1,85 m. A sepultura 6 é a menor e, pelas dimensões que apresenta, poderia ser atribuída a um jovem. Porém, trata-se de uma sepultura inacabada e, não obstante estar já delineado o seu contorno exterior, não é certo que a sepultura que intentaram escavar

tivesse o comprimento que actualmente apresenta. A média da largura máxima das sepulturas, de 0,48 m, é elevada face às restantes sepulturas em estudo.

A necrópole ocupa uma área de cerca de 5000 m², onde se podem observar igualmente diversos fragmentos de cerâmica comum e de construção, um dormente de mó circular manual e uma base tosca de coluna, que é redonda na sua face superior e sextavada na face inferior.

É possível que esta necrópole tivesse sido constituída por mais sepulturas, já que actualmente é cortada por um largo caminho de terra batida que foi responsável pela fragmentação da sepultura 9. A destruição quase total desta sepultura deu-se há pouco tempo, quando foi construído sobre a parte superior do sepulcro um muro de vedação de propriedade em granito e cimento. À excepção da sepultura 1, as sepulturas encontram-se agora numa propriedade vedada, estando a maioria das sepulturas próximas da casa entretanto erguida.

N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	ci	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	cr'	cr''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	o	1	NE	A	4			o	o	o	50	46	177	21					3	3	o	o	1	10
2	2	o	1	NO	A	4			o	o	o	52	48	173	30					5	5	o	o	1	10
3	2	o	1	NO	A	5			o	o	o	58	52	184	30			1	1	3	1	o	o	1	10
4	2	o	3	NO	A	2			o	o	o											o	o	1	10
5	2	1	4		A	2			o	o	o			160								o	o	1	10
6	2	1	2	SE	A	2			o	o	o	44	44	150	28					1	3	o	o	1	10
7	2	o	1	E	A	2			o	o	o	28	28	70	22					3	3	o	o	1	10
8	2	o	1	S	A	2																o	o	1	10
9	2	o	4		A				o	o	o											o	o	1	10
10	2	o	1	O	A	4			o	o	o	59	58	175	24					1	1	o	o	1	10
11	2	o	1	NO	A	2			o	o	o	47	?	160	?					3	3	o	o	1	10
12	2	o	1	SE	A	4			o	o	o	48	46	169	12					3	3	o	o	1	10
13	2	1	2	NO	A	3			o	o	o	40	40	140	18					3	3	o	o	1	10
14	2	1	1	O	A	2			o	o	o	43	43	170	30					1	3	o	o	1	10

4.2.3.11 A-das-Pedras

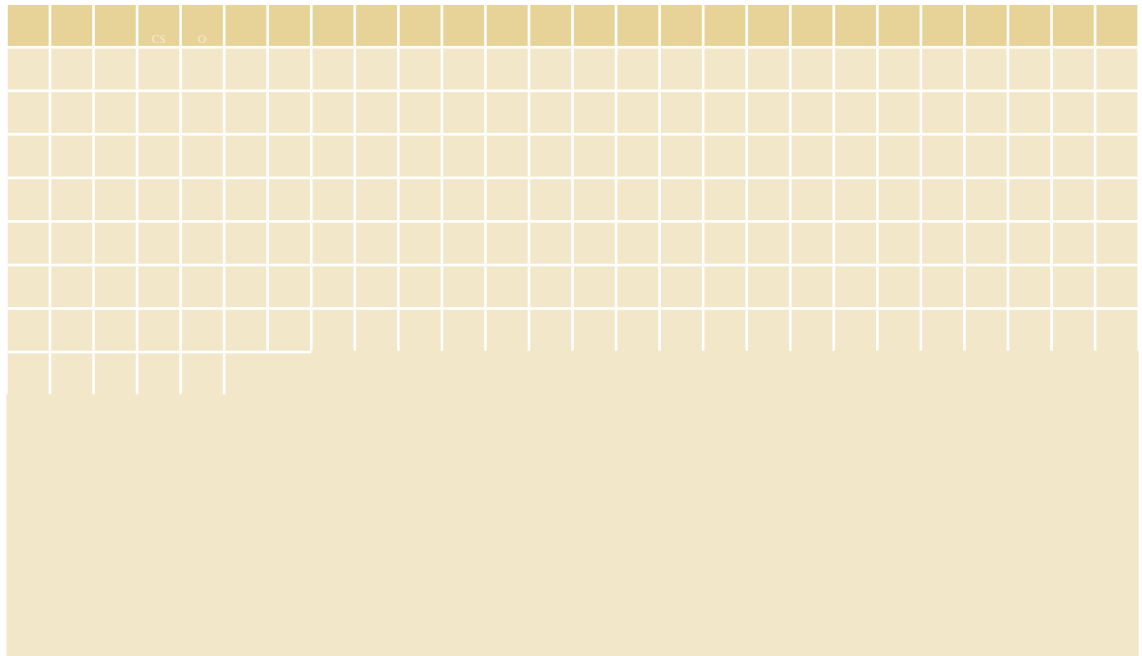
Esta necrópole constituída por 14 sepulturas localiza-se numa área bastante erosionada, onde os afloramentos de granito estão bastante exposto e a espessura de solo arável é muito reduzida. As sepulturas encontram-se espalhadas por uma área de cerca de 750 m².

Esta necrópole inédita é bastante peculiar dentro do conjunto em análise, uma vez que é apenas constituída por sepulturas não-antropomórficas. Efectivamente, a maioria das sepulturas estudadas são antropomórficas e existem mesmo necrópoles onde o antropomorfismo é a tipologia exclusiva. À excepção da Tapada do Anjo, onde as sepulturas antropomórficas são minoritárias, nas necrópoles onde existem os dois tipos de sepulturas, as sepulturas não-antropomórficas são minoritárias, quando não completamente ausentes, como é o caso da necrópole do Casal das Pias ou a do Freixial.

Duas das sepulturas desta necrópole encontram-se bastante destruídas, o que tornou o seu registo completo impossível. A sepultura 11 encontra-se entulhada pelas pedras de um muro, ou seja, o muro de divisão de propriedade assentou no afloramento onde se encontra escavada a sepultura. Por este mesmo motivo, o registo não foi completo, pois não foi possível

efectuar os perfis transversal e longitudinal nem determinar qual a profundidade média ou mesmo a largura a meio. O mesmo ocorreu com a sepultura 8, que se encontrava completamente entulhada de pedras de grandes dimensões e terra.

As duas únicas correlações espaciais directas entre sepulturas ocorrem entre as sepulturas 6 e 7 e as sepulturas 13 e 14. As sepulturas 7 e a 13 são as únicas de dimensão mais reduzida da necrópole. A primeira, que se poderá atribuir a uma criança no primeiro ano de idade, apresenta um comprimento de 0,70 m por 0,28 m de largura. Já o inumado da sepultura 13 deve ter sido um indivíduo pré-adolescente. Cada vez mais são dadas a conhecer sepulturas infantis escavadas na rocha e, na maioria dos casos conhecidos, as sepulturas infantis estão, tal como ocorre nesta necrópole, associadas a uma outra sepultura atribuível a um adulto, que tem sido interpretado como sendo ou de um dos progenitores ou de um familiar muito chegado¹⁰¹.



mo da capela (núcleo 1) havendo ainda a referir que, neste grupo de 8 sepulturas, uma delas é infantil e está em relação directa com outras 4, atribuíveis a indivíduos adultos. Contrariamente, no núcleo 2 a tipologia dominante é a antropomórfica e não se registou qualquer sepultura de menores dimensões passível de ser atribuível a um indivíduo juvenil ou infantil. Já nos núcleos 3 e 4, foram escavadas quer sepulturas antropomórficas quer não-antropomórficas. No núcleo 3 destacam-se as 3 sepulturas infantis (sepulturas 2, 3 e 5 com 1,05 m, 1,41 m e 0,94 m de comprimento respectivamente), duas delas em conexão directa entre si. Enquanto as sepulturas 2 e 5 poderão ser atribuíveis a crianças, a sepultura 3, pelas suas dimensões, parece ter sido pertencente a um pré-adolescente.

À semelhança do que sucede em outras necrópoles aqui estudadas¹⁰², também esta apresenta várias sepulturas em correlação directa com mais uma ou outras duas sepulturas. Desde os trabalhos de Alberto del Castillo que as sepulturas em conexão espacial directa têm sido consideradas como agrupamentos familiares, hipótese que nos parece bastante plausível na interpretação das relações espaciais privilegiadas entre sepulturas dentro de uma mesma necrópole.

A necrópole é atravessada por um caminho de terra batida que liga Vila Ruiva à Carrapichana. A. Valera refere que este caminho era conhecido com o “caminho dos mouros”, tendo sido em tempo um caminho lageado (Valera, 1990, p. 11). Em toda a área da necrópole, podem observar-se esporadicamente fragmentos de cerâmica de construção, como *tegulae*, *imbrices* e tijolos tipo burro e raros fragmentos de cerâmica comum¹⁰³. Parece tratar-se de vestígios de uma ocupação habitacional contemporânea à necrópole. O que é mais difícil de compreender é se esses vestígios poderão ser originários de um antigo núcleo religioso existente no local ou, se pelo contrário, podem estar relacionados com uma ocupação habitacional localizada nas imediações da necrópole.

Segundo A. Valera, a necrópole não só apresenta características que apontam para uma larga diacronia na sua utilização, como poderá estar efectivamente relacionada com um antigo templo, tendo este organizado a própria necrópole. Considera, assim, que o núcleo mais antigo¹⁰⁴ (núcleo 1) estaria mais próximo da capela e os núcleos mais recentes se localizavam em áreas mais afastadas do templo e seriam constituídas por sepulturas não-antropomórficas e sepulturas antropomórficas. Nesta linha de pensamento, o núcleo mais recente de todos seria o núcleo 2, que se caracteriza por ser constituído apenas por sepulturas “que apresentam um antropomorfismo bem consolidado” (Valera, 1990, p. 16).

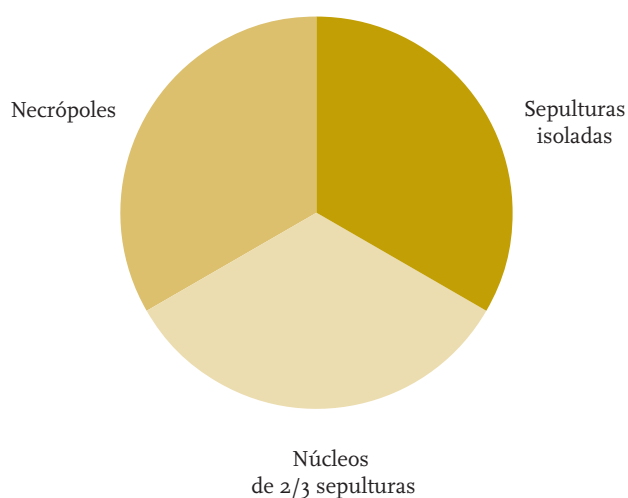
N	S	Sn	CS	O	TG	TGA	TGB	ci	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	ci'	ci''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	0	2	E	A	3			0	0	0			170	3						5	0	0	1	2
2	2	1	1	O	A	3			0	0	0	34	32	105	21					1	0	0	1	1	2
3	2	1	1	E	A	4			0	0	0	46	42	141	30					1	1	0	1	1	2
4	2	1	1	O	B		7	8	0	0	0	42	40	171	36	20	23			2	1	0	2	1	2
5	2	0	1	O	A	2			0	0	0	29	29	94	20					1	1	0	0	1	2
6	2	0	1	SO	B		5	8	0	0	0	45	45	188	35	20	25			1	1	0	2	1	2
7	2	0	1	O	B		1	5	0	0	0	53	50	187	29	27	39			2	0	0	2	1	2
8	2	1	1	E	A	5			0	0	0	50	44	180	40					2	2	0	0	1	2
9	2	1	1	N	A	3			0	0	0	46	46	175	30					1	1	0	0	1	2
10	2	1	1	N	A	2			0	0	0	25	24	93	18					2	5	0	0	1	2
																									>

11	2	1	1	E	A	3			0	0	0	40	40	162	31					2	2	0	0	1	2
12	2	1	1	S	A	2			0	0	0	51	47	179	36					2	1	0	0	1	2
13	2	0	1	S	A	2			0	0	0	48	46	169	37					3	1	0	2	1	2
14	2	0	1	SO	A	2			0	0	0	48	48	172	39					3	1	0	2	1	2
15	2	0	1	E	A	2			0	0	0	46	43	168	30					2	1	0	1	1	2
16	2	1	1	NE	B		5	5	0	0	0	52	50	185	34	25	24			3	2	0	2	1	2
17	2	1	1	SO	B		1	2	0	0	0	54	52	197	41	30	31	0	1	2	1	0	22	1	2
18	2	0	1	E	B		1	0	0	0	0	60	52	186	32	32	38			0	1	0	0	1	2
19	2	0	1	O	A	3			0	0	0	56	54	187	30					2	0	0	2	1	2
20	2	0	1	O	B		3	8	0	0	0	48	42	189	39	17	32			2	0	0	2	1	2
21	2	1	1	O	A	2			0	0	0	51	46	180	27					3	1	0	0	1	2
22	2	1	1	O	B		2	5	0	0	0	54	48	183	24	22	24			2	2	0	0	1	2

4.2.4 Sepulturas, agrupamentos e tipologias

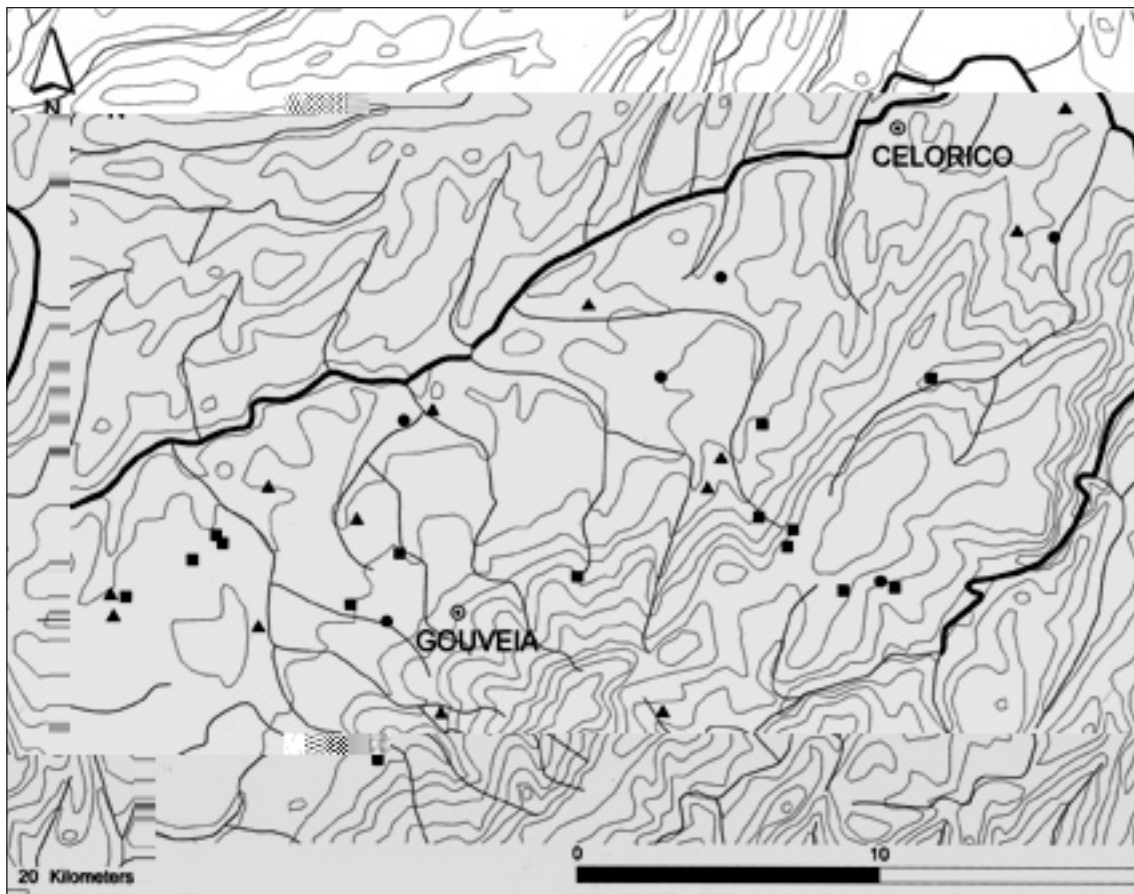
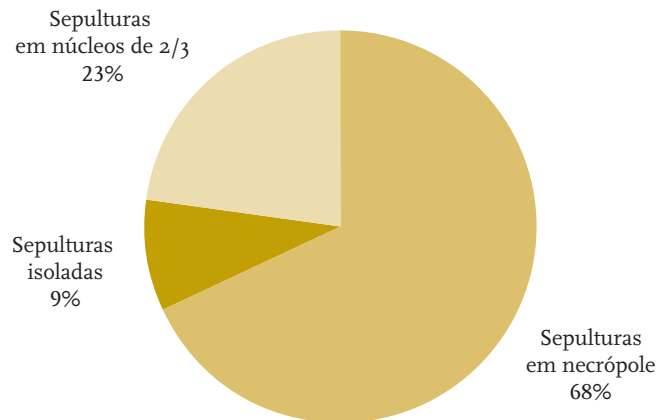
As sepulturas, tal como já foi abordado, aparecem quer isoladas, quer agrupadas em pequenos núcleos de 2/3 sepulturas, quer em necrópoles¹⁰⁵. A representatividade da situação em que se encontra cada sepultura é bastante variável, tendo sido assim estudadas 12 necrópoles, 14 sepulturas isoladas e 15 grupos de 2/3 sepulturas.

Tipo de sítios com sepulturas



Apesar de as necrópoles não serem abundantes, a maioria das sepulturas estudadas integram-se nestes conjuntos funerários. Contrariamente, é mais raro encontrarmos sepulturas isoladas, representando estas apenas 9% do universo em análise. Já os núcleos de 2 ou 3 sepulturas agregam 23% das sepulturas. Entre estes últimos, cerca de 40% (correspondendo a 6 grupos) são conjuntos de 3 sepulturas, enquanto os restantes 60% (correspondendo a 9 conjuntos) são núcleos de 2 sepulturas.

Percentagem das sepulturas agrupadas nos diversos tipos de sítios

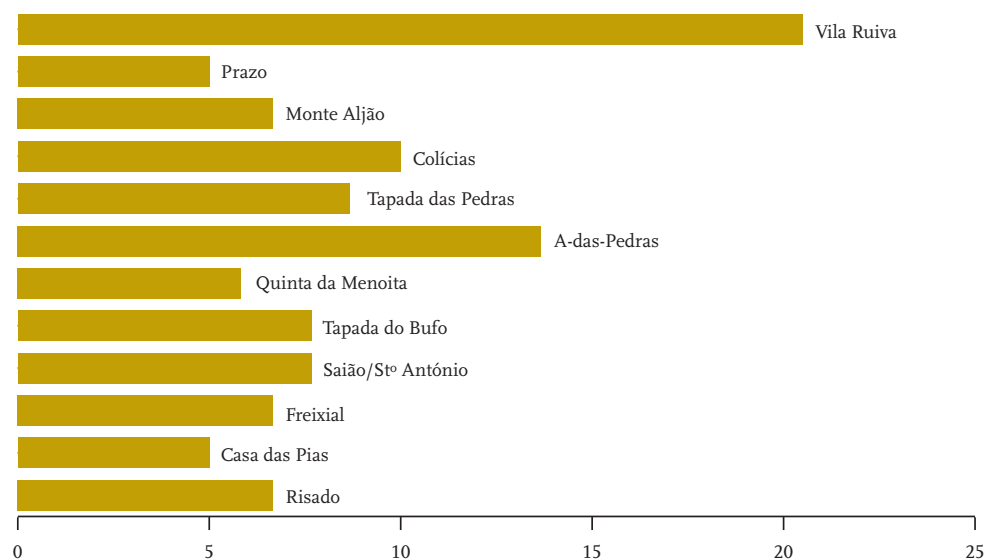


MAPA 7 – Localização dos tipos de sítios com sepulturas. • Necrópoles; ■ Conjuntos de 2/3 sepulturas; ▲ Sepulturas isoladas.

A dimensão das necrópoles é bastante diferente. A necrópole da Tapada do Anjo é a maior, com 22 sepulturas conhecidas até ao momento, e as necrópoles do Casal das Pias e do Prazo são as menores, sendo constituídas apenas por cinco sepulturas.

A área ocupada por cada necrópole no seu conjunto e a forma como as sepulturas foram distribuídas são igualmente muito diversas. Tendencialmente nas necrópoles de pequena di-

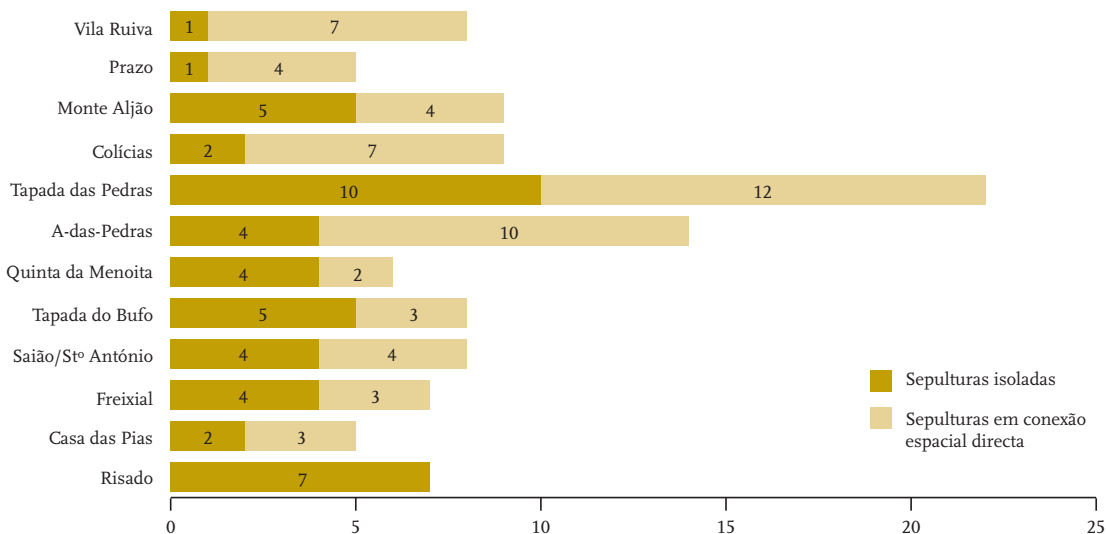
Número de sepulturas por necrópole



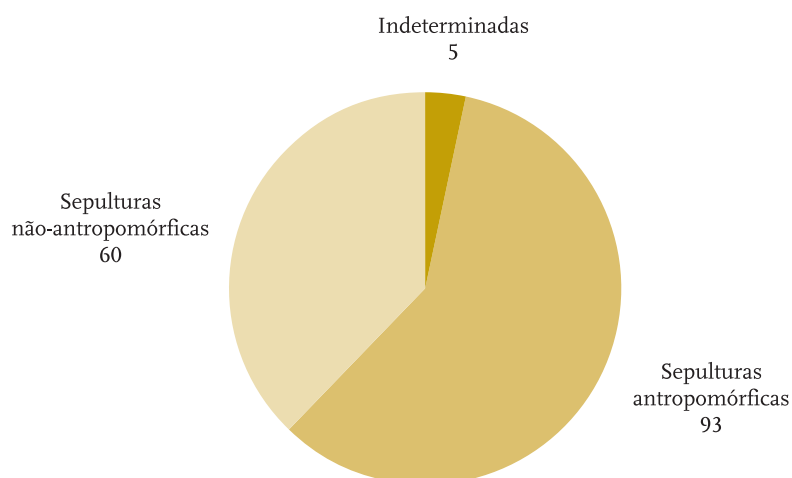
menção¹⁰⁶, as sepulturas estão mais agregadas no espaço, foram escavadas em penedos ou afloramentos mais próximos uns dos outros (contrariamente ao que acontece com as necrópoles da Tapada do Anjo e de A-das-Pedras, em que as sepulturas foram distribuídas por espaços muito mais amplos). Esta situação poderá estar relacionada com uma maior diacronia na utilização das necrópoles de maiores dimensões. Refira-se, a título de exemplo, o que atrás foi explanado para a Necrópole da Tapada do Anjo. Os quatro núcleos identificados nesta necrópole foram interpretados por António Valera (1990) como podendo ter cronologias diferentes, uma vez que apresentam características de tipologia e de orientação distintas entre si.

Dentro de cada necrópole, as sepulturas dispõem-se em núcleos, como no caso da Tapada do Anjo, sendo possível identificar também sepulturas que se encontram relativamente isoladas, não evidenciando qualquer relação espacial próxima com outra sepultura¹⁰⁷, e sepulturas que se encontram em conexão espacial directa com outra ou outras sepulturas.

Número de sepulturas isoladas ou em conexão espacial directa dentro de cada necrópole

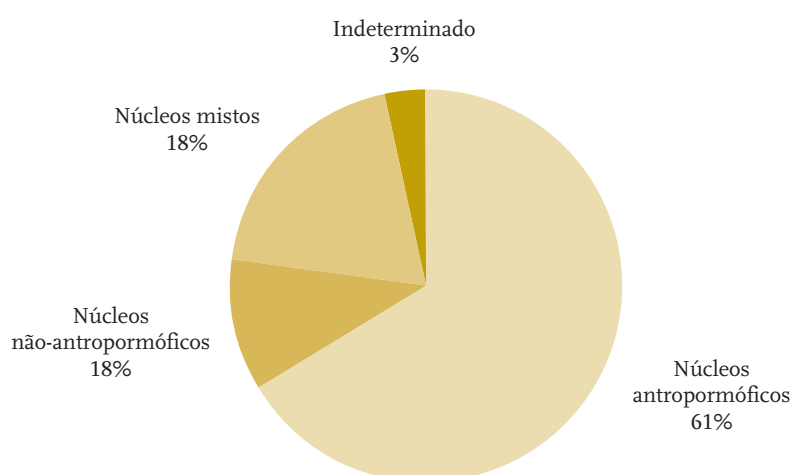


Representatividade das tipologias gerais das sepulturas



Em termos de tipologia geral das sepulturas, observa-se que o antropomorfismo domina o conjunto. Todavia, as sepulturas não-antropomórficas têm uma expressão significativa, havendo a destacar o facto de esta tipologia ser exclusiva na necrópole A-das-Pedras. Entre as sepulturas isoladas, apenas se regista um caso de não-antropomorfismo¹⁰⁸ e entre as sepulturas agrupadas em conjuntos de 2 ou 3 sepulturas, apenas 6 sepulturas são não-antropomórficas, estando três destas integradas no mesmo núcleo¹⁰⁹. A maioria dos conjuntos é constituída exclusivamente por sepulturas antropomórficas mas, quer na Póvoa quer em Vale Capitão, regista-se a presença das duas tipologias. Há ainda a assinalar alguns casos de indefinição na tipologia em consequência da destruição parcial ou total das sepulturas.

Núcleos de sepulturas em conexão directa estudados nas necrópoles e nos conjuntos de 2/3 sepulturas



Alberto del Castillo (1972) foi o primeiro autor a defender que estes agrupamentos de sepulturas evidenciavam um relacionamento familiar entre os que neles tinham sido inumados. Esta interpretação tem, em geral, sido aceite pela maioria dos autores que se têm debruçado sobre este tema. Parece-nos que esta explicação é bastante plausível, e talvez seja a única explicação lógica para o estabelecimento de relações espaciais preferenciais entre certas sepulturas dentro de uma necrópole. Mas Del Castillo vai mais longe, ao considerar que, nos conjuntos que relacionam uma sepultura antropomórfica a sepulturas não-antropomórficas, haveria uma relação entre a tipologia e o sexo do inumado, correspondendo as antropomórficas às inumações masculinas e as não-antropomórficas às femininas. Estes núcleos poderiam ser ainda constituídos por um terceira, ou mais, sepulturas normalmente não-antropomórficas, e que se destinariam ao sepulcro de crianças¹¹⁰. Os exemplos estudados não confirmam esta ideia, na medida em que os conjuntos são na sua maioria exclusivamente antropomórficos, sendo os conjuntos mistos apenas 18% do universo estudado. Se, de facto, estes conjuntos representam núcleos familiares, não haveria uma diferenciação de género expressa nos módulos tipológicos.

A quantidade de núcleos em que apenas o não-antropomorfismo constituiu a única solução na forma das sepulturas é igualmente baixa face ao conjunto estudado.

No universo dos núcleos de 2/3 sepulturas, a conjugação sepultura antropomórfica com sepultura não-antropomórfica é igualmente rara, tendo sido apenas observada em Vale Capitão e na Póvoa. Já no caso das necrópoles, podemos observar na Tapada do Bufo três sepulturas em conexão directa, sendo duas delas não-antropomórficas e uma antropomórfica. Casos semelhantes ocorrem nas necrópoles da Quinta da Menoita 2; na Tapada do Anjo, onde estão identificadas duas sepulturas escavadas ao lado uma da outra, sendo uma antropomórfica e a outra não-antro-

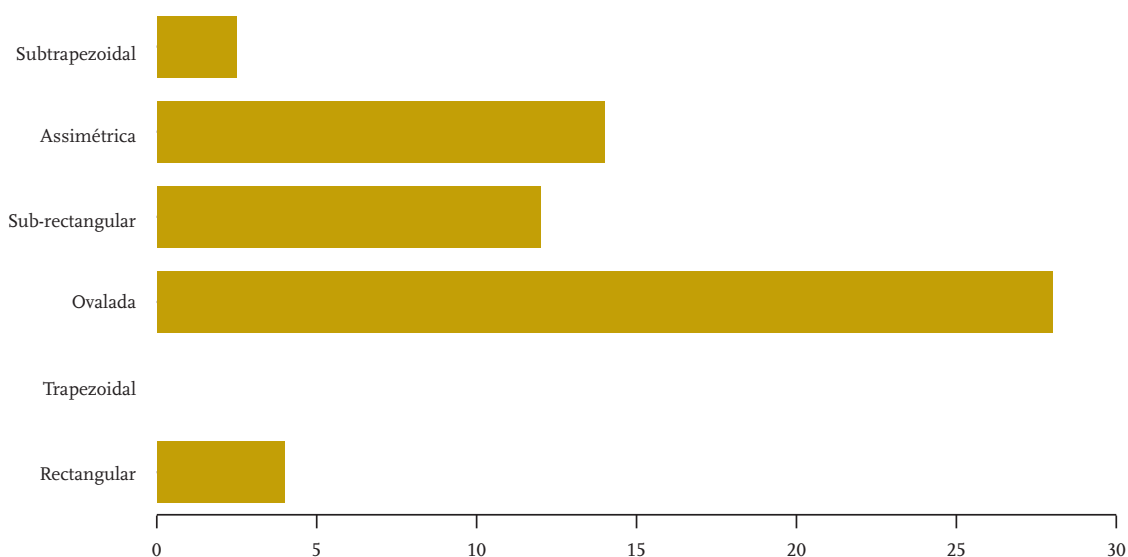


MAPA 8 – Sítios com sepulturas não-antropomórficas. • Necrópoles; ■ Conjuntos de 2/3 sepulturas; ▲ Sepulturas isoladas.

pomórfica; do Prazo e de Colícias, ainda que neste caso possamos questionar o antropomorfismo da sepultura 6. Não obstante estes casos, 22 grupos de 2 ou 3 sepulturas em conexão espacial directa identificados nas necrópoles estudadas, nove são constituídos exclusivamente por sepulturas antropomórficas¹¹¹, seis são unicamente compostos por sepulturas não-antropomórficas¹¹² e um outro é impossível avaliar face à destruição parcial de uma das sepulturas¹¹³.

Quanto se analisa a tipologia das sepulturas não-antropomórficas, verifica-se que predomina a forma ovalada, havendo a registar 28 sepulturas não-antropomórficas ovaladas no conjunto estudado. Nos sepulcros inventariados estão completamente ausentes os de tipo trapezoidal, tal como se verifica no Gráfico 7.

Tipologias das sepulturas não-antropomórficas



A única sepultura isolada não-antropomórfica é ovalada¹¹⁴, bem como são ovaladas as duas sepulturas não-antropomórficas da Póvoa. As sepulturas 1 e 2 do Castelo 2, são rectangulares, mas a sepultura 3 é sub-rectangular — o facto de se tratar de uma sepultura infantil¹¹⁵ poderá ter determinado a tipologia, já que a definição de linhas mais direitas numa sepultura de reduzida dimensão se poderia afigurar de mais difícil concretização.

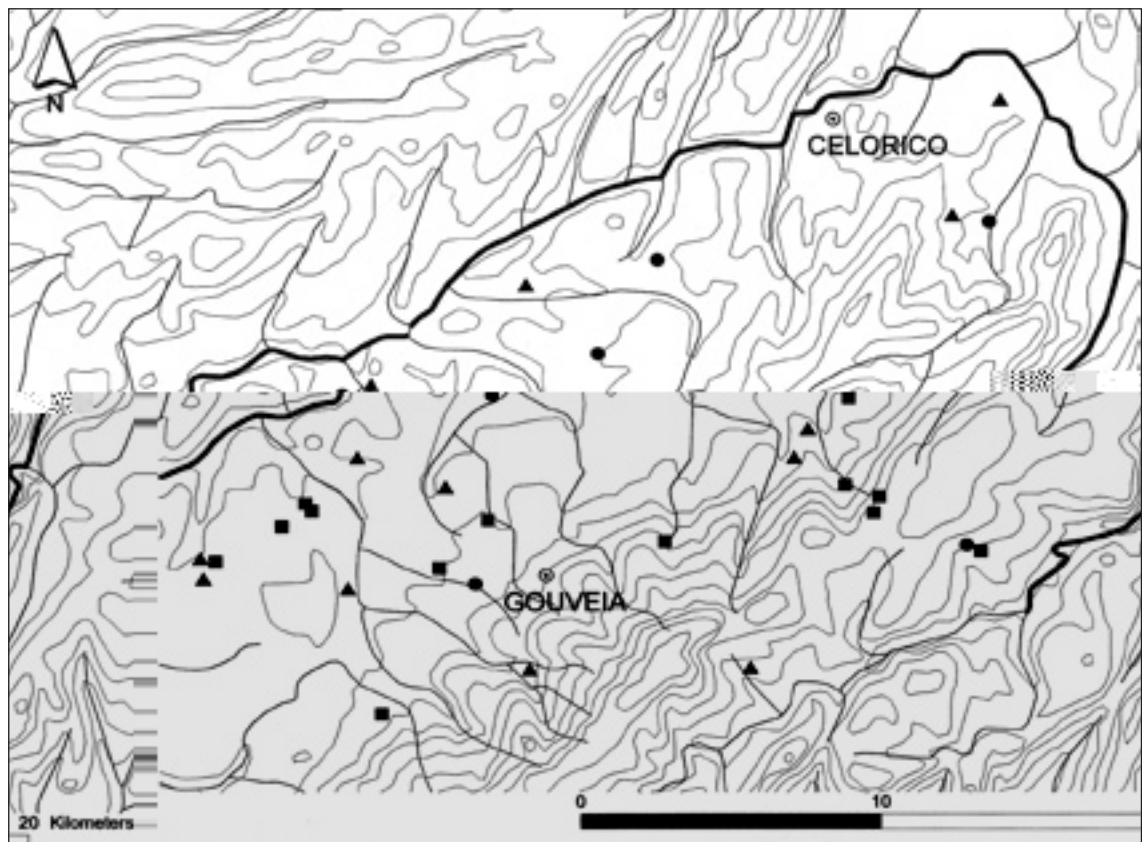
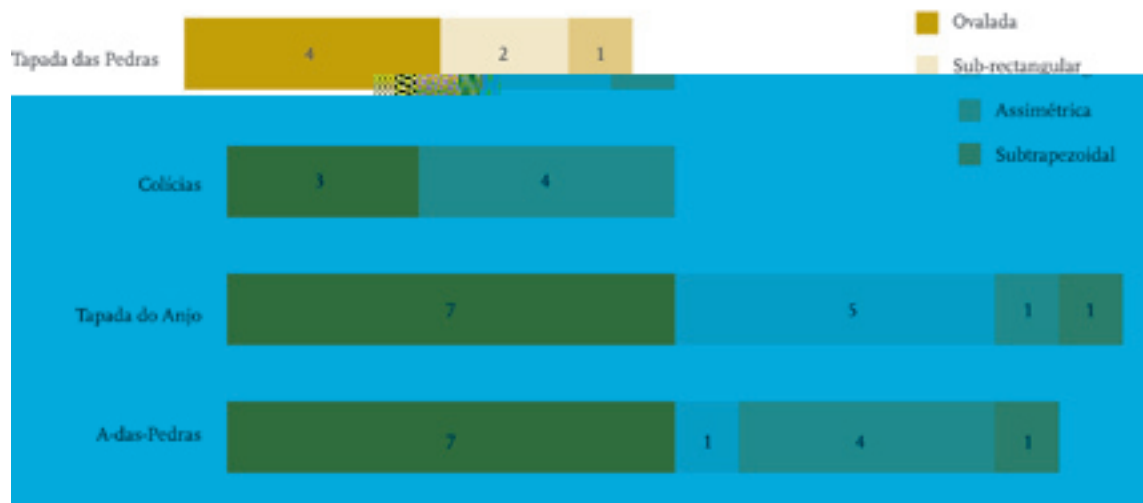
É nas necrópoles que se encontra um maior número de sepulturas não-antropomórficas. Na de Saião/St.º António, os dois sepulcros não-antropomórficos são ovalados, enquanto na do Risado apenas uma sepultura é ovalada, sendo a outra do tipo sub-rectangular. Na necrópole da Menoita 2, as duas sepulturas não-antropomórficas aí existentes são assimétricas e na Tapada do Bufo duas são rectangulares e a terceira sepultura não-antropomórfica é ovalada.

Na análise mais pormenorizada das sepulturas não-antropomórficas patentes nas necrópoles de maiores dimensões, verifica-se que a tipologia predominante é sem dúvida a ovalada, porquanto é notório o número de sepulturas assimétricas na necrópole de A-das-Pedras e na de Colícias e a quantidade de sepulturas sub-rectangulares na necrópole da Tapada do Anjo. O facto de haver uma certa constância no estilo e na forma da sepultura poder estar relacionado com o artífice que a elaborou; é provável que em muitos dos casos fosse a mesma pessoa a elaborar as sepulturas pertencentes aos mesmos núcleos ou mesmo às mesmas necrópoles.

Ao avaliarmos a representatividade das tipologias das sepulturas antropomórficas, observamos que existe uma grande diversidade tipológica, estando, à excepção da forma que delinea a curva dos braços, todas as formas representadas. Há, porém, um destaque para a

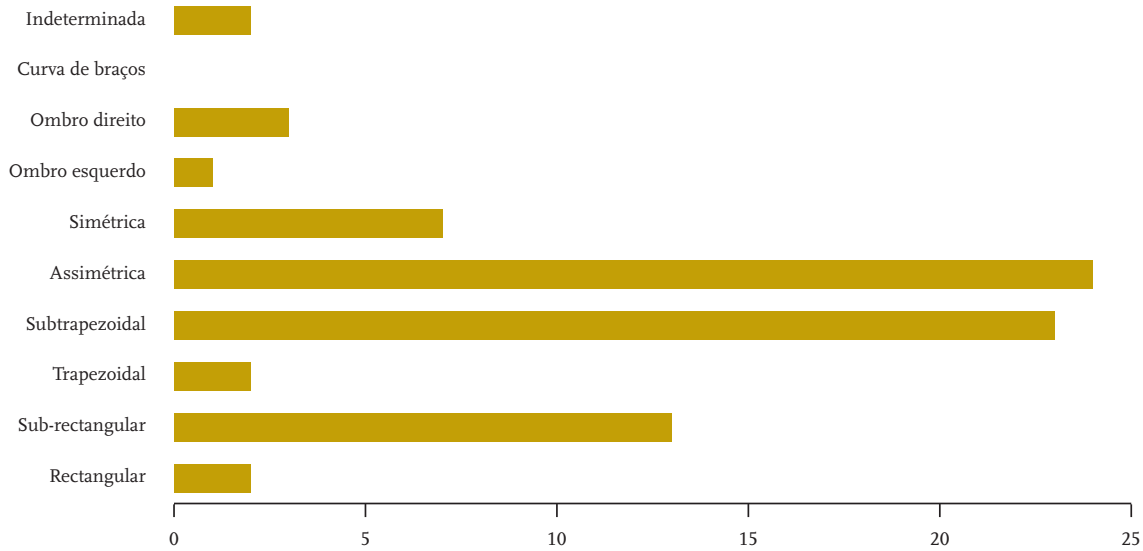
preferência das formas assimétrica e subtrapezoidal. O elevado número de sepulturas assimétricas poderá estar relacionado com o facto de a área focada neste trabalho ser geologicamente ocupada na sua maioria por granito na sua variedade porfiróide de grão médio a grosseiro (Teixeira et al., 1967), dificultando a perfeição do trabalho de escavação do granito. Destaca-se, em segundo plano, a ocorrência de treze sepulturas antropomórficas rectangulares.

Tipologia das sepulturas não-antropomórficas nas Necrópoles da Tapada das Pedras, de Colícias, da Tapada do Anjo e de A-das-Pedras



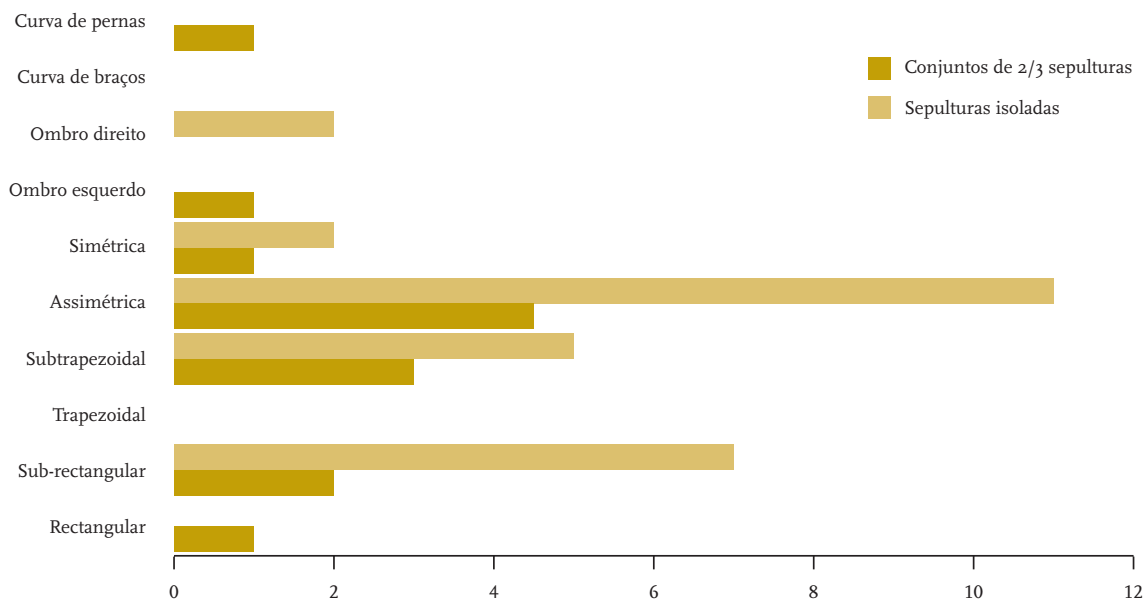
MAPA 9 – Sítios com sepulturas antropomórficas. • Necrópoles; ■ Conjuntos de 2/3 sepulturas; ▲ Sepulturas isoladas.

Tipologia das sepulturas antropomórficas



Entre as sepulturas integradas nos conjuntos, estão ausentes as tipologias trapezoidal, rectangular e de delineamento do ombro esquerdo, considerado por Del Castillo como uma forma de transição entre o não-antropomorfismo e o antropomorfismo. Também nas sepulturas isoladas, não foi registada a forma trapezoidal, e não se conhece qualquer exemplar com o delineamento do ombro direito.

Tipologias das sepulturas antropomórficas isoladas ou pertencentes a conjuntos de 2/3 sepulturas



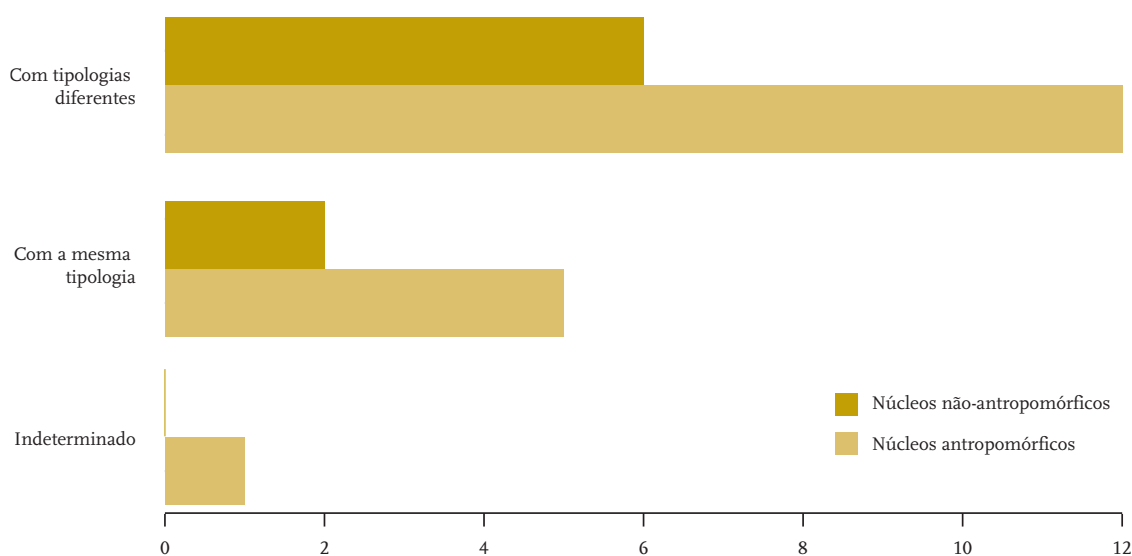
Nas necrópoles, a situação é já um pouco diferente. A necrópole do Casal das Pias é a única em que apenas foi utilizada um só tipo¹¹⁶, mas a situação mais comum entre as necrópoles estudadas é não haver uma exclusividade de tipologias. Nos casos das necrópoles do Risado e de Saião/St.º António, observa-se que não houve uma exclusividade da forma dos sepulcros; porém, a variedade não foi uma opção para os utilizadores destas necrópoles, pois em cada uma delas apenas se recorreu a duas tipologias¹¹⁷.

A variedade nas formas pode, todavia, ser encontrada na pequena necrópole da Quinta da Menoita 2¹¹⁸, em que as três sepulturas antropomórficas aí identificadas apresentam tipologias diferentes; situação análoga ocorre na necrópole da Tapada do Bufo¹¹⁹. Mesmo na necrópole do Freixial, onde o antropomorfismo foi exclusivo, a diversidade tipológica está bem patente nas sete sepulturas identificadas, estando representados quatro tipos diferentes¹²⁰; apesar de apenas oito sepulturas, entre as vinte e duas que constituem necrópole da Tapada do Anjo, serem antropomórficas, nelas estão representadas cinco formas diferentes¹²¹.

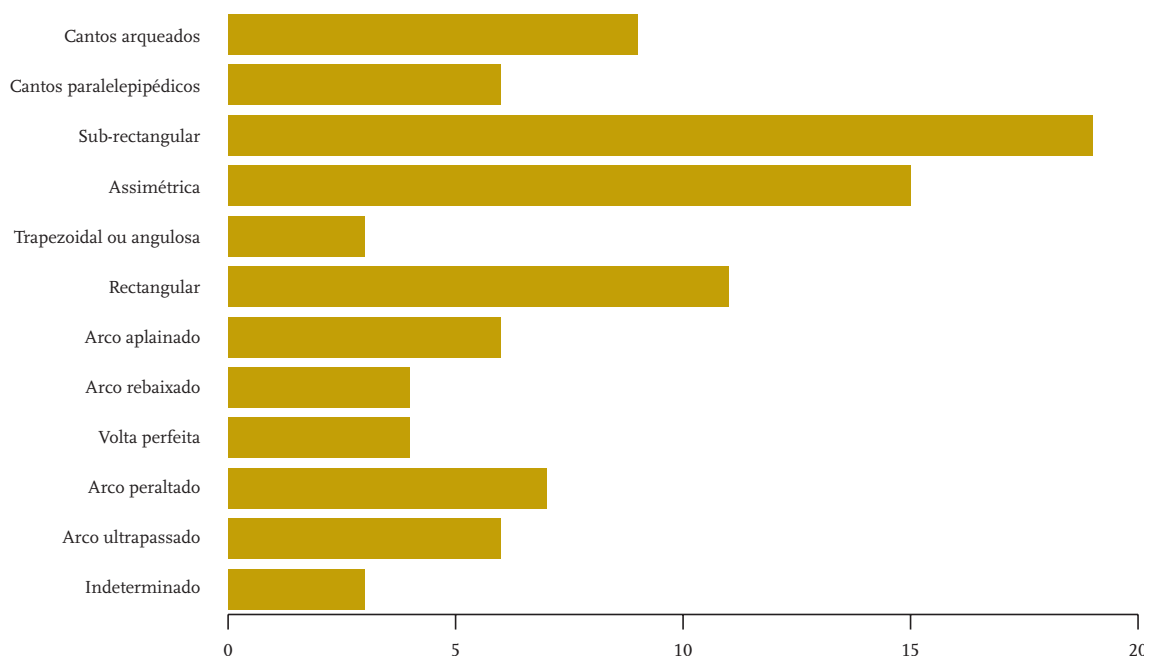
Se partirmos do princípio, que aqui se defende, de que os inumados nos conjuntos de 2/3 sepulturas seriam familiares ou teriam uma relação próxima, sendo, por isso contemporâneos, seria de esperar, caso as tipologias pudessem indiciar cronologias diferentes, que as sepulturas em conexão directa apresentassem sistematicamente as mesmas tipologias. Ora, nos conjuntos de 2/3 sepulturas estudados, apenas na Tapada da Serra as sepulturas são ambas assimétricas¹²² todas as restantes sepulturas dos conjuntos têm tipologias diferentes.

O mesmo sucede com as sepulturas em conexão espacial directa que se encontram integradas em necrópole. Efectivamente, a maioria destes pequenos panteões familiares não apresenta a mesma tipologia. Não obstante, registam-se alguns casos¹²³ em que essa situação ocorre. Mas mesmo estes casos poderão também ser explicados, mais plausivelmente, através do facto de muitas delas poderem ter sido feitas pela mesma pessoa, ou serem encomendadas por um mesmo indivíduo ou uma mesma família.

Representatividade da conjugação das tipologias nos núcleos de sepulturas em conexão espacial directa estudados nas necrópoles e nos conjuntos de 2/3 sepulturas



Tipologias das cabeceiras das sepulturas antropomórficas



Tipologia das cabeceiras das necrópoles de pequena e média dimensão

	Freixial	Saião St.º António	Risado	C. Pias	Qta Menoita 2	Tapada do Bufo	Prazo	Monte Aljão
Arco ultrapassado		I	I					
Arco peraltado				I		I		
Volta perfeita			I					
Arco rebaixado								2
Arco aplainado	I	I					I	
Rectangular	I							I
Trapezoidal ou angulosa	2							
Assimétrica	I	I	I				I	2
Sub-rectangular	2	I	2			2		2
Cantos paralelepípedicos					2	I		
Cantos arqueados				3	2	I	2	

A diversidade tipológica das sepulturas da área em estudo está também patente na variedade de cabeceiras das sepulturas antropomórficas. Como se pode constatar no Gráfico 12, todos os tipos estão representados havendo, no entanto, uma prevalência das cabeceiras sub-rectangulares, seguidas das cabeceiras assimétricas¹²⁴. É de notar que a definição da cabecei-

s e
n e
o C
ep
a
C

as defin

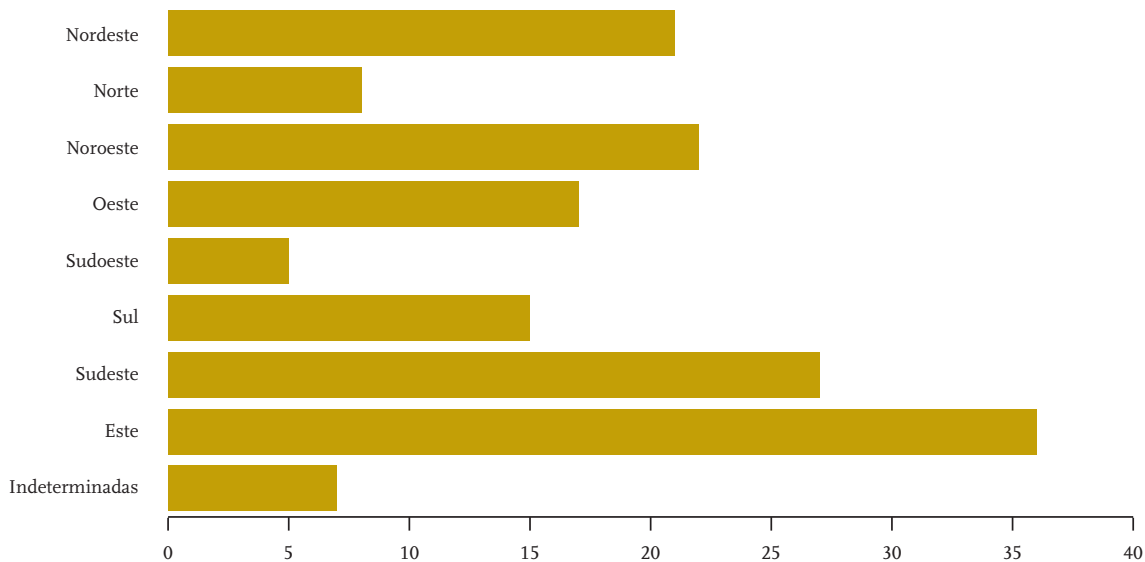
o – Sítios com sepulturas localizados em Serra. • Prazo; • Vale Capitão; ■ Quinta da Menoita 1; ■ Quint

Este tipo de cabeceira, estilisticamente mais complexo, foi observado por Isabel Alexandra Lopes em necrópoles normalmente associadas a igrejas ou inseridas em locais fortificados, que terão exercido um papel importante durante a fase da “reconquista” (Lopes, 2002, p. 252). Três das quatro necrópoles estudadas onde ocorre este tipo de cabeceira são as que se localizam no interior da serra, em altitudes que rondam os 1000 m, longe de locais fortificados, povoações já com alguma dimensão ou mesmo igrejas ou capelas. A localização destas necrópoles, conjuntamente com a sepultura isolada do Casal de S. Pedro e com o conjunto da Quinta da Menoita 1, em lugares tão remotos está certamente associada a uma estrutura de povoamento rural. Ainda hoje, estes locais estão associados a pequenos casais rurais de cariz familiar, junto dos quais foram identificados vestígios cerâmicos consentâneos com uma ocupação medieval. Não é improvável que os actuais casais tenham uma remota origem em estruturas agrárias da Alta Idade Média.

4.2.5 Sobre a orientação dos sepulcros

Quanto às orientações, e contrariamente ao defendido por muitos autores, não há uma clara preferência pelo Leste¹²⁸, ainda que o conjunto Este/Sudeste domine. A ausência de associação entre as sepulturas estudadas e edifícios religiosos seus contemporâneos explica em parte a profusão de orientações não-canónicas. É nas necrópoles articuladas com locais de culto que as sepulturas são sistematicamente orientadas de Oeste para Este¹²⁹.

Orientação das sepulturas estudadas



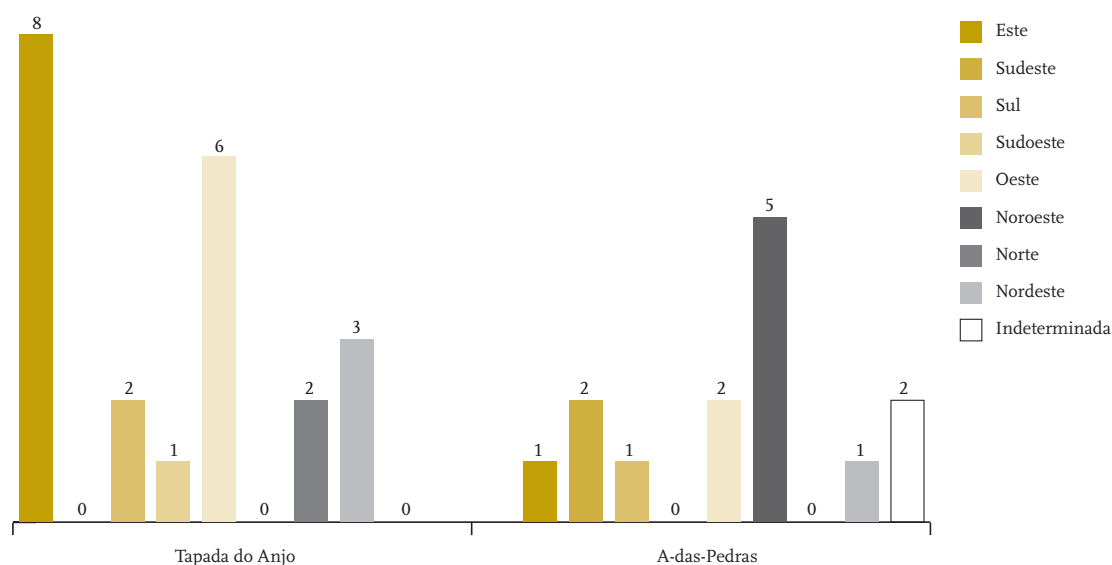
Mesmo na necrópole da Tapada do Anjo, não se observam orientações predominantes em todos os núcleos. Das oito sepulturas que se encontram orientadas a Oriente, seis estão integradas no núcleo 3 (que é constituído por oito sepulturas). À excepção do núcleo 4, que é constituído apenas por duas sepulturas orientadas a Este, mais nenhum núcleo apresenta constância na orientação das sepulturas. Para A. Valera, este será um dos núcleos mais recentes da necrópole, pelo que supõe que “aquando da abertura destas sepulturas, já se respeitava a regra canónica” (Valera, 1990, p. 14). Já no núcleo 1, que se localiza mais próximo da actual Capela do

Anjo, as orientações são bastante diversificadas, não havendo uma única sepultura orientada a Este. Assim sendo, ou a proximidade com a actual capela não indicia uma proximidade deste núcleo com um antigo edifício religioso, ou se existisse, não teria condicionado a orientação dos sepulcros. Tendo em conta as necrópoles associadas a edifícios religiosos contemporâneos que se conhecem, e sabendo que não existem dados concretos que sustentem a existência de um templo coeso com a necrópole, parece ser razoável aceitar, para já, a primeira hipótese.

Ao observarmos as orientações das sepulturas integradas na necrópole da A-das-Pedras, constata-se que mais uma vez não há uma orientação claramente dominante, registando-se cinco sepulturas orientadas a Noroeste e apenas uma a Este. A ausência de uma orientação a Oriente poderá estar relacionada igualmente com a ausência de um edifício religioso disciplinador das orientações.

Há contudo uma excepção a esta regra. Na necrópole de Monte Aljão, as sepulturas estão orientadas maioritariamente a Oeste, o que sugere o relacionamento desta necrópole com um edifício de cariz religioso. Ainda que a informação disponível seja escassa, é provável que as sepulturas estejam relacionadas directamente com o edifício, cuja fundação os responsáveis pela escavação inserem na segunda ocupação do sítio, que apresenta uma cronologia alto-medieval^{13º}.

Orientação das sepulturas integradas nas necrópoles da Tapada do Anjo e de A-das-Pedras



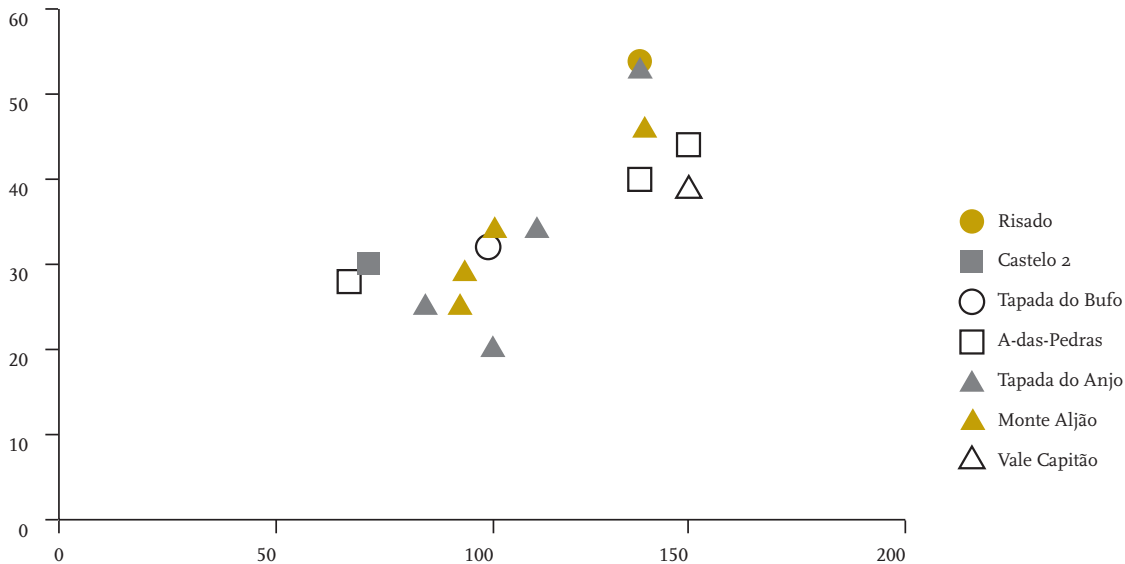
O facto de haver diversas opções em termos da orientação da sepultura poderá ser explicado pela geologia, fazendo crer que a orientação dos afloramentos onde estas foram escavadas teve tanto ou mais peso na determinação da orientação das sepulturas do que certas regras canónicas.

A diversidade na orientação das sepulturas que não se encontram associadas a edifícios religiosos foi também observada por Isabel Alexandra Lopes “a maioria das sepulturas escavadas na rocha existentes na região estudada revelam orientações não canónicas, que parecem ter sido estabelecidas sobretudo em função do espaço que se encontra disponível para conceber a sepultura no afloramento rochoso” (Lopes, 2002, p. 254).

4.2.6 As sepulturas e os inumados

Um outro dado importante a aferir do estudo das sepulturas é a altura dos inumados. Mário Barroca estabeleceu que o comprimento das sepulturas em regra excede entre 10 a 20 cm a estatura do indivíduo sepultado (Barroca, 1987, p. 121).

Dimensão das sepulturas infantis identificadas (centímetros)



No conjunto estudado identificaram-se 15 sepulturas infantis¹³¹, representando cerca de 9,4%¹³². Estas localizam-se preferencialmente em necrópoles, havendo a registar apenas os casos das sepulturas infantis do Castelo 2 e de Vale Capitão, que se encontram integradas num conjunto de 2/3 sepulturas. Não foram identificadas sepulturas infantis isoladas e mesmo dentro das necrópoles, elas encontram-se na sua maioria associadas directamente a outras sepulturas¹³³. A situação mais comum é a associação uma sepultura infantil a uma sepultura de um indivíduo adulto, mas nas necrópoles da Tapada do Anjo e na do Monte Aljão as sepulturas infantis 2 e 3 estão associadas entre si.

Ainda que o exercício de tentar saber a idade dos inumados através do tamanho da sepultura possa ser questionável, ele é o único que nos permite, na ausência de mais dados arqueológicos, obter uma ideia da idade das crianças. Partindo do princípio que as sepulturas teriam em média mais 10 a 20 cm que o inumado, tal como defendeu Barroca (1987), verifica-se que a criança que foi inumada na sepultura 7 de A-das-Pedras teria entre 50 a 60 cm de estatura, pelo que se encontrava no primeiro ano de vida quando morreu¹³⁴. Situação semelhante parece ocorrer com a criança inumada na sepultura infantil do Castelo 2. De acordo com os cálculos da estatura média feitos por R. Hauspie (2001), é de admitir que a criança inumada na sepultura 4 do Monte Aljão tivesse no primeiro ou segundo ano de vida e que as crianças inumadas na sepultura infantil da Tapada do Bufo e nas sepulturas 5 e 10 da Tapada do Anjo estariam nos seus segundo a quarto anos de vida. Já as crianças que foram sepultadas nas sepulturas 2 da Tapada do Anjo e 2 e 6 de Monte Aljão, teriam uma idade que rondaria os quatro a cinco anos de idade. As sepulturas infantis do Risado, a número 3 da Tapada do Anjo, a sepultura 13 de A-das-Pedras e a sepultura 5 de Monte Aljão pertenceriam a crianças cuja idade andava por volta dos seis a oito anos quando da sua

morte. Mais velhas seriam as crianças que foram inumadas nas sepulturas 6 da necrópole da A-das-Pedras e na 2 de Vale Capitão, pois estima-se que teriam no mínimo nove anos de idade.

Resumindo, as crianças sepultadas na necrópole da Tapada do Anjo teriam idades compreendidas entre dois e quatro anos e os seis a oito anos; já as três crianças da necrópole de A-das-Pedras teriam idades entre os primeiros meses de vida e os nove a doze anos, enquanto as crianças de Monte Aljão estariam nas faixas etárias dos dois anos e seis a oito anos. Muito jovem era também a criança inumada no Castelo 2, e a criança inumada na Tapada do Bufo teria entre dois a quatro anos aquando da sua morte, tal como a criança sepultada na Tapada do Bufo.

São conhecidas muitas sepulturas infantis medievais, normalmente associadas a sepulturas de adultos ou integradas em áreas destinadas às sepulturas infantis nas necrópoles, à semelhança do que ainda hoje acontece em alguns cemitérios de Portugal. Esta realidade arqueológica encontra-se bem documentada nos trabalhos de Del Castillo nas necrópoles de Revenga, Cuyacabras (Del Castillo, 1972). Ainda que a maioria das sepulturas infantis estudadas se encontrem integradas em “agrupamentos familiares”, é de supor que as sepulturas do Monte Aljão correspondam a um local de enterramento infantil privilegiado, integrado numa necrópole mais vasta cujo conhecimento se encontra limitado por falta de escavações arqueológicas mais amplas no local.

Durante toda a Idade Média, a alta mortalidade infantil foi uma realidade, conquanto as sepulturas infantis sejam uma minoria nos locais estudados, à semelhança do que acontece com as necrópoles do Entre-Douro-e-Minho ou com as da província de Sória, ou mesmo nas estudadas por Isabel Alexandra Lopes no Douro Superior. É difícil aventar uma



MAPA 11 – Localização dos sítios com sepulturas infantis. • A-das-Pedras; • Vale Capitão; ■ Monte Aljão 1; ■ Tapada do Bufo; ▲ Castelo 2; ▲ Risado ■ Tapada do Anjo.

hipótese de explicação para este facto. Todavia, os resultados do estudo de Lopes na necrópole de S. Pedro de Numão parecem indicar uma resposta plausível. Foi aí identificada uma sepultura em que estavam inumados um indivíduo infante e um adulto¹³⁵ de cerca de 30-40 anos. Nesta mesma necrópole, registou-se ainda a existência de uma sepultura escavada em terra pertencente a um nado-morto ou um recém-nascido (Lopes, 2002, p. 286). Quer a partilha de sepulturas com adultos, quer a utilização de outros métodos de inumação, podem ser a resposta para o diminuto número de sepulturas infantis normalmente identificadas nas necrópoles de sepulturas escavadas na rocha. Também Carlos de la Casa Martínez dá conta da disparidade entre o número de sepulturas de adultos comparado com as de crianças, e alerta para a probabilidade de poderem existir enterramentos infantis nas casas medievais, tal como documentou Riu em Padilla (De la Casa Martínez, 1992, p. 414). Apesar de não terem sido documentadas situações análogas no actual território português, não existe um grande número de escavações em habitações da época a que nos reportamos, que possa excluir essa hipótese.

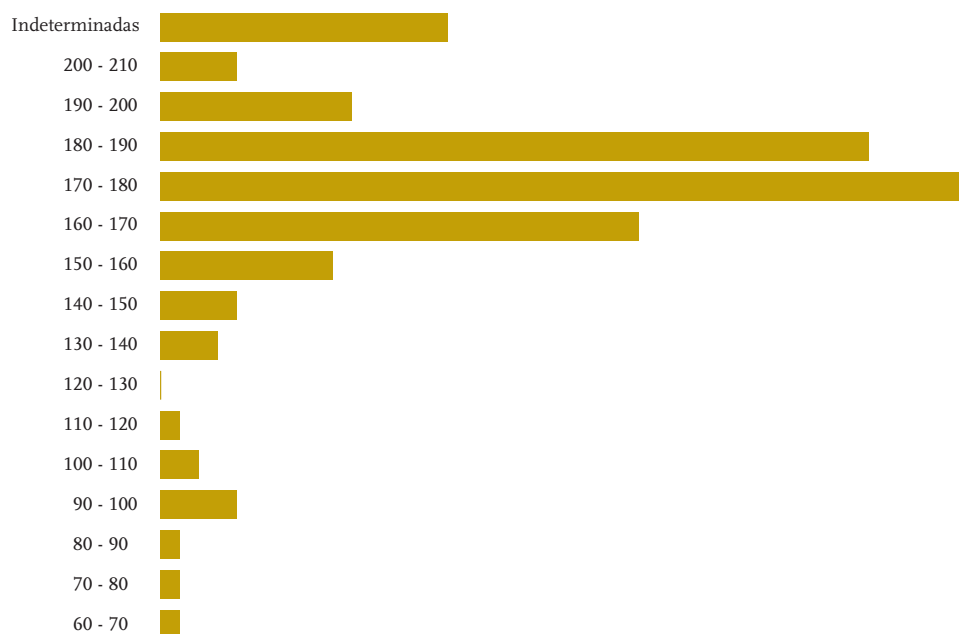
Em relação às sepulturas de adultos, poderemos observar que a moda do comprimento se situa na classe dos 1,70-1,80 m, sendo a maior concentração entre os 1,70 m e os 1,90 m. De acordo com os cálculos de Mário Barroca (1987, p. 121), pode-se afirmar que a maioria dos indivíduos inumados nas sepulturas estudadas teria uma estatura entre os 1,50 m/1,60 m e o 1,70 m/1,80m. É ainda possível supor que, no caso das sepulturas de maiores dimensões, as mesmas pudessem ter sido calculadas para o indivíduo e para uma singela oferenda. Tal hipótese questiona a simples relação comprimento/largura da sepultura e a altura dos inumados nestas sepulturas.

Não se encontram publicados muitos estudos paleobiológicos de populações desta época em que se faça uma média da estatura dos inumados. É por isso de referência o estudo das necrópoles de Sória publicadas por Carlos de la Casa Martínez (1992). Da análise efectuada, o autor verificou que a estatura média entre os homens rondava os 1,60 m a 1,65 m, enquanto nas mulheres a média oscilava entre os 1,55 m e 1,60 m¹³⁶, dados que não parecem afastar-se muito da hipótese apresentada para a estatura média das pessoas inumadas nas sepulturas escavadas na rocha na encosta noroeste da Serra da Estrela.

Naturalmente que é difícil estabelecer diferenciações de género entre os inumados apenas pelo estudo da dimensão longitudinal das sepulturas¹³⁷, podendo apenas especular-se que, nos casos em que as sepulturas apresentam dimensões longitudinais entre os 1,50 m e 1,80 m, poderão ser mais facilmente atribuíveis a jovens ou mulheres, tendo em conta que estes, em geral, teriam menor estatura, e, nesta ordem de ideias, as que apresentam comprimentos entre os 2 m e os 2,20 m pertenceriam presumivelmente a homens. Não é de todo ilógico considerar que nos agrupamentos familiares¹³⁸ em que as sepulturas apresentam dimensões diferentes, a sepultura de menores dimensões fosse a pertencente à mulher. Mas não será de excluir a hipótese de essa sepultura poder ter pertencido a um jovem, já que se conhecem casos de enterramentos de jovens junto do que se supõe ser o seu progenitor.

Em relação à largura das sepulturas, a situação já não é tão linear. Efectivamente, existem sepulturas de adultos com uma largura invulgarmente estreita, como é o caso da Cama da Moura, com apenas 0,30 m, medida análoga às larguras de algumas das mais pequenas sepulturas infantis. Em contrapartida, identificaram-se outras sepulturas que apresentam larguras na ordem dos 0,70 m, como a sepultura do Penedo dos Mouros e a da Tapada/Rascão. Mas a maioria das sepulturas atribuíveis a adultos apresenta uma largura entre os 0,45 e 0,55 m. As larguras excepcionalmente pequenas ou grandes poderiam ser explicadas pela extrema magreza ou com a obesidade dos indivíduos sepultados.

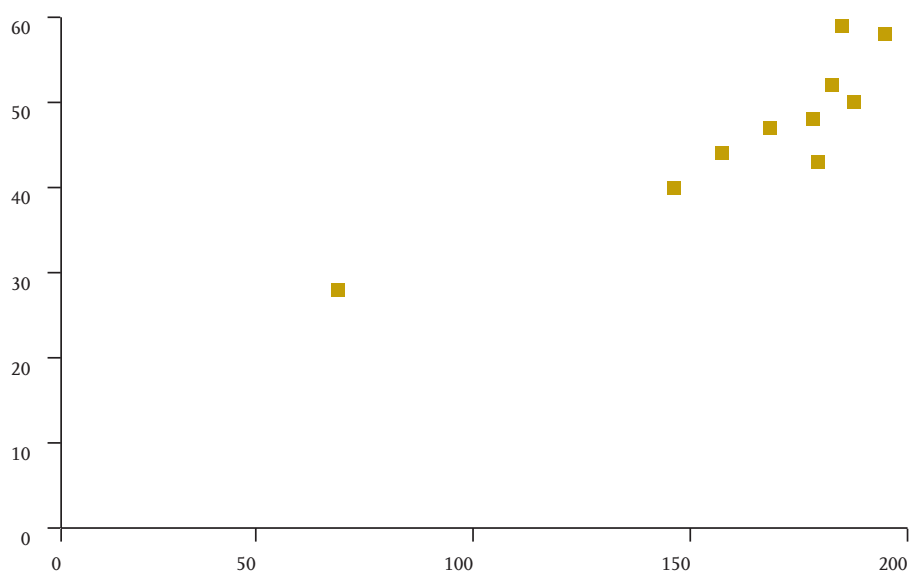
Comprimento das sepulturas (centímetros)



Conhecem-se casos em que uma mesma sepultura poderá ter sido utilizada por dois defuntos, defendendo alguns autores essa hipótese para as sepulturas com larguras invulgarmente grandes. Efectivamente nas necrópoles escavadas na região do Douro Superior foram identificados diversos enterramentos duplos e mesmo triplos (Lopes, 2002) e conhecem-se nessa região diversas sepulturas geminadas¹³⁹ (Lopes, 2002). Também Adolfo Marques (1996, p. 214) identificou uma dessas sepulturas na região de Viseu¹⁴⁰.

Quando analisamos estes dados métricos nas sepulturas integradas nas necrópoles, verificamos que a média do tamanho das sepulturas de cada necrópole é bastante semelhante.

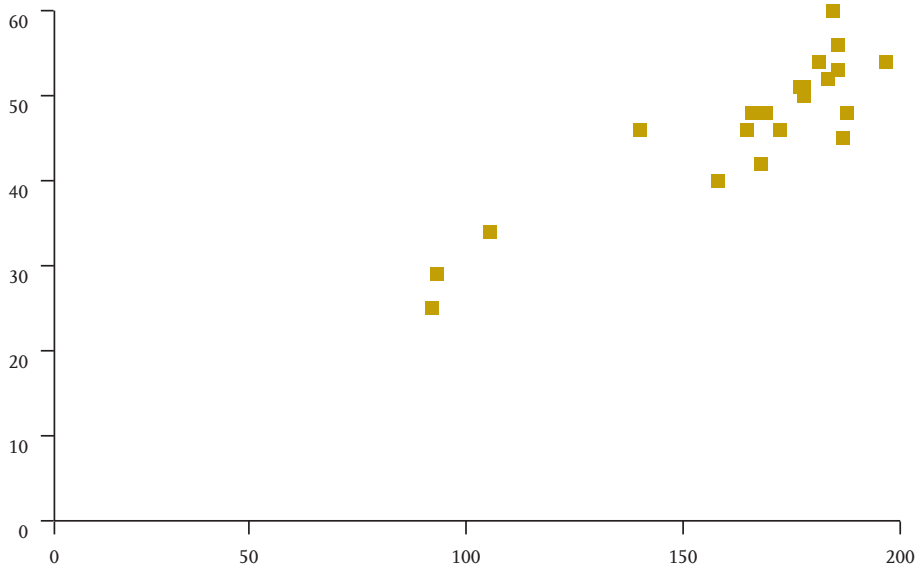
Comprimentos e larguras das sepulturas da necrópole de A-das-Pedras (centímetros)



Na necrópole do Freixial, a média dos comprimentos ronda os 1,78 m enquanto a largura máxima é de 0,54 m. As médias do comprimento na Tapada do Bufo são estatisticamente iguais às do Freixial, mas as sepulturas são em média um pouco mais estreitas, sendo semelhantes as dimensões médias das necrópoles da Tapada das Pedras e do Prazo, com 1,77 m e 1,79 m respectivamente. As necrópoles da Menoita 2⁴¹ e de Colicias apresentam a média de comprimentos mais baixa, com apenas 1,67 m e 1,68 m, contrariamente ao que acontece com as médias do comprimento das necrópoles do Casal das Pias e do Risado, com 1,83 m e 1,82 m respectivamente. A média mais baixa é a da necrópole de Monte Aljão, com apenas 1,17 m, que se deve ao facto de esta necrópole ser constituída essencialmente por sepulturas infantis. É provável que as intervenções arqueológicas no local tivessem identificado apenas uma área da necrópole, especialmente destinada aos sepulcros infantis.

Na necrópole de A-das-Pedras, a média das sepulturas ronda os 1,71 m e a largura anda por volta dos 0,51 m, enquanto na necrópole da Tapada do Anjo o comprimento médio é de 1,79 m e a largura de 0,49 m.

Comprimentos e larguras das sepulturas da necrópole da Tapada do Anjo (centímetros)

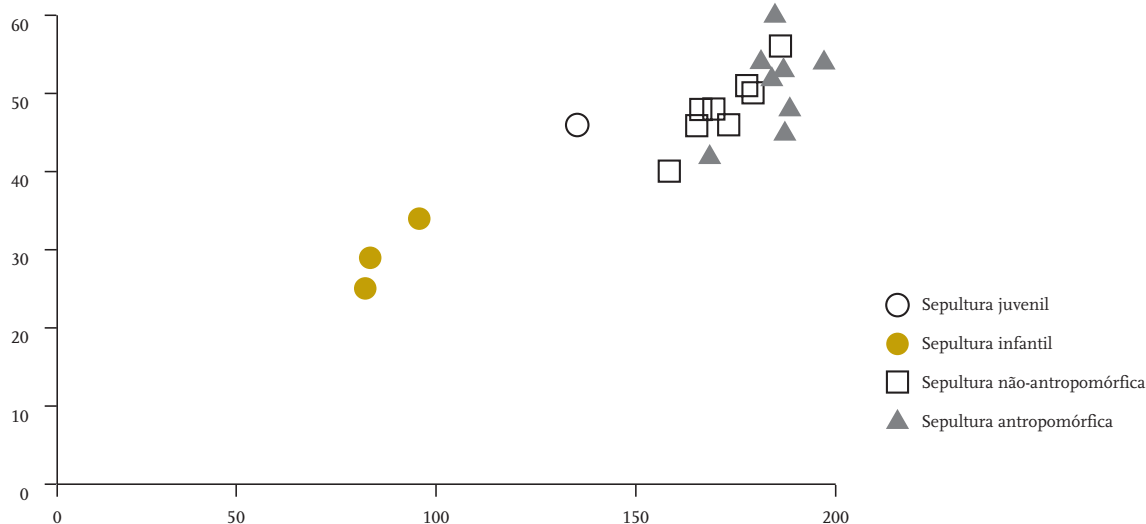


Há uma grande constância nas medidas médias das sepulturas estudadas, não se evidenciando, na generalidade dos dados recolhidos, qualquer diferenciação entre as medidas máximas de sepulturas com tipologias diferentes.

No entanto, António Valera, na análise que efectuou aos dados fornecidos pelas sepulturas da Tapada do Anjo, verificou que as sepulturas não-antropomórficas eram tendencialmente menos compridas e mais estreitas que as suas congéneres antropomórficas. Interpretando esta constatação, António Valera coloca a hipótese de “as sepulturas antropomórficas poderem ser realizadas para o fim de receber especificamente indivíduos do sexo masculino” (1990, p. 13).

A correspondência entre sepultura antropomórfica/elemento masculino e sepultura não-antropomórfica/elemento feminino já havia sido colocada por Del Castillo. Todavia, esta teoria parece entrar em contradição com as teorias evolucionistas, defendidas pela maioria dos autores que estudaram sepulturas escavadas na rocha, nomeadamente Del Castillo e A. Valera, que atribuem uma maior antiguidade aos sepulcros não-antropomórficos. Será que em tempos mais recuados morreriam só mulheres?

Comprimentos e larguras das sepulturas da necrópole da Tapada do Anjo de acordo com a tipologia de cada sepultura, em centímetros (segundo Valera, 1990, p. 12)



Naturalmente que este raciocínio não é coerente! Se efectivamente há uma evolução na tipologia das sepulturas, ainda que possa não ser tão linear como Del Castillo inicialmente supôs, será mais verosímil considerar que quer os sepulcros antropomórficos quer os não-antropomórficos seriam utilizados por mulheres e homens, independentemente da tipologia que apresentavam. Pelo menos no que concerne à área estudada, os casos em que os pares de sepulturas são mistos (uma sepultura antropomórfica e uma sepultura não-antropomórfica) representam 12% do universo estudado. Nestes casos, a hipótese de uma das tipologias pertencer a um dos sexos tem de se colocar, já que se considera que seriam casais aí inumados, mas é impossível determinar que tipologia correspondia a que sexo. No estudo de Isabel Lopes (2002), são dadas a conhecer, na necrópole de S. Pedro de Numão, duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha (sepulturas 2 e 21) nas quais foram exumados, respectivamente, um indivíduo do sexo feminino (com idade superior a 60 anos) e um indivíduo do sexo masculino (jovem adulto). Também não é de descurar o facto de algumas das sepulturas que se integram em núcleos familiares poderem ter sido reutilizadas e de numa mesma sepultura de tipologia específica poder ter sido sepultada uma mulher em determinada altura e, posteriormente, ser utilizada para um defunto homem. Se em algumas regiões, em determinados casos, poderá ter havido uma correspondência entre a tipológica e o género do inumado, esta não poderá ser generalizada para os casos estudados, tal como *supra* se argumenta.

4.2.7 A questão das cronologias

A maioria dos autores considera as sepulturas não-antropomórficas mais antigas do que as antropomórficas. No entanto, nada assegura que a evolução no sentido do antropomorfismo tenha sido simultânea em toda a Península Ibérica; poderemos estar perante evoluções crono-tipológicas regionais ou mesmo locais. A evolução defendida por Del Castillo, e posta em causa por muitos autores, não parece adaptar-se à diversidade tipológica encontrada nos casos estudados neste trabalho. Esta posição é também sustentada por Mário Barroca: “a variedade tipológica encontrada no Entre-Douro-e-Minho parece recomendar que se contem-

ple, pelo menos nesta área, uma maior diacronia e flexibilidade pois a evolução pode não ter sido tão linear quanto Castillo supôs” (Barroca, 1987, p. 135).

O processo evolutivo do não-antropomorfismo para o antropomorfismo seria caracterizado, segundo os autores que seguem a linha defendida por Del Castillo, pelo delineamento do ombro esquerdo. Dos dados recolhidos para a área em estudo, a evolução não parece ter sido tão linear. O mais provável é ter havido múltiplas variáveis que conduziram ao pleno antropomorfismo. A contemporaneidade de ambas as formas em determinado momento é bastante provável, pois só assim se explicariam as correlações espaciais directas entre sepulturas não-antropomórficas com as sepulturas antropomórficas, como são os casos das sepulturas 21 e 22 da Tapada do Anjo, das sepulturas da pequena necrópole da Quinta da Menoita e das sepulturas 6, 7 e 8 da Tapada do Bufo. É impossível determinar até quando se construíram sepulcros não-antropomórficos, já que na necrópole da Quinta da Menoita 2 se identificaram sepulturas não-antropomórficas lado a lado com sepulturas antropomórficas com cabeceiras definidas através de ressaltos ou cantos. Estas últimas são geralmente aceites com modelos mais evolucionados dentro da própria evolução estilística das sepulturas antropomórficas.

Efectivamente, também não é de descurar que o investimento na sepultura possa igualmente determinar a sua tipologia — “julgamos que a cada módulo tipológico poderá corresponder a um tipo de investimento diferente” (Tente e Martins, 1994, p. 286); ou seja, uma sepultura de rebordo requer mais dispêndio (económico, técnico e de tempo). Tal significaria que a variação tipológica poderia estar igualmente relacionada com o estatuto sócio-económico do inumado (Ariès, 1988).

É natural que as vias de comunicação e a própria existência, ou não, de um contacto inter-regional fossem factores condicionantes das tipologias, pelo que em áreas mais isoladas as pervivências de rituais e formas de inumação ter-se-iam prolongado no tempo.

Terá sido durante nos fins do século VII ou inícios do século VIII que as sepulturas escavadas não-antropomórficas na rocha terão feito a sua aparição no mundo peninsular. Relembre-se a propósito a datação de 1300±40 BP obtida para a necrópole de sepulturas não-antropomórficas escavadas no basalto do Casal de S. Brás (Encarnação e Duarte, 2000). Será no período que medeia o século VIII e os séculos X/XI que se situarão as sepulturas da necrópole da A-das-Pedras¹⁴² e as sepulturas pertencentes ao núcleo 1 da necrópole da Tapada do Anjo. É igualmente provável que o conjunto do Castelo 2 possa ter sido utilizado pela primeira vez neste período. A partir do século XI, ou talvez desde o século X, começam a aparecer as formas antropomórficas plenas, tendo-se continuado a inumar nas sepulturas não-antropomórficas, tal como se documentou em diversos exemplos *supra* referidos.

Mário Barroca aponta como período áureo das sepulturas escavadas na rocha da área do Entre-Douro-e-Minho os séculos IX a XI que correspondem, *grosso modo*, ao período das conquistas/reconquista cristã e muçulmana nessa zona¹⁴³ (1987, p. 137-140). Será no tempo que medeia os séculos IX a XII que poderemos integrar a maioria das sepulturas estudadas, podendo estas estruturas eventualmente ter sido utilizadas e ainda durante o século XIII.

Isabel Alexandra Lopes constatou no seu estudo que tendencialmente as sepulturas não-antropomórficas estavam associadas a caminhos ou a locais com vestígios de ocupação medieval consentâneos com um modelo de povoamento disperso em locais não fortificados. Contrariamente, necrópoles de sepulturas antropomórficas estariam relacionadas, em norma, com locais fortificados de maiores dimensões e/ou com edifícios religiosos. Estes últimos são espaços que desempenharam papéis preponderantes durante a conquista cristã, apresentando as sepulturas características tidas como mais evolucionadas, tais como as formas trapezoidais e as cabeceiras rectangulares e em arco ultrapassado. A conjugação destes factores indicia uma cronologia entre os séculos XI e XII (Lopes, 2002, p. 244-246).

Nos casos estudados, não existe uma conjugação dos factores que indicaram a Isabel Lopes as cronologias para determinadas necrópoles. A maioria das sepulturas em análise localiza-se perto de caminhos de cronologias indeterminadas ou em locais com vestígios de ocupação habitacional. Não só não se observaram, como foi já largamente mencionado, relações com povoados fortificados ou locais de culto¹⁴⁴, como também não ocorrem situações preferenciais de localização de determinadas tipologias.

4.2.8 *A construção das sepulturas e os rituais de morte*

As sepulturas inacabadas hoje conhecidas permitem identificar as várias etapas de construção. As razões do não-acabamento de sepulturas são inúmeras, podendo apontar-se os erros de dimensões, orientação ou localização, assim como uma provável reabilitação do moribundo.

O processo iniciar-se-ia com a escolha do local de implantação e a definição da orientação da sepultura. Numa segunda fase, proceder-se-ia à marcação na rocha da superfície a escavar, através de picoteado ou de uma linha contínua (Lopes, 2002, p. 255). Seguidamente, seria escavado o interior com mais ou menos profundidade; num último momento, efectuar-se-ia o alisamento da superfície interna das sepulturas assim como outro tipo de acabamentos. Entre as sepulturas estudadas, pode-se identificar a existência de seis sepulturas inacabadas¹⁴⁵ — em todas elas tinha sido iniciado o esvaziamento do seu interior, quando foram abandonadas.

Mas quem realizaria estes sepulcros? Esta solução de inumação necessita de um conhecimento da arte de trabalhar a pedra e o recurso a instrumentos metálicos, como o pico de ferro, que nem todas as pessoas certamente possuiriam. Relembremos que durante a Idade Média a maioria dos instrumentos agrícolas eram feitos de madeira, sendo por isso pouco provável a teoria de que qualquer indivíduo estaria apto a executar uma sepultura. A existência de canteiros profissionais ou semiprofissionais apresenta-se como mais viável. Contudo, se pensarmos na distribuição das sepulturas como reflexo de um povoamento disperso, é descabida a hipótese de existirem em todos os pequenos núcleos populacionais artífices com esta vocação. Desta forma, a circulação regional, ainda que pudesse ser em áreas relativamente restritas, destes indivíduos é a hipótese que melhor se adequa à realidade estudada. A existência destes artífi-

rocha, que identificou na necrópole de Revenga, com o ritual de lavagem do morto. Na necrópole do Risado, foram identificadas duas estruturas circulares escavadas na rocha, nas imediações das sepulturas 3 e 4 (Tente e Martins, 1994), que talvez pudessem ser pias de lavagem dos defuntos, à semelhança do que acontece nos casos estudados por Adolfo Marques e Barroca.

Mattoso refere que “o medo dos mortos suscita também uma grande quantidade de rituais que consistem, de alguma maneira, em imobilizar o cadáver (decapitá-lo, atar-lhe as pernas, pregar-lhes os pés, amontoar pedras sobre a sepultura, colocar lajes sobre o túmulo, etc.), em provocar a saída imediata do seu espírito, em impedir que o seu espírito regresse ao corpo, tapando cuidadosamente todos os seus orifícios, etc.” (Mattoso, 1997, p. 7). É interessante relacionar estas práticas com as sepulturas antropomórficas, em que o processo de imobilização da cabeça foi materializado na individualização da cabeceira. Relativamente aos pés, parece ter havido também a mesma preocupação de os imobilizar; são exemplo as sepulturas do Carvoeiro 3, da Quinta das Moiras 1, da Moita do Cume e de Monte Aljão 2. É provável que nestes casos se pudesse mesmo pregar os pés.

Após a deposição do morto na sepultura, proceder-se-ia ao fechamento desta, o que poderia ser feito através de uma tampa monolítica. No estudo efectuado, apenas se identificaram uma tampa na necrópole do Risado, que foi escavada do lado interno de forma a servir de “rolha” de uma sepultura ovalada; uma possível tampa monolítica, já muito fragmentada, na necrópole de A-das-Pedras e um fragmento de tampa em rolha mas com rebordo na necrópole de ColíCIAS¹⁴⁶. Ainda assim, os exemplos de rebordos rebaixados ou zonas de encaixe de tampas são inúmeros. Outra solução que tem sido apontada para esta época é a da cobertura por pequenas pedras ou lajes, à semelhança do que foi identificado nas necrópoles do Casal de S. Brás (Encarnação e Duarte, 2000). Após a cobertura pétrea, as sepulturas podiam ainda ser, ou não, cobertas por camadas de terra.

Para Barroca a despersonalização dos cemitérios rupestres é total, nenhum elemento individualizaria as sepulturas (1987). Contudo, esta ideia de Barroca parecer ser parcialmente contraditória com a existência de tampas decoradas associadas a sepulturas escavadas na rocha. A decoração das tampas reflecte uma individualização, perdendo-se o sentido do anonimato. A utilização de materiais percíveis para assinalar os túmulos rupestres também não deve ser posta de lado. O caso da necrópole do Risado parece ser sintomático de uma dessas realidades, a existência de um penedo alto onde foram escavados degraus e cujo o topo possui um pequeno orifício coloca a possibilidade de ter havido aí um poste de madeira que sustentaria, talvez, uma cruz.

A perceptibilidade dos monumentos funerários na paisagem tem sido defendida por diversos investigadores, para os quais a escolha do local era norteadada por preocupações de destaque ou de localização junto a caminhos, seguindo a tradição romana. Não parece que tenham sido tidas em conta as preocupações de destaque paisagístico, já que a maioria das sepulturas se localizam em lugares sem proeminência espacial. No entanto, as sepulturas situam-se comumente nas proximidades de caminhos (na sua maioria de difícil integração cronológica) ou perto de locais de habitação.

As sepulturas escavadas na rocha são o mais visível vestígio da vivência alto-medieval destas terras beirãs. Apesar de serem um dos elementos do mundo dos mortos, elas comunicam-nos algumas imagens da estrutura do povoamento do mundo dos vivos.

Quer os conjuntos de 2/3 sepulturas, quer as sepulturas isoladas têm uma expressão significativa neste espaço dos mortos. Não obstante não estarmos perante todos os dados que a ocupação alto-medieval deixou neste território, pelas limitações inerentes à construção do conhecimento, não deixa de ser sintomático que em toda a área não se tenham identificado grandes espaços sepulcrais que permitam julgar estarmos perante espaços de habitação su-



FIG. 17 – Fragmento de tampa da necrópole de ColíCIAS.

pra familiares¹⁴⁷. É igualmente significativa, apesar da falta de dados provenientes de escavações arqueológicas, a ausência de uma relação clara do espaço sepulcral com um edifício religioso¹⁴⁸, que poderá ser interpretada de duas formas: como reflexo de um povoamento demasiado disperso, ou como uma deficiente assimilação de preceitos religiosos.

A grande diversidade de soluções a nível tipológico identificadas nas sepulturas estudadas poderá encontrar explicação não só nos factores cronológicos, como também em razões de ordem cultural. É provável que numa região relativamente fechada, ainda que palco de inúmeras incursões e mutações político-administrativas, houvesse uma evolução tipológica própria e uma perduração deste tipo de rituais de inumação ao longo de vários séculos. Cada região teve, certamente, os seus ritmos e as suas peculiaridades.

A permanência desta forma de sepultar ao longo do tempo impossibilita a utilização das sepulturas como aferidores de cronologias mais finas. As sepulturas romanas tardias semi-escavadas na rocha devem ser o antepassado das sepulturas alto-medievais escavadas na rocha¹⁴⁹. Parecem ser traços dessa influência antiga a preocupação de colocar estas sepulturas junto a caminhos, tal como se encontra largamente documentado nas áreas estudada e no Douro Superior.

Sepultar na rocha não deveria ser única forma de enterramento. Nas necrópoles que foram arqueologicamente escavadas, por exemplo em Trás-os-Montes¹⁵⁰, foi possível documentar outros tipos de sepulcros, que coexistiam lado a lado com as sepulturas escavadas na rocha. Mas estas eram certamente as sepulturas mais duradouras e nas quais o investimento de construção era maior, o que indica que na Alta Idade Média, mesmo entre camponeses e pastores, havia uma grande preocupação com o espaço do morto.